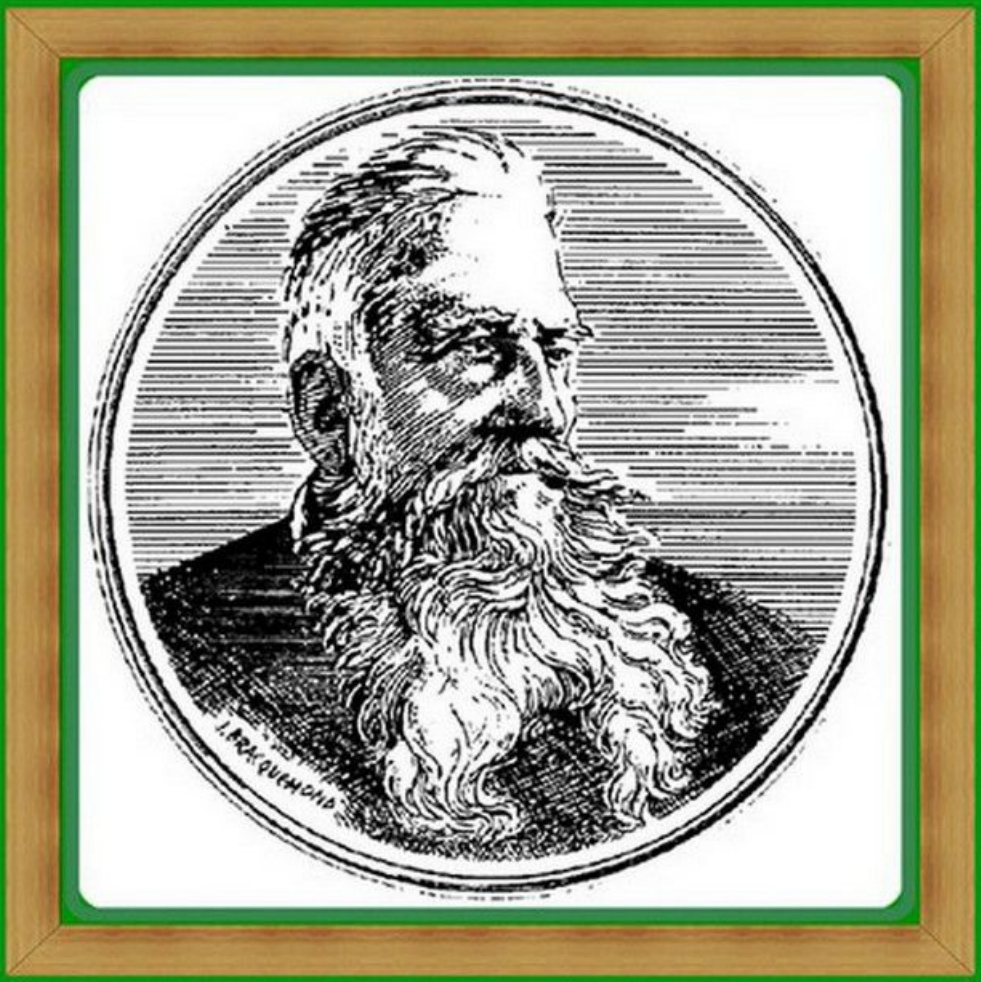
Bases Científicas de Uma Filosofia da História



Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

Bases Científicas de uma Filosofia da História

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição: 2018

Bases Scientifiques d'une Philosophie de l'Histoire.

Paris, 1931

Traduzido por Souza Campos, E. L. de

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Bases científicas de uma filosofia da história

Gustave Le Bon

INTRODUÇÃO

As novas bases de uma filosofia da história.

Sumário

Os princípios gerais de uma ciência constituem sua filosofia. Quando essa ciência se transforma, sua filosofia se transforma igualmente.

A história sofre essa lei comum. Como a maior parte das ideias que lhe serviam de suporte desapareceram uma a uma, ela busca substituir suas antigas bases de interpretação.

Reduzida a uma simples exposição dos fatos dos quais que o mundo foi o teatro, a história parece um caos de inverossimilhanças surgidas de acasos imprevistos. Os acontecimentos mais importantes nela se desenrolam sem relação aparente. Causas infinitamente pequenas produzem efeitos de uma prodigiosa grandeza.

Essa ausência de relação visível entre a insignificância das causas e a imensidão dos efeitos é um dos fenômenos mais espantosos da vida dos povos. Nos confins da Arábia, um obscuro cameleiro

que se acreditava em comunicação com o céu cria uma religião surgida de seus sonhos e, em poucos anos, sob a influência da nova fé, um grande império está fundado. Alguns séculos mais tarde, as palavras inflamadas de novos iluminados precipitam o Ocidente sobre o Oriente e a vida dos povos é mais uma vez tumultuada. Em nossos dias, um ínfimo estado balcânico entra em conflito com uma poderosa monarquia e a Europa se vê devastada pela mais sangrenta das guerras que a história já registrou.

Continuando esta série de imprevisíveis acontecimentos, alguns alucinados, cegados por ilusões políticas tão desprovidas de fundamentos racionais quanto as antigas crenças religiosas, se apoderam da Rússia e este gigantesco império logo soçobra em uma profunda miséria.

Tais fatos desconcertam a razão. Sem dúvida que eles têm suas causas __ até mesmo a incoerência tem as suas __ mas a determinação dessas causas, às vezes tão distantes e complicadas, se coloca acima dos recursos da análise.

*

* *

Os acontecimentos que compõem a história nascem de influências diversas. Umas são permanentes, como o solo, o clima a raça; outras são acidentais, como as religiões, as invasões etc.

Esta noção de causa está entre aquelas que mais estimularam a sagacidade dos filósofos. Aristóteles deu quatro sentidos diferentes para a palavra “causa”. Do ponto de vista prático, ela significa o fenômeno que produz um outro. Mas o efeito logo se torna causal por sua vez e, na realidade, o mundo é constituído por uma engrenagem de necessidades em que cada uma representa ao mesmo tempo um efeito e uma causa.

Em história, os acontecimentos se encadeiam de uma tal maneira que é preciso remontar algumas vezes bem longe, para determinar a sucessão de influências que os fizeram nascer.

Uma das grandes dificuldades do conhecimento histórico deve-se ao fato de que o presente que nos envolve e que vemos bem é a criação de um distante passado que não vemos. Para compreender bem os acontecimentos é necessário remontar uma longa série de causas anteriores.

Poucos fatos são isoláveis em história. Os acontecimentos históricos formam com aqueles dos quais são derivados uma corrente ininterrupta cujos anéis não se pode separar. Sem as lutas civis de Roma os césares seriam impossíveis.

A guerra de 1871 teve como causa imediata um despacho diplomático e como origens distantes a Batalha de Iena, prosseguimento da Revolução Francesa e esta foi uma consequência de uma longa série de acontecimentos anteriores. Sem Iena, não teríamos prova-

velmente conhecido a unidade política da Alemanha que produziu Sedan. Remontando assim na escala das causas, a vitória de Napoleão I preparou o conflito. O ultimato da Áustria à Sérvia, fenômeno inicial da Grande Guerra, foi o resultado de uma longa sucessão de fatos e seria incompreensível sem eles. Suas causas imediatas __ discussão da Sérvia com a Áustria e mobilização consecutiva do exército russo etc. __ pareciam tão pouco importantes que os diplomatas esperavam impedir o conflito. Seus esforços foram inúteis, porque por detrás das pequenas causas presentes se erguia a influência de forças acumuladas há muito tempo no mesmo sentido e cujo peso ultrapassava em muito as tentativas de apaziguamento.

O historiador que se limitasse a pesquisar as origens da guerra europeia nas negociações diplomáticas que em uma semana precipitaram umas sobre as outras as grandes nações da Europa, não compreenderia nada da gênese dessa formidável catástrofe. Ele precisaria sem dúvida se perguntar se todos esses homens de Estado, que, apesar de seus esforços evidentes para conservar a paz, chegaram à guerra, não foram vítimas de demência. Uma série de causas distantes criou forças mais poderosas do que sua vontade. Em vão eles se agitavam para manter uma paz que fugia rapidamente. Em vão eles manifestaram um profundo desespero quando apareceu o abismo fatal aberto diante deles: eles não podiam dominar o presente estando sem ação sobre o passado.

Se para cada acontecimento tivéssemos que estudar a sucessão das causas distantes que o determinaram, a história se tornaria impossível. É preciso então se contentar com o estudo das causas imediatas, depois com o exame sumário das influências gerais que agiram pelo tempo suficiente para criá-las. Fatos tão imprevisíveis quanto a fundação de grandes religiões capazes de mudar as civilizações ou o domínio da Europa por um simples capitão que se tornou imperador, constituem acidentes da história. Mas, ao lado dessas perturbações acidentais, constata-se um encadeamento bastante regular na evolução dos povos. Os elementos fundamentais da vida social __ instituições políticas, propriedade, família etc. __ seguem uma marcha tão rigorosa quanto aquela que leva uma ínfima célula a se tornar um carvalho verdejante. O estado presente de um povo é determinado pela sucessão de seus estados anteriores. O presente surge do passado como a flor da semente.

*

* *

Na época __ pouco distante ainda __ em que Bossuet resumiu, num discurso célebre, as concepções de seu tempo sobre o universo e sobre o homem, a filosofia da história podia formular em algumas linhas uma todo-poderosa Providência que guiava o curso das coisas,

ajustava a sorte das batalhas e nenhum acontecimento podia ser produzido fora de sua vontade.

Os cientistas, de um modo geral, desistiram dessa concepção. No entanto, ela ainda continua bastante difundida. Há poucos anos, um primeiro ministro britânico declarou, do alto da tribuna, que a Providência designou visivelmente a Inglaterra para governar o mundo. Algum tempo antes, foi à Alemanha que, segundo seu imperador, a mesma Providência tinha confiado este papel.

A influência de divinas vontades que dirigem a marcha do mundo, muito viva ainda na vida dos povos, desaparece cada vez mais diante do determinismo que vê na necessidade a alma diretora das coisas.

Não sendo a história uma ciência, mas uma síntese de diversas ciências, sua concepção varia necessariamente de uma era para outra. Com os progressos científicos, sua filosofia atual implica em certas noções essenciais sobre a evolução do universo e a natureza do ser humano. Fomos levados assim a estudar assuntos que não figuram habitualmente nas obras de história, mesmo que eles sejam as suas verdadeiras bases.

*

* *

Até numa época relativamente recente __ pois um século e meio, se muito, nos separa dela __ nossos conhecimentos, fora do domínio da matemática e da astronomia, não ultrapassavam àqueles ensinados há dois mil anos por Aristóteles a seu real amigo Alexandre. O ar, o fogo, a terra e a água eram sempre considerados como os elementos constitutivos do universo. A eletricidade, o vapor e todas as forças que acabariam por dominar a atividade moderna continuavam insuspeitados e o mundo dos infinitamente pequenos, desconhecido. A existência dos seres que precederam o ser humano na superfície do globo e os milhares de anos de pré-história anteriores à aurora das civilizações eram ignorados. Os livros religiosos simplificavam consideravelmente a história de nosso globo, assegurando que há somente 6.000 anos a vontade de um Deus todo-poderoso tinha bruscamente feito surgir do caos a terra, com todos os seres que a habitam. Ignorando as barbáries da era das cavernas, os filósofos admiravam a perfeição imaginária das sociedades primitivas e os teóricos da Revolução Francesa pretendiam reconduzir violentamente o mundo a esse período de suposta felicidade.

A ciência dissipou todos esses sonhos. Ela renovou inteiramente nossas ideias sobre as origens da terra e da humanidade, sobre os fenômenos da vida e sua evolução, sobre o parentesco do ser humano com os animais e suas origens comuns.

*

* *

Uma das características da era atual é a surpreendente rapidez da mudança das ideias. Elas nascem, crescem, turbilhonam e morrem com uma prodigiosa rapidez. Este ciclo é observado em todos os domínios do conhecimento.

Em biologia, a ideia da transformação dos seres por uma evolução contínua __ que impressionou profundamente o mundo científico há não mais do que meio século __ é abandonada e substituída pelo princípio das mutações bruscas.

Em física, as transformações foram mais profundas ainda. O átomo inerte dos antigos físicos tornou-se um sistema solar em miniatura. O éter, considerado como elemento essencial à transmissão da luz, perde sua existência e é momentaneamente substituído por equações que não revelam nada do substrato que lhe serve de suporte.

Até mesmo a imutável astronomia se modificou consideravelmente. Ela acreditava ter atingido os limites das coisas e, por detrás desse universo limitado, ela fez aparecer hoje em dia milhares de mundos de uma colossal grandeza.

*

* *

Uma das descobertas mais características da ciência moderna é a substituição da ideia de estabilidade pela de instabilidade. A terra e os seres que a povoam perderam sua ilusória fixidez. Eles representam edifícios em vias de destruição e de reconstrução permanente. Essa mobilidade contínua do mundo se revelou como uma das leis fundamentais de sua existência.

Em história, as transformações não foram tão profundas. Mas, penetrando na obscura região das causas, apareceu claramente que as razões reais dos acontecimentos diferiam muito das ilusórias interpretações aceitas como dogmas durante muitos séculos.

Não se poderia exigir da história precisões que as ciências apenas começam a realizar. Dada a natureza de nossa inteligência, nós só percebemos esta ciência sob a forma de eventos isolados. Ela só seria concebível de maneira diferente por uma inteligência suficientemente elevada para ver cada fato histórico rodeado pela série de causas que o produziram e pelas consequências que o seguirão. Não sendo nosso cérebro organizado para a noção de um conjunto tal, é preciso se contentar a só perceber os fragmentos das coisas.

*

* *

A história nasceu das reações da alma humana sob influências diversas, mas a natureza dessa alma ainda é mal conhecida. A psico-

logia __ base essencial do conhecimento da história __ só conseguiu até aqui clarear seus contornos.

Dentre os resultados que permitiram transformar nossas concepções da história, é preciso mencionar especialmente aqueles relativos à vida mental estudada pela psicologia moderna.

Mesmo que muito rudimentar ainda, essa ciência contribui cada vez mais para modificar opiniões tidas outrora como certezas.

Ela revelou que o inconsciente, herdado ou adquirido, determina na maioria das vezes os motivadores do comportamento; que forças místicas ou afetivas, muito superiores às forças racionais, regem esse obscuro domínio; que a unidade da personalidade só é aparente e resulta de combinações momentâneas que nos dotam de personalidades sucessivas que predominam cada uma segundo as circunstâncias. A constância das personalidades está assim ligada à constância do meio.

A psicologia mostra ainda que os erros de avaliação dos eventos históricos acontecem, em geral, porque se lhes atribui uma gênese racional, quando na verdade eles são o resultado de influências afetivas e místicas especiais a cada povo, sobre as quais a razão não age; que as crenças religiosas e as crenças políticas com forma religiosa não são edificadas sobre razões; que a mentalidade de uma coletividade difere completamente das mentalidades individuais que a compõem e, por isso, os motivadores que fazem agir um ser isola-

do não têm nenhuma ação sobre o mesmo indivíduo que faz parte momentaneamente de um grupo; que os erros tidos como verdades desempenharam na vida dos povos um papel que ultrapassa às vezes aquele das verdades mais bem estabelecidas.

Fora a narração das realidades que constituem o lado material das civilizações, a história compreende também o estudo das ilusões religiosas e políticas que as orientaram. No mundo moderno, como no mundo antigo, a influência desses grandes fantasmas sempre se mostrou considerável. Para criá-los ou destruí-los, poderosos impérios foram convulsionados e outros ainda o serão sem dúvida.

Os progressos da razão não devem fazer esquecer o papel preponderante das ilusões na vida dos povos. Elas criaram consoladoras esperanças e deram ao ser humano uma força de ação que nenhuma influência racional jamais igualou. O irreal foi, desta forma, um grande gerador do real.

*

* *

Não passando a filosofia da história do último capítulo de uma filosofia geral do mundo, fomos levados a expor rapidamente algumas das concepções novas que os progressos científicos permitem formular.

Ao invés de isolar o ser humano do imenso passado do qual ele é a floração, nós o ligamos ao conjunto dos seres que o precederam sobre nosso planeta e mostramos assim que o mundo mineral, o mundo vegetal e o mundo animal são etapas sucessivas de um vasto conjunto. Pelas transições insensíveis, a matéria inerte das primeiras eras, simples condensação de energia, se transformou em matéria viva e finalmente pensante.

Uma exposição tal era necessária para mostrar as mudanças profundas em vias de acontecer no pensamento humano sobre concepções outrora consideradas como verdades eternas e que serviam de base para a interpretação da história.

Não podendo desenvolver nesta obra todos os elementos de uma filosofia da história, eu limitei seu estudo às seguintes quatro divisões:

1º) Pesquisas científicas que levam a modificar inteiramente as antigas ideias sobre os fenômenos da vida, as origens do ser humano e a evolução dos elementos que o formam;

2º) Concepções sucessivas dos historiadores sobre os diversos fatos históricos;

3º) Métodos que permitem reconstituir os acontecimentos do passado e suas causas;

4º) Pesquisas do papel exercido sobre as variabilidades da personalidade pelos grandes fatores da história: crenças religiosas e políticas, influências econômicas etc.

Estudando as conjecturas que a ciência permite formular sobre as forças criadoras do universo, as origens do mundo e sua instabilidade, a natureza do ser humano, os fenômenos da vida, as origens da atividade dos seres, a vida instintiva etc. veremos as antigas doutrinas __ cujo espírito sobreviveu até aqui __ desaparecerem uma a uma e serem substituídas por princípios inteiramente novos.

Edificada sobre estas bases científicas, a história ganha um interesse imprevisto. Ela representa uma síntese de todos os conhecimentos sobre o mundo e sobre o ser humano. Assistimos assim ao nascimento de uma filosofia da natureza e, por consequência, da história, totalmente diferente daquelas que a precederam.

Livro I

Filosofia atual do mundo. A instabilidade do mundo e sua evolução.

Capítulo I

As forças criadoras. A natureza do ser humano e os limites atuais de nossos conhecimentos.

Sumário

As ideias fundamentais com que o pensamento humano viveu por tanto tempo, sobre as origens do mundo, a natureza do ser humano, as forças criadoras do universo, sofrem hoje em dia transformações completas. A aquisição, sobre estes assuntos, de conhecimentos científicos novos, provocou indiretamente, como consequência, importantes mudanças nas concepções da história e nós resumiremos brevemente algumas delas.

A primeira das concepções seculares destruída pela ciência foi aquela relativa à criação do mundo. As diversas religiões o fazem surgir espontaneamente do nada pela vontade de um criador.

Tradições idênticas em todos os povos ensinavam igualmente que o ser humano havia sido objeto de uma criação especial que o separava nitidamente dos outros seres. Com uma alma imortal, um

todo poderoso criador o havia dotado de razão; os outros seres só possuíam, para orientá-los na vida, instintos automáticos.

Após ter relegado a terra ao nível modesto que ela ocupa no mundo, a ciência logo deveria ligar o ser humano à longa série de seres que o precederam.

Às antigas ideias sobre sua criação sucedeu a teoria da evolução por transformações sucessivas, indo do micróbio das primeiras eras até o ser humano. A antiga noção de estabilidade se viu assim progressivamente suplantada pela noção de instabilidade.

Os primeiros seres eram formados de simples células infinitamente pequenas, comparáveis aos micróbios atuais. Eles logo deram nascimento a vegetais mais complicados, depois a animais diversos __ répteis, peixes etc. __ em que, alguns deles gigantescos, eram suficientemente fortes para aniquilar os outros. Esses reis provisórios da criação tiveram uma existência com uma duração às vezes muito longa, mas que não se prolongou indefinidamente. Segundo os números dados pelo Sr. E. Perrier, diretor do Muséum: “Os escorpiões e os tubarões já duram uma dezena de milhões de anos. Os enormes cloportes marinhos e os trilobitas prosperaram durante quinze milhões de anos, depois desapareceram. Os trilobitas foram enfim destruídos por outros crustáceos, os belenitas.

Nossos oito mil anos de civilização parecem de uma duração bem curta, comparados com tais números.

Outras pesquisas mostraram que, aos oito ou dez mil anos conhecidos de história, foi preciso acrescentar cinquenta a cem mil anos, pelo menos, de pré-história.

Todo esse tempo foi necessário ao ser humano para se desligar lentamente do mundo animal de onde surgiu. Nesse período, ignorando a agricultura e os metais, só possuindo fragmentos de sílex grosseiramente talhados como armas e só possuindo cavernas como abrigo, ele esboçou os rudimentos de sua futura grandeza.

*

* *

Apesar de todas as descobertas, um abismo insuperável parecia persistir ainda entre o animal e o ser humano. Um novo estágio do pensamento deveria ser superado antes de reconhecer que, se eles se diferenciam pela inteligência, essa desigualdade é devida à quantidade e não à natureza dessa inteligência.

Para a ciência moderna, o ser humano não passa do último termo da longa série de seres que o precedeu. Se ele os ultrapassa imensamente no círculo da vida intelectual, ele permanece seu igual no círculo da vida orgânica e, como destacaremos mais adiante, se distingue muito pouco deles no círculo da vida afetiva.

As diferenças intelectuais que separam o ser humano do animal parecem imensas porque nós comparamos o civilizado com a-

nimais que permaneceram em fases de evolução inferiores. As diferenças desaparecem, ou pelo menos se atenuam, quando se coloca em paralelo com os animais não o ser humano atual, mas seus ancestrais que, durante uma longa série de séculos, viveram no fundo das cavernas, no meio dos grandes mamíferos, dos quais eles se distinguiam muito pouco.

As sociedades rudimentares formadas por nossos primitivos ancestrais não parecem ter possuído uma organização muito superior àquela que as investigações modernas fizeram aparecer em diversas sociedades animais.

Após ter por muito tempo negligenciado seu estudo, a ciência acabou por descobrir nelas organizações bem engenhosas, leis morais extremamente severas e alguns hábitos que revelam formas de inteligência ignoradas pelo ser humano e que, na falta de explicação, ele qualifica de instintos. Muitas sociedades animais não se mostram inferiores a algumas populações primitivas; as do centro da África, por exemplo.

O abismo outrora suposto entre as sociedades humanas e as sociedades animais provinha então unicamente de uma insuficiência de observação.

*

* *

As antigas concepções sobre a criação do mundo e a natureza do ser humano derivavam dessa crença geral em todos os povos, em todas as eras de sua história, de que a terra e a humanidade eram conduzidas por seres superiores, senhores soberanos do universo.

Em nossos dias, o pensamento religioso e o pensamento científico tomaram duas direções nitidamente divergentes. Nas concepções tradicionais, deuses soberanos que precisam ser implorados sempre dirigiam o mundo; nas concepções científicas, esses deuses pessoais foram substituídos por forças impessoais possíveis de escravizar.

Múltiplas observações vieram provar que a instabilidade e a mudança eram as condições necessárias de todos os elementos do universo; desde o rochedo, cuja rigidez parecia desafiar o curso das eras, até os astros brilhantes que cintilam na noite. A natureza não conhece descanso. A própria morte não conseguiria por fim às constantes modificações sofridas por todos os seres e que são as condições fundamentais de sua evolução. Cientificamente considerada, ou seja, fazendo abstração das crenças religiosas, ela aparecia outrora como uma destruição definitiva. Com as novas teorias, considerando a personalidade como um simples agregado de individualidades ancestrais, a morte torna-se uma nova forma de vida.

*

* *

Tal como a ciência o concebe hoje em dia, o universo parece constituído por um encadeamento de necessidades que determinam a evolução dos seres e dos fenômenos.

O papel da necessidade como elemento criador aparece em todos os fenômenos da natureza.

Essa noção moderna não corresponde de maneira alguma com a antiga ideia de fatalidade. Ela significa simplesmente que cada fenômeno é rigorosamente determinado por certas causas.

O negro carvão torna-se necessariamente um diamante cintilante quando se manifestam certas condições do meio. A água torna-se necessariamente líquida, sólida ou gasosa sob influências fixas.

Essa noção de necessidade não constitui, aliás, uma simplificação dos fenômenos. Sua interpretação é bem mais complicada, na realidade, do que na época em que a divina providência fornecia uma explicação universal para as coisas.

Impotente para criar, a ciência pode somente coordenar as necessidades que determinam o aparecimento dos seres e das coisas. Desta forma, ela maneja, sem conhecer sua natureza, o calor, a eletricidade e a vida. Quanto às explicações, a ciência se limita a dizer: o calor é uma força desconhecida em sua essência, capaz de dilatar os corpos e que se mede pelo grau dessa dilatação. A gravidade é uma força desconhecida em sua essência, capaz de atrair os corpos e que se mede pela potência dessa atração. A eletricidade é uma força

desconhecida em sua essência, capaz de produzir certos efeitos luminosos, caloríficos etc. e que se mede, também ela, pela intensidade desses efeitos. Essas constatações marcam o limite de nossos conhecimentos. A região das causas permanece ainda fechada.

*

* *

A astronomia, que contava outrora com apenas alguns milhares de estrelas no firmamento, descobriu nele bilhões e este número aumenta a cada dia com a crescente perfeição dos métodos de observação. Com os limites do universo recuando sempre, é preciso agora supô-lo sem limites, ou seja, sem começo nem fim.

O mundo é conduzido por um determinismo absoluto, resumido na hipótese de Laplace, segundo a qual, uma inteligência pretensiosa poderia ler na nebulosa todos os acontecimentos sucessivos da história? Mesmo que esta hipótese fosse demonstrada, somos obrigados a agir como se ela não o fosse.

Sofrendo a lei da evolução que condena todas as coisas a mudar, os astros se encontram necessariamente em fases de desenvolvimento extremamente desiguais. Parece então provável que os seres que habitam sua superfície atravessaram, também eles, períodos desiguais de desenvolvimento. Há neles, sem dúvida, uma inteligência que é como a do ser humano e uma que é como a de um inseto.

Sendo o poder absoluto um atributo do infinito saber, o poder desses seres superiores sobre a natureza deve ser imenso. Lendo tão facilmente, talvez, no passado quanto no futuro, eles possuiriam conhecimentos que nós mal podemos vislumbrar a extensão.

É no mistério impenetrado dessas regiões distantes que a fé mística pode, em nossos dias, colocar os deuses que a alma humana jamais dispensou.

Capítulo II

Os fenômenos da vida e as formas ignoradas de inteligência.

Sumário

A história não tem que se ocupar com a estrutura dos seres cujos atos ela registra. No entanto, é útil indicar sumariamente a natureza de nossos conhecimentos sobre os fenômenos da vida e do pensamento, donde todas as ações humanas e suas interpretações derivam.

Só se estuda habitualmente as manifestações vitais entre os animais e entre os vegetais, como se o reino mineral permanecesse fora do círculo da vida.

Com os progressos científicos, essa distinção não poderia ser mantida.

A vida é constituída por um conjunto de reações em que algumas, como a sensibilidade, são comuns a todos os seres, da pedra até o ser humano, enquanto que outras, como o pensamento, só são observadas nos seres superiores.

A sensibilidade é o fenômeno mais simples e o mais geral da vida. Toda matéria a possui. Observações precisas provaram que corpos extremamente rígidos, insensíveis em aparência __ uma barra de aço, por exemplo __ reagem sob a influência de uma elevação de temperatura de um milionésimo de grau, ou seja, ao calor que produziria uma vela colocada a uma dezena de quilômetros.

A sensibilidade da matéria é a consequência de uma adaptação rápida às mudanças do meio que a rodeia. Sob as variações diversas do meio o mesmo corpo assumirá a forma líquida, gasosa, cristalina ou coloidal, para se adaptar às influências exteriores.

Pode-se ainda considerar como uma manifestação vital da matéria o movimento permanente das partículas com que são formados os átomos que a compõem. Cada um deles, apesar de sua infinita pequenez, é formado de partículas que gravitam ao redor de um centro, como giram os planetas ao redor do sol. O bloco constituído por um rochedo parece imóvel. Ele o é em seu conjunto por um certo

tempo, com efeito, mas não nas partículas que o compõem, pois elas são sensíveis às menores variações de temperatura.[1]

*

* *

Muito superior em algumas reações ao mundo mineral, o mundo vegetal apresenta, no estado rudimentar, fenômenos cuja complexidade se manifestará somente no mundo animal. Essa diferença de

[1] O leitor que se interessar por essas questões as encontrará desenvolvidas em meu livro **L'Évolution de la Matière**. Após pesquisas contínuas durante dez anos, cujos detalhes eu publiquei em dezoito relatórios, eu cheguei à conclusão de que, contrariamente a todas as ideias tradicionais, a matéria era constituída por uma colossal condensação de energia, cuja ordem de grandeza, aliás, eu jamais precisei. Esses resultados, que espantaram de início, foram confirmados pelas pesquisas recentes de diversos físicos. Elas estão resumidas em um artigo do Sr. Professor Boutaric, publicado pela **Nature**, de 15 de abril de 1929. Ele contém as seguintes linhas: "As experiências de Rutherford aportam um argumento preciso em favor da hipótese defendida pela primeira vez por Gustave Le Bon, de que os átomos são construções instáveis que encerram uma reserva considerável de energia __ energia intra-atômica __ que eles poderiam liberar com sua desintegração".
As pesquisas recentes de físicos mostram que o antigo átomo composto de elementos inertes, sem estrutura, é, pelo contrário, de uma complicação excessiva.
Cada um deles é composto por partículas elétricas negativas qualificadas de elétrons, em rotação permanente ao redor de um centro de eletricidade positiva qualificada de próton, como os planetas giram ao redor do sol.
A maior parte do átomo seria então vazia. Calculou-se que, se aproximássemos até o ponto em que todos os elementos de um átomo pudessem se tocar, o volume de uma pessoa adulta de cem quilos seria bem inferior ao de uma cabeça de alfinete, sendo que essa cabeça de alfinete continuaria pesando cem quilos. Essa aproximação dos átomos parece se efetuar em diversas estrelas, particularmente na constelação de Sírius.
A densidade da matéria seria nela, por essa razão, cinquenta mil vezes superior a da água.

grau foi a origem da antiga distinção entre o mundo mineral e o mundo vivo.

Os dois grandes motivadores de atividade dos animais, o prazer e a dor, já aparecem esboçados no mundo vegetal.

A planta foge da dor e procura o prazer, quando, incomodada com a escuridão, ela supera múltiplos obstáculos para encontrar o raio de sol de que ela precisa e que constitui seu bem estar.

Esses fenômenos de sensibilidade são acompanhados por muitos outros de mesma ordem, como as tentativas de luta pela existência constatadas nas raízes de certas árvores __ o castanheiro, por exemplo __ que caminha muito longe a fim de disputar ao sol, com as raízes de outras plantas, o alimento que lhe é indispensável. Para transformar essas manifestações em atos mecânicos, numa época em que a ciência acreditava ter que estabelecer barreiras entre a matéria e a vida, o termo tropismo foi imaginado, mas ele representa um efeito e não uma causa.

Dentre essas barreiras estabelecidas outrora pela ciência no seu início figuravam as diferenças imaginadas primitivamente entre os animais e o ser humano. Elas desaparecem cada vez mais hoje em dia.

No que diz respeito à vida orgânica, a igualdade entre o ser humano e os animais é total. No mais humilde dos mamíferos, todas

as funções da vida fisiológica __ circulação, digestão, respiração etc. __ acontecem exatamente como no ser humano.

No âmbito dos sentimentos e das paixões, que constituem a vida afetiva, a diferença entre o ser humano e os animais é notável, mas não imensa. O ciúme, o ódio, o amor e todas as paixões que guiam o ser humano dirigem também o animal.

*

* *

Para tornar-se viva, a matéria sempre toma uma forma celular. É no seio dessas células que o calor, a eletricidade, as forças diversas fornecidas pelo ar e os alimentos se transformam em energias novas necessárias ao desenrolar da vida.

Dentre as forças, cujo conjunto constitui a vida orgânica, umas se comportam como agentes muito cegos __ como a gravidade __ e outras, pelo contrário, parecem dirigir as operações com uma maravilhosa previdência, infinitamente superior àquela que poderia, não realizar, mas simplesmente compreender, a razão mais esclarecida. Medidas na escala de nossas avaliações humanas elas revelariam uma maravilhosa sagacidade diretora.

Uma perspicácia transcendente parece dirigir o trabalho celular. No estado atual da ciência, nenhum cientista conseguiria resolver

os formidáveis problemas de física e de química, cuja solução é encontrada a cada instante por humildes células.

O corpo de um mamífero qualquer pode ser comparado a uma vasta usina que compreende vários milhares de células microscópicas em que cada grupo representa uma associação de ativos trabalhadores[2]. Esses grupos são colocados sob a direção de centros nervosos que se poderia qualificar de centros de raciocínio biológico.

Cada uma dessas categorias de trabalhadores celulares está ocupada com diferentes tarefas, perfeitamente definidas. Equipes de pequenos químicos fabricam sem parar produtos complicados que outros distribuem para a manutenção dos órgãos.

Numa fábrica comum o trabalho é fácil porque cada trabalhador realiza sempre as mesmas manobras. Numa fábrica viva, o trabalhador deve modificar seu trabalho __ sem repetir __ de acordo com as circunstâncias. Quando, por exemplo, um vírus qualquer é injetado num animal, centros nervosos desconhecidos prescrevem a certas células a fabricação desses produtos chamados anticorpos, cuja composição complicada varia com a natureza dos venenos que ele tem que neutralizar.

[2] O número desses pequenos trabalhadores é prodigioso. Os glóbulos sanguíneos, por exemplo, são de 4 a 5 milhões por milímetro cúbico. Após ter percorrido 4 a 500.000 vezes o trajeto do coração aos diversos órgãos, eles vão terminar sua existência no baço e são substituídos por novos glóbulos.

Somos assim levados a supor, nas células vivas, formas de conhecimento imensamente superiores à nossa inteligência, mas limitados a objetivos determinados.

O mecanismo dessas forças ainda nos é tão desconhecido quanto a natureza daquele que faz surgir células cerebrais, os prodigiosos edifícios do pensamento.

*

* *

A embriologia e a paleontologia mostram que as formas presentes são determinadas por seus estados anteriores. Cada indivíduo começa sua existência por uma célula análoga àquela que, num passado distante, foi o ponto de partida da vida; mas o caminho que precisou de séculos para ser percorrido é atravessado em poucas semanas no seio materno. Durante seu estado embrionário, o ser apenas esboça as formas intermediárias onde ele esteve estabilizado outrora, durante sua imensa vida ancestral.

Essas misteriosas influências dominantes, que condenam o mundo a mudar sempre, não passam de manifestações visíveis de necessidades invisíveis __ substrato ignorado das coisas __ sintetizadas no termo natureza.

Todas as observações contidas neste capítulo, mesmo que se distanciando, em aparência, da filosofia da história, ligam-se a ela

estreitamente. Elas nos mostram que um acúmulo de eras foi preciso para que os átomos da primitiva nebulosa __ de onde nosso mundo deriva __ progressivamente passassem da vida mineral para a vida pensante.

Capítulo III

As origens da atividade dos seres. A vida inconsciente no animal e no ser humano.

Sumário

Todas as causas de atividade dos seres, do micróbio ao ser humano, podem ser reduzidas a um só: o desejo; o desejo de conseguir o prazer e o desejo de fugir da dor. Portanto, não é inútil estudar a influência dos elementos psicológicos motivadores de nossos atos, num livro dedicado à história.

Esta afirmação, com relação ao princípio de toda atividade, poderia parecer chocante numa primeira vista, em razão dos diversos sentidos atribuídos às palavras prazer e dor.

Pode-se objetar, com efeito, que não é por prazer que se cuida de um doente contagioso ou que se joga na água ou no fogo para salvar um semelhante. Mas, na realidade, nestes casos, como em muitos outros de mesma ordem, o termo prazer significa simples-

mente a satisfação experimentada ao obedecer a um dever. A dor seria, pelo contrário, constituída pela recusa em cumpri-lo.

Não se vê também, numa primeira abordagem, que papel pode desempenhar o prazer na ação de chocar, a qual se submete o pássaro. Muito menos o percebemos na dificuldade que tem o inseto para preparar a alimentação do verme saído do ovo, que ele não verá eclodir.

Na realidade, o instinto que leva a tais atos é um desejo fixado pela hereditariedade e a dor consistiria em não ceder a ele.

Prazer e dor são, portanto, a origem de todas as sugestões de onde derivam os atos do mundo vivo. O caráter imperativo dessas sugestões depende do grau de evolução dos seres. O primitivo obedece a ele imediatamente, sem refletir, como fez Esaú ao vender seu direito de primogenitura distante contra o prato de lentilhas presente. A civilização ensina progressivamente a disciplinar os impulsos nocivos, opondo a eles a imagem de uma consequência distante da satisfação de um desejo imediato.

Se um Deus todo poderoso suprimisse o prazer e a dor, a vida se extinguiria rapidamente na superfície do globo. Não conhecendo mais a fome, nem a sede, nem o amor, nem nenhum motivador de ação, nenhum motivo, mesmo de ordem intelectual, poderia fazer com que o ser vivo saísse de uma indiferença inerte, cuja consequência fatal seria a morte.

*

* *

Mesmo que as analogias entre a vida dos seres organizados e a da matéria sejam bem distantes, pode-se dizer, considerando o desejo como uma atração e a dor como uma repulsão, que esses dois fenômenos são observados também no mundo material. É, com efeito, por atrações e repulsões produzidas no seio da matéria que se manifestam as forças físicas: gravidade, calor, eletricidade etc. As duas grandes constantes do universo __ o movimento, ou seja, a força e a resistência ao movimento, ou seja, a inércia __ são traduzidas igualmente por atrações e repulsões.

Não se poderia, no entanto, levar mais longe essas analogias.

Isso seria, aliás, saber bem pouca coisa da vida dos seres e se limitar a estudar os elementos fundamentais de sua atividade. O prazer e a dor podem ser produzidos por uma gama enorme de causas e são essas diversas causas __ necessidades, paixões, sentimentos __ que importa conhecer quando se quer determinar as origens dos acontecimentos que constituem a trama da história.

*

* *

Confinada ao estudo da razão consciente, a antiga psicologia não se dava nenhuma conta das influências inconscientes que, na realidade, são a origem de todos os atos, do animal ao ser humano. Ela separava completamente o instinto da razão. Para explicar o comportamento dos animais, criou-se uma dessas teorias místicas que ainda povoam as ciências. A benevolente natureza lhes teria dado uma aptidão especial __ o instinto __ que lhes permite se conduzir sem raciocinar. Diferenciava-se o instinto da razão assegurando que o primeiro constitui um mecanismo que obriga os animais a fazerem sempre as mesmas coisas, de maneira invariável. Muitos cientistas __ Descartes, particularmente __ consideravam o animal como um simples autômato que repete cegamente atos idênticos, sem poder mudá-los.

Uma teoria tal não é mais defensável hoje em dia. Observando melhor os animais, do mamífero mais elevado ao mais humilde inseto, nós os vemos variarem seus atos de acordo com o objetivo a atingir, o que é justamente a característica da razão e o contrário do instinto automático.

Vários naturalistas acreditaram poder considerar os instintos como simples acumulações hereditárias. Há muitos casos em que esta explicação não poderia esclarecer, como a habilidade previdente com a qual certas vespas paralisam outros insetos, de maneira a imo-

bilizá-los até que sua larva esteja suficientemente desenvolvida para se alimentar dela.

Os atos dessa natureza podem ser qualificados de puramente instintivos, mas restam outros nos quais a conduta varia de acordo com as circunstâncias e apresentam, por consequência, as características fundamentais da razão. É isto que faz cientistas naturalistas dizerem __ o professor Bouvier, particularmente __ que os insetos raciocinam como o ser humano. Na realidade, parece mais exato supor que o animal não raciocina como o ser humano, mas possui modos de conhecimento diferentes dos nossos. Seriam eles que determinariam o comportamento de certos mosquitos, o *culex pipiens*, particularmente. Em plena estação de postura, sua fêmea retêm seus ovos por várias semanas se ela não dispõe de água suficiente para assegurar a vida de sua progenitura. A emissão dos ovos é nela, portanto, um ato voluntário. Ela age assim unicamente no interesse distante da espécie. Os hábitos das abelhas escapam igualmente das antigas definições de instinto. Não apenas elas modificam seus métodos de construção e de aprovisionamento alimentar de acordo com o clima, mas também elas possuem a faculdade maravilhosa de modificar a vontade o sexo de suas larvas, mudando a composição química da alimentação. Quando um acidente priva a colmeia de sua rainha, elas dão a alimentação que permite transformar uma larva em nova rainha.

Numerosas são as observações de mesma ordem. Disso resulta que o instinto não pode mais ser olhado como um tipo de faculdade invariável, dada pela natureza aos animais ao criá-los. Ele faz parte dessas forças inconscientes que se pode constatar no animal e no ser humano; faculdades cuja importância a ciência apenas começa a suspeitar.

*

* *

A vida inconsciente parece poder ser dividida em inconsciente orgânico e em inconsciente psíquico.

O inconsciente orgânico __ forma de atividade transcendente, cuja natureza permanece totalmente desconhecida __ preside as funções vitais: circulação, respiração, digestão, evolução dos órgãos etc. As operações executadas sob sua influência são __ nós já mencionamos isso __ tão complicadas que o mundo ainda não viu nascer um gênio capaz de compreendê-las.

O inconsciente psíquico __ tão ignorado, aliás, em sua essência, quanto o precedente __ está na base das funções intelectuais e armazena seu trabalho. É da sua utilização que toda educação deriva. Graças à sua propriedade de acumular e de conservar as impressões, coisas aprendidas com esforço são praticadas em seguida sem esfor-

ço. A educação é por isso __ como eu já tentei demonstrar em outro lugar[3] __ a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente.

Mesmo que a ciência não tenha ainda conseguido penetrar muito no estudo do inconsciente, ela constata cada vez mais que nesta região são elaborados os motivadores de muitos atos atribuídos outrora unicamente à razão. Eu comparei, em outro lugar, a vida puramente intelectual, a essas pequenas ilhotas que surgem na superfície dos oceanos e que não passam, na maioria das vezes, de cumes de grandes montanhas submersas. As altas montanhas invisíveis representam o inconsciente e os pequenos cumes mal percebidos, a vida consciente.

A superioridade imensa do ser humano sobre o animal está no fato dele ter podido sair um pouco da vida instintiva subconsciente na qual o último permanece mergulhado. Ele sai dela, aliás, só pela metade e nunca por muito tempo.

A civilização serve para refrear as sugestões inconscientes nocivas ao indivíduo e à sociedade. Os Códigos __ principalmente os religiosos __ fornecem representações mentais inibidoras, ou seja, sugestões permanentes capazes de refrear as sugestões variáveis provocadas pelos desejos.

[3] Gustave Le Bon. **Psychologie de l'Éducation**. Paris, 1910 (Nota do tradutor).

*

* *

O conflito entre os impulsos inconscientes da vida afetiva e as influências conscientes da vida intelectual domina a história dos povos. Da vida intelectual surgem as maravilhas da ciência que determinam os progressos da civilização. Da vida instintiva nascem as paixões e todas as lutas que perturbam a existência dos povos. Isso será assim, sem dúvida, até o dia em que, livre da vida inconsciente ancestral, a humanidade terá evoluído suficientemente para que possa predominar o papel da razão. Ela ainda não atingiu essa fase e, por isso, a história contém tão poucos acontecimentos inspirados pela razão pura. O ser humano construiu monumentos e determinou o curso dos astros, mas, nas ações que constituem a vida dos povos, a influência da lógica racional é sempre muito pequena.

Estamos muito longe da ideia de que a vida inconsciente seja especial aos animais. Bastaria olhar atentamente para constatar que ela forma o fundo de nossa existência individual e social. É de hábitos inconscientes que uma verdadeira moral deriva e é sobre costumes que se tornaram inconscientes que a estabilidade das civilizações repousa.

Esses costumes desempenham um papel preponderante na vida das sociedades. Elas criam as unidades de pensamento e de ação sem as quais nenhuma civilização pode durar. Assim que um povo perde

os costumes diretores de sua atividade ele oscila a mercê do acaso e cai na anarquia. Sem os hábitos inconscientes que orientaram sua vida a humanidade não teria tido história.

Capítulo IV

A variabilidade das personalidades individuais e coletivas.

Sumário

Dentre as noções psicológicas em vias de desaparecer figura a invariabilidade da personalidade.

Outrora suposta única, essa personalidade aparece, cada vez mais, múltipla e composta por elementos aos quais apenas a constância do meio confere uma aparente unidade.

A antiga noção de invariabilidade da personalidade parecia justificada pelo fato de que cada indivíduo manifesta um certo número de reações que se repetem na vida corrente, sem grandes mudanças. Sem dúvida que, certas variações de caráter num mesmo indivíduo sempre foram observadas, mas a ignorância de sua natureza e dos motivos reais donde elas emanam as faziam serem qualificadas pelo obscuro termo caprichos.

A ilusão de uma personalidade invariável repousava igualmente sobre aquela da estabilidade material aparente do corpo. A perso-

nalidade física, com efeito, que serve de quadro para a personalidade moral, se transforma de maneira suficientemente lenta para dar a impressão de invariabilidade.

Na realidade, a personalidade corporal varia __ também ela __ constantemente. A ilusão de sua estabilidade resulta somente da imperfeição de nossos meios de observação. São necessários anos ao olho humano para constatar o que um instrumento de precisão competente indicaria em alguns minutos.

Quer se trate de personalidade física ou de personalidade moral, jamais se vê duas vezes o mesmo ser. O que conhecemos das pessoas que nos rodeiam e o que elas conhecem de si mesmas revela apenas uma de suas personalidades possíveis. No entanto, é indubitável que essas variações não eliminam a influência constante da herança. Cada célula nova, herdeira de uma célula anterior, conserva forçosamente um certo número de suas aptidões. Esses elementos atávicos dão ao indivíduo disposições inatas em que algumas são comuns a todos os seres de uma mesma família ou de uma mesma etnia.

Nos povos estabilizados há muito tempo por interesses comuns e crenças comuns, as variações de personalidade são limitadas. Disso resulta que ingleses, alemães, franceses etc. possuem em algumas questões um fundo de sentimentos e de ideias semelhantes àquele de seus compatriotas, mas diferem notavelmente de um povo a outro.

Nos povos não estabilizados __ os eslavos, por exemplo __ a personalidade varia constantemente.

Fora dessa estabilidade profunda de alguns elementos étnicos, muitas mudanças de personalidade se produzem sem parar no decorrer da vida cotidiana. Poder-se-ia mesmo dizer que a individualidade cotidiana varia com os acontecimentos e segundo os seres que visitamos. A mentalidade desses seres determina a nossa, como as variações de temperatura determinam as do termômetro.

Estas observações permitem explicar fenômenos que sem elas seriam ininteligíveis. Quando, por exemplo, em um só dia vemos a mesma pessoa enunciar proposições de valores bem desiguais, podemos afirmar que, apesar das aparências, estivemos diante de dois seres bem diferentes, que só tinham em comum a forma.

*

* *

A principal causa de nossas variações de personalidade está na mudança de nossas representações mentais. São delas, com efeito, que decorrem nossos julgamentos, nossas alegrias e nossas dores. Os maiores benfeitores da humanidade seriam os gênios capazes dar às pessoas o poder de criar, segundo seus desejos, representações mentais de felicidade tão vivas quanto aquelas provocadas pela realidade. Os seres persuadidos desta forma seriam perfeitamente felizes, pois

todos os seus sonhos pareceriam realizados. Eles se tornariam, por exemplo, instantaneamente iguais aos mais poderosos monarcas e habitariam, por um só ato de sua vontade, em palácios muito luxuosos.

Todos os fundadores de religiões __ Buda, Jesus, Maomé etc. __ só transformaram o mundo porque deram aos humanos o poder de criar representações mentais semelhantes àquelas produzidas pela realidade. Mas essas representações eram condicionadas __ e, por consequência, imperfeitas __ pois faziam a mente oscilar entre uma perpétua infelicidade e uma definitiva felicidade. Foi para obedecer a representações mentais que tantas pessoas sacrificaram sua vida para o triunfo das quimeras que as dominavam.

Pode-se concluir disso que, uma representação mental age como uma realidade e pode criar momentaneamente uma nova personalidade.

*

* *

Nossas múltiplas personalidades têm origens bem distintas: 1º) os elementos ancestrais legados pela hereditariedade; 2º) os elementos adquiridos ou impostos pelo meio __ a educação etc.

Das influências hereditárias inevitáveis derivam as qualidades de caráter forçosamente muito estáveis que fazem a força ou a fra-

queza dos indivíduos, bem como a dos povos. A personalidade ancestral fica geralmente ignorada pela personalidade adquirida, mesmo que ela possa entrar em conflito com ela. Cada ser vivo é um cemitério onde dormem numerosos ancestrais, que despertam às vezes para enunciar vontades imperiosas.

Não possuindo a rigidez da alma ancestral, nossa mentalidade adquirida __ por mais fixada que ela possa estar pela educação, o meio, as crenças religiosas etc. __ é suscetível de grandes variações. A personalidade moral, que representa uma reação de combinações formadas por nossa individualidade e as das pessoas com as quais entramos em relação, se revela, com efeito, particularmente móvel quando ela precisa se adaptar a acontecimentos imprevistos.

A história, nas épocas de grandes crises sociais, está cheia dessas bruscas mudanças.

Os sanguinários heróis da Revolução Francesa, que saqueavam as tumbas dos reis e mandavam cortar centenas de cabeças, eram, em tempo normal, pacíficos burgueses, magistrados, tabeliães, advogados etc. Passada a tormenta, eles não compreenderam nada dos atos cujos autores foram eles. Como poderiam compreendê-los, se a personalidade efêmera que os tinha feito cometer aqueles excessos não existia mais?

Variações mentais tão grandes assim não são observadas somente durante as convulsões históricas, como as guerras ou as revo-

luções; elas podem aparecer também sob a influência de uma fé religiosa muito viva ou de paixões fortes, como o amor. Não são os discursos mas os atos que revelam então a personalidade do momento.

A maior parte das religiões produzem súbitas mudanças de personalidade, suficientemente intensas para levar os crentes a sacrificar sua vida para o triunfo de seu ideal místico.

As personalidades inesperadas surgidas sob a influência do amor preenchem igualmente a vida das sociedades e foram utilizadas pelos dramaturgos de todas as eras. Mesmo ignorando a teoria das personalidades múltiplas, diversos autores deram exemplos impressionantes delas. Como, particularmente, a história da matrona de Êfeso, legada pela antiguidade greco-romana e frequentemente comentada, de Petrônio a La Fontaine. Como ainda a peça intitulada **Ricardo III**, de Shakespeare, onde se vê uma nobre dama esquecer em alguns minutos seus sentimentos de ódio contra o assassino de um esposo adorado, cujo caixão ainda se encontrava, no entanto, ao seu lado.

*

* *

As variações de personalidade são sempre acompanhadas de variações fisiológicas.

Há um tempo atrás eu construí vários instrumentos para medir estas últimas. Os métodos empregados, muito longos para se descrever, colocam em evidência a extrema mobilidade da personalidade[4].

Fora essas variações normais, a personalidade se transforma em todos os estados patológicos, por causa de algumas alterações dos elementos nervosos. Esses fenômenos de origem mórbida, particularmente visíveis nos períodos conturbados da história, são constatados nos sujeitos que se aproximam das fronteiras da loucura. Eles impressionam os observadores, que frequentemente exageram sua influência.

Os efeitos dessa ordem devem ser utilizados, mas com reserva, nas interpretações dos acontecimentos e no estudo psicológico dos personagens históricos.

Historiadores, como Michelet, insistiram muito nas explicações desta ordem. Até mesmo Pascal exagerou um pouco quando afirmou que o mundo seria outro se o nariz de Cleópatra fosse mais curto e que a cristandade teria sido devastada sem o grão de areia na

[4] Certas reações do sistema nervoso (medidas com um diapasão registrador que marca um centésimo de segundo) apresentam um estado tal de variabilidade que duas medidas consecutivas fornecem números que podem variar quase do simples ao dobro. Um exemplo é fornecido pela duração do tempo necessário ao sistema nervoso para reagir contra uma excitação. A medida da equação pessoal apresenta as mesmas variações. Eu constatei, no entanto, uma grande constância nas médias das observações sucessivas, com a condição de que essas médias sejam sobre quinze números. As menores emoções produzem grandes variações na personalidade biológica; a pressão arterial, particularmente. Este assunto é, aliás, muito vasto para que seja possível até mesmo tocá-lo aqui.

bexiga de Cromwell. No entanto, não se poderia negar que as alterações mórbidas da personalidade desempenharam um grande papel na conduta de numerosos soberanos. Dos césares romanos a Carlos Quinto e a Felipe II d'Espanha citar-se-ia muitos exemplos. É, aliás, bem possível que uma degenerescência tal tenha sido a causa dos grandes empreendimentos que ilustraram esses reinados. Em nossos dias, alguns movimentos populares, como o bolchevismo na Rússia e o comunismo na França, possuem como propagadores principalmente indivíduos cuja personalidade foi profundamente modificada por influências patológicas.

As variações de personalidade, observáveis em indivíduos isolados, se acentuam muito mais ainda no seio de multidões, reuniões populares, parlamentos, conselhos de guerra etc. Forma-se então em cada grupo uma alma transitória especial, cujas características eu descrevi ao estudar a psicologia das massas[5].

Dentre os traços mais nítidos dessas personalidades coletivas efêmeras figuram a credulidade, a intolerância, a violência e a impossibilidade de agir sem a influência de um líder. O estado de espírito de uma massa escraviza a personalidade de cada um dos membros dessa massa a ponto de transformá-la inteiramente. O pacífico pode então tornar-se feroz; o avaro, pródigo etc.

[5] Gustave Le Bon. **Psychologie des Foules.** Paris, 1895. (Nota do tradutor).

A personalidade nacional representa uma personalidade coletiva fixada por diversos meios: crenças religiosas, moral, costumes etc. Dentre os diversos elementos que determinam a história de um povo, sua personalidade nacional __ tanto a dos dirigentes quanto a dos dirigidos __ condiciona rigorosamente o curso de seu destino.

Livro II

As diversas interpretações da história.

Capítulo I

A variabilidade das personalidades individuais e coletivas.

Sumário

Os antigos historiadores __ como Heródoto __ se preocupavam muito pouco em verificar a exatidão dos acontecimentos. Seu papel se limitava a reproduzir as lendas que eles tinham ouvido. Estas eram compostas unicamente, aliás, das lembranças que permaneceram na memória das pessoas. Até uma época bem recente, a história era composta quase exclusivamente dos testemunhos dos contemporâneos.

As primeiras obras relativas à história de Roma e de Atenas __ as de Plutarco e Tito Lívio, particularmente __ não se mostram mais precisas, mesmo sendo posteriores a Jesus Cristo. Aprende-se nelas que Enéas, filho de Anquise e de Vênus, escapa das ruínas de Troia, visita o Latium e desposa a filha do rei Latinus; que Hércules foi até o Aventino para matar o bandido Cacus; que Rômulo e Remo foram alimentados por uma loba; que Horácio Cocles defendeu sozinho a

ponte Sublicius contra o exército inteiro dos etruscos. Todas essas lendas têm o mesmo valor que aquela das devastações do minotauro nascido da união de Pasifae com um touro e morto por Teseu, graças à espada mágica recebida de Ariane, filha de Minos.

As narrações relativas às épocas seguintes não são muito mais exatas. Não as contestamos simplesmente porque elas parecem menos inverossímeis. Os melhores autores romanos __ neles incluído Tácito __ sempre consideraram a história como uma arte que o escritor devia embelezar. Ela é, sobretudo, segundo este último, "uma obra de orador". Esses historiadores a tratavam então como oradores, arranjando os fatos de maneira a justificar sua tese ou a fornecer belos exemplos à posteridade. Eles também não hesitavam em fazer falar os guerreiros, heróis ou imperadores; em colocar em suas bocas brilhantes discursos e até mesmo simples monólogos, como os de Othon, de Vespasiano etc. Com alguns fragmentos de verdade, recolhidos um pouco ao acaso e muita imaginação, compunha-se essas narrativas fantasiosas que as gerações acabavam por considerar como autênticas de tanto repeti-las.

A concepção romanesca da história não morreu com os antigos historiadores. Ela sobreviveu a todas as críticas e mesmo em nossos dias continua muito viva ainda. Pode-se citar facilmente ilustres exemplos disso. Não há provavelmente, fora a descrição das paisa-

gens, muitas linhas exatas na **Vida de Jesus**, segundo Renan; mas que agradável conto!

O sucesso de tais livros só se deve, aliás, ao seu lado romanesco. O leitor comum busca na história aventuras maravilhosas contadas com lirismo, as invocações, as indignações, os atos de otimismo, uma música de palavras inebriantes. Renan é admirável sob este ponto de vista. No seu **Prière sur l'Acropole**, seu entusiasmo não tem mais limites e ele delira mesmo um pouco. "Tu somente és jovem, ó Cora; tu somente és pura, ó virgem; tu somente és santa, ó Higie; tu somente és forte, ó Vitória!" Evidentemente estas palavras possuem um sentido bem vago, mas o leitor acha sublime este acúmulo de epítetos.

Esses acessos de lirismo contribuem para mostrar o poder criador da imaginação. Na época em que Renan visitou Atenas, ela não passava de uma poeirenta e suja aldeia, mas ele a viu através de suas lembranças clássicas. Escreveu ele: "A impressão que me deu Atenas foi, de longe, a mais forte que eu jamais senti. Há um lugar onde a perfeição existe, não há dois deles. Este lugar é lá. Eu nunca havia imaginado algo assim". Que poeta! Assim ele será lido por muito tempo, mas como se continua a ler as **Mil e Uma Noites**, ou seja, sem acreditar muito e muito desconfiando de seus retratos e de suas classificações. Não é, com efeito, dar uma ideia muito precisa das coisas, qualificar Nero de "histriônico" e assegurar que Marco Auré-

lio simboliza o fim do mundo antigo, que perdurou, na realidade, por muitos séculos após ele. Ele teria sido interessante de outra forma, mas também mais difícil, se mostrasse que esse mundo antigo, ao invés de morrer, se transformou.

As deformações épicas e dramáticas nos dão pelo menos a ilusão de uma verdade que um historiador filósofo sabe bem não poder atingir.

Parece, aliás, evidente que, quanto mais um historiador é artista, menos ele é exato. Sua visão pessoal das coisas muito intensa, com efeito, substitui as realidades. Um pequeno número de dados incertos basta para alimentar sua imaginação.

Esse papel preponderante exercido pela imaginação nas narrações históricas mostra porque as concepções do mesmo acontecimento variam de acordo com os historiadores e principalmente de acordo com as ideias de cada época.

Os gregos __ pelo menos aqueles das eras heroicas __ faziam as divindades intervirem sem parar nas ações humanas. A cada página das narrações de Homero agem os habitantes do Olimpo e Deus não está menos presente nos livros judaicos. Os romanos os misturam igualmente aos acontecimentos humanos.

Com o triunfo do cristianismo nasceu uma concepção puramente teológica da história. Ela se acentuou século a século.

Escreve Guizot: “Percorra a história do V ao XVIII século; é a teologia que possui e dirige o espírito humano; todas as opiniões são tomadas da teologia; as questões filosóficas, políticas, históricas, são sempre consideradas sob o ponto de vista teológico... O espírito teológico é, de alguma forma, o sangue que correu na veia do mundo europeu até Bacon e Descartes”.

As obras históricas escritas nesse longo período mostram a que ponto as influências religiosas podem agir sobre o pensamento das pessoas e, ao mesmo tempo, o quanto era simples a concepção geral do universo.

Uma Providência, benfazeja ou irritada, presidia o curso das coisas e era preciso temê-la o tempo todo ou implorá-la. Os mais poderosos monarcas tremiam diante dela. Luís XI gastava a maior parte de sua renda para tentar obter, por meio de custosas oferendas, a proteção da Virgem e dos santos do paraíso, convencido, diz um de seus historiadores, de que eles intervinham sem parar nas ações humanas e só eles podiam assegurar os triunfos, guerreiros ou diplomáticos.

Até uma época relativamente recente, eminentes filósofos partilharam dessas pueris crenças. Elas levaram Leibnitz a ideias bastante otimistas. O mundo, dizia ele, é necessariamente o melhor possível, porque a sabedoria e a bondade de Deus são infinitas.

As concepções teológicas da história só começaram a desaparecer no dia em que os progressos da ciência mostraram que todos os fenômenos do universo estão submetidos a leis rigorosas que não conhecem o capricho.

As concepções romanescas e teológicas foram abandonadas e foi preciso encontrar outras para explicar o curso dos acontecimentos. Dessa obrigação nasceu o que se pode chamar de concepção filosófica da história.

Ela nos diz que os acontecimentos são condicionados por necessidades estranhas ao acaso ou a vontades superiores. A ciência se esforça para determinar essas necessidades, mas sua complexidade não permite esperar que elas sejam sempre determináveis.

Todo acontecimento histórico é, evidentemente, racional, no sentido de que ele procede de uma causa, mas isso não significa que ele esteja conforme a um plano qualquer. A influência de grandes motivadores imperiosos, como a necessidade do cesarismo num certo momento da vida romana, a marcha dos diversos países da Europa rumo à unidade numa época determinada, as restaurações que sucederam as revoluções etc. mostram claramente a existência de certas causas gerais. No entanto, a história está cheia de eventos que poderiam ter sido bem diferentes do que foram, pois nenhuma lei imutável rege as necessidades.

A evolução da Inglaterra provavelmente teria sido bem outra se os normandos tivessem perdido a Batalha de Hastings; no entanto, faltou bem pouco para que eles a perdessem, pois, no último momento apenas, o Duque Guilherme imaginou um estratagema cujo sucesso o salvou de um desastre que teria, sem dúvida, custado aos normandos a ideia de retomar sua invasão. Se Aníbal, buscando se apoderar de Roma para transformá-la em colônia cartaginesa, tivesse sido vitorioso em sua tentativa, todo o curso da história antiga e a forma de sua civilização teriam sido profundamente modificados.

Em nossa época, a sorte da Europa teria sido outra se o imperador Guilherme não tivesse obrigado, com sua inabilidade, a América a entrar no conflito mundial.

*

* *

Parece então certo que a história comporta grandes causas gerais, depois, inumeráveis pequenas causas excepcionais que podem ser derivadas das primeiras, mas nem sempre resultam delas.

Causas gerais __ e, particularmente, o peso enorme do passado __ deveriam necessariamente provocar, após as devastações da Revolução Francesa, uma restauração monárquica precedida por uma ditadura. Se esse ditador não tivesse sido Bonaparte, teria sido Moreau ou qualquer outro; apenas, tendo menos genialidade e, por con-

sequência, menos prestígio, teria durado menos e a restauração monárquica teria acontecido mais rapidamente.

É igualmente provável que um general comum tivesse pensado, como Bonaparte, em fundar uma dinastia e a França não teria conhecido então nem Napoleão III, nem Sedan, nem a invasão, nem a Comuna, nem a unificação da Alemanha. Estes últimos acontecimentos resultaram então, em parte, desta causa excepcional e independente de toda lei regular: a superioridade de um general vitorioso, morto meio século antes. Tais conjunturas mostram nitidamente o papel do acidente na história.

Capítulo II

As generalizações históricas.

Sumário

As causas reais dos acontecimentos históricos, mesmo os mais notórios, são muito difíceis de conhecer. Mostraremos num outro capítulo que, de todos os métodos de reconstituição do passado, um dos mais empregados, o testemunho, é o menos fiel. Seu valor é, na realidade, muito pequeno, não apenas em razão das dificuldades para se observar bem, mas também porque as observações realizadas dão lugar a enganosas generalizações.

A generalização, como processo histórico, levou a avaliações tão opostas, de assuntos tão fundamentais __ o estado da França de antes da Revolução, por exemplo __ que elas tornam difícil discernir a verdade.

Como ter uma opinião exata sobre a situação dos camponeses, através de testemunhos tão contraditórios quanto os seguintes, destacados pelo Sr. Chomé:

"La Bruyère compara os camponeses franceses a animais selvagens; machos e fêmeas espalhados pelo campo".

Confirmando esta apreciação, Saint-Simon escreve: "Em meio à exuberância de Chantilly, vemos na Normandia ervas do campo". Avaliação análoga de Massillon, que declara: "O povo dos nossos campos vivem numa miséria extrema". D'Argenson, por seu lado, escreve: "Senhores de Touraine me disseram que, querendo ocupar os habitantes com os trabalhos do campo, como diaristas, esses habitantes estavam tão fracos e em tão pequeno número, que eles não podiam realizar trabalhos braçais".

Na mesma época, outras testemunhas formulavam avaliações completamente diferentes. Escreveu um viajante em 1728: "Não se poderia acreditar no quanto os camponeses são felizes. Os vilarejos são povoados por camponeses fortes e bochechudos, vestidos com boas roupas e com lençóis limpos..." ; "Não se pode imaginar o ar de abundância e de contentamento que está espalhado por todo o reino",

escreve a senhora Montague. Mesma avaliação de Walpole: "Eu encontro este país prodigiosamente rico. Os menores vilarejos têm um ar de prosperidade". E Voltaire: "Como alguém pode dizer que as províncias da França são incultas? É se acreditar um maldito no paraíso!" Mesma coisa para Arthur Young, tão frequentemente citado por Taine. Após ter extraído de suas "**Voyages**", tudo o que for possível de textos sobre a miséria dos campos franceses às vésperas da Revolução, quem tiver se dado ao trabalho de lê-las sabe que também se poderia tirar delas, pelo menos a mesma quantidade de passagens igualmente significativas sobre sua prosperidade.

Poder-se-ia multiplicar ao infinito tais divergências de opinião. Elas são encontradas ainda, por exemplo, nos autores que expuseram os resultados da administração napoleônica na Itália.

Chateaubriand se expressa da seguinte maneira: "Napoleão é grande por ter ressuscitado, educado e administrado superiormente a Itália".

A avaliação de Faguet é bem diferente:

> *A curta dominação do Primeiro Império na Itália foi um insucesso prodigioso. Em seis anos: bancarrota, anarquia, miséria, fome e despovoamento. Uma falência de 80 por cento de todas as grandes fortunas; o número de mendigos triplicou; o de bandidos nos campos decuplicou; a população pobre mor-*

reu de fome e em cinco anos a população de Roma diminuiu em um quinto.

Essas apreciações contraditórias se explicam, aliás, bem facilmente, ao considerarmos que as observações dos dois autores citados se aplicam a épocas diferentes. Quando Chateaubriand estudou o estado da Itália, a administração imperial, apesar de sua dureza, era quase honesta e, por consequência, superior ao bando de saqueadores que o Diretório havia expedido para ela.

Como disse Faguet: "Foi durante o período do Diretório que a Itália apresentou uma saturnália constante. Sob o título de República romana, Roma viu cônsules, tribunos, senadores roubarem, se enriquecerem, se divertirem, beberem, intrigarem, chafurdarem na luxúria, verterem rios de sangue no campo romano, pilharem os palácios, os museus, as bibliotecas, taxarem e sobretaxarem até quase a metade das fortunas dos ricos e também as pessoas com patrimônio bem pequeno. Uma terrível arruaça. Resumindo: bandidos, piratas e rufiões".

*

* *

Fora os erros resultantes de ilusórias generalizações é preciso citar os erros produzidos por sua repetição quando eles provêm de

escritores dotados de prestígio. Tais foram particularmente as opiniões gerais formuladas há muito tempo sobre a suposta destruição do império romano pelos bárbaros.

O cientista historiador Fustel de Coulanges só teve que examinar um pouco os fundamentos dessa crença para reconhecer a que ponto ela era errônea. Ele mostrou que as pequenas invasões que tanto impressionaram a imaginação dos cronistas não passaram de atos isolados de bandidagem sem consequências. Jamais os bárbaros pensaram em derrubar o império romano, do qual eles se mostraram respeitosos admiradores, tentando assimilar sua língua, suas instituições e suas artes. Se, indiretamente e ao fim de vários séculos, eles destruíram lentamente a civilização romana, isso não aconteceu de maneira alguma após invasões violentas __ que, em sua maior parte, foram repelidas facilmente por bárbaros a soldo do império __ mas por meios pacíficos. Essas populações inferiores introduzidas no mundo romano, sendo incapazes de se adaptar a uma civilização mais sofisticada do que elas, foram obrigadas a rebaixá-la a seu nível. A civilização romana não foi, portanto, bruscamente destruída, mas pouco a pouco suplantada.

Foram os próprios romanos, aliás, que provocaram essas invasões pacíficas quando, ao se tornarem muito ricos e refratários ao casamento e ao serviço militar, eles introduziram cada vez mais estrangeiros em seu exército e em sua administração. Quando Roma

passou a ter só mercenários como soldados e fez suas províncias serem governadas por lideranças bárbaras, estes últimos se tornaram progressivamente independentes. O prestígio da grandeza romana, no entanto, ainda continuaria, pois esses líderes, mesmo quando se tornaram soberanos, sempre se consideravam funcionários de Roma. Clóvis se mostrou muito orgulhoso do título de cônsul romano que lhe concedeu o imperador, que residia então em Constantinopla. Trinta anos após a morte de Clóvis, seus sucessores recebiam e faziam obedecer as leis editadas pelos imperadores. Foi preciso chegar o século VII para se ver os líderes bárbaros da Gália ousarem substituir, em sua moedas, as efígies dos imperadores romanos pelas suas próprias.

O desaparecimento do poder romano foi tão lento e tão progressivo, que os contemporâneos nem mesmo se aperceberam disso. Os historiadores fizeram então com que a história da França começasse, na realidade, duzentos anos mais cedo e nos atribuíram uma dezena de reis fictícios.

*

* *

As invasões pacíficas dos bárbaros não teriam bastado para, sozinhas, transformar a civilização romana, se essa civilização já não estivesse desagregada sob a influência do espírito novo trazido pelo

cristianismo. De militar, essa civilização havia se tornado gradualmente teológica. Em Bizâncio, para onde ela se transportou, a arte progrediu, mas os horizontes do pensamento humano se estreitaram. Os turcos acabaram por se aproveitar das discussões religiosas que absorviam toda a atividade dos bizantinos para se apoderar da grande cidade.

Destaque-se que à história falta, precisamente sobre os acontecimentos mais consideráveis, documentação suficiente.

É difícil, por exemplo, explicar porque, em dois ou três séculos, o mundo romano se converteu ao cristianismo. Esta religião seduzia, evidentemente, os escravos, pois ela os tornava iguais a seus senhores. Mas ela não deveria, por esta mesma razão, ser absolutamente antipática a esses senhores, já que perturbava as condições sociais de existência? Todas as explicações de um fato tão considerável permaneceram até aqui sem valor e foi preciso que chegassem os dados da psicologia moderna sobre a sugestão, o contágio mental etc. para compreendê-lo.

*

* *

Vê-se a que ponto as ideias sobre certos períodos da história, estabelecidas segundo as tradicionais generalizações, eram inexatas. Constata-se isso também com exemplos mais modernos. Como Luís

XIII, que foi por muito tempo considerado um espírito fraco, inteiramente dominado pela vontade de Richelieu.

A publicação de suas cartas o mostra, pelo contrário, dotado de uma mente clara e decidida, que aconselha Richelieu, muito mais do que é aconselhado por ele, que conduz com mão de ferro seu reino, no meio de guerras múltiplas, de intrigas e de conspirações diárias nas quais tomavam parte seu irmão, a rainha mãe e o parlamento. Finalmente, este soberano, graças à sua energia, deixou a seu sucessor, Luís XIV, uma França forte e unida, que ele havia recebido em plena anarquia.

Seria fácil encontrar outros exemplos de generalizações históricas inexatas. Pode-se mesmo se perguntar o que restará da história clássica quando ela tiver sido inteiramente submetida a uma rigorosa crítica. É provável que as ideias sobre os períodos até mesmo mais recentes e que parecem melhor estudados, como o da Revolução Francesa, se transformarão inteiramente.

A história só adquire uma veracidade aparente quando se recua cada vez mais no passado. Como os comentadores dos fatos antigos eram, com efeito, muito pouco numerosos, deve-se admitir o que eles contam. Algumas narrações __ como a da Guerra do Peloponeso, por exemplo __ não podem ser contestadas, pois esse período da história só teve um historiador, Tucídides.

Para interpretar os acontecimentos que compõem a história e, sobretudo, a gênese das circunstâncias que os fizeram nascer, é preciso recorrer a métodos de investigação bem diferentes daqueles com que se contentaram por muito tempo os historiadores. É ao estudo de tais métodos que vários capítulos desta obra serão dedicados.

Capítulo III

As fontes de erros na história. O previsível e o imprevisível.

Sumário

Os historiadores geralmente reconhecem hoje em dia o pequeno valor dos antigos métodos de estudo. Num livro que resumia as lições dadas na Sorbonne, o Sr. Seignobos escreveu: “Fatos que não vimos, descritos em termos que não nos permitem representá-los exatamente, eis os dados da história”.

Não podia ser, aliás, de outra maneira. Desprovidas de regras precisas, as observações utilizadas outrora quase que só refletiam as opiniões de seus autores.

O espírito crítico deveria se desenvolver na história antes que fosse possível a correção de antigos erros e principalmente a determinação do que há de geral nos casos particulares.

Mas, como destacou Fustel de Coulanges:

O espírito crítico, nos últimos cento e cinquenta anos, foi muito frequentemente um hábito de julgar os fatos antigos sob o ponto de vista da probabilidade, ou seja, sob o ponto de vista de sua concordância com o que julgamos possível ou verossímil. Concebido desta maneira, o espírito crítico não passava do ponto de vista pessoal e moderno que substituía a visão real do passado. Julgava-se, segundo a consciência e a lógica, coisas que não eram feitas nem segundo a lógica absoluta, nem segundo os hábitos da consciência moderna

Só existe um pequeno número de mentes suficientemente penetrantes para bem interpretar os fatos, ou seja, para discernir as ideias sob as palavras, os sentimentos sob os textos e os motivadores verdadeiros de acontecimentos que tantos autores contaram sem os compreender. Fustel de Coulanges, que acabamos de citar, refez toda a história da época merovíngia, com alguns resumos sumários, nos quais seus predecessores não tinham visto absolutamente nada.

*

* *

Os historiadores modernos começam a perceber o pequeno valor dos documentos que serviram para escrever a história.

Sua credulidade continuou muito grande, mas, todavia, sem igualar a de seus predecessores da Idade Média. Todos os devaneios que estes últimos ouviam contar eram tidos como realidades. Eles tinham uma maravilhosa aptidão para tirar de um texto qualquer as mais inverossímeis interpretações e em desenvolver gravemente os mais espantosos absurdos.

Até o século XVI foi ensinado, com incontestável certeza, que os franceses descendiam de Franco, filho de Heitor, que escapou do cerco de Tróia. A capital da França devia seu nome a Páris, filho de Príamo. A cidade francesa de Troyes tinha sido construída pelos troianos. Maomé era um ex-cardeal que, por despeito por não ter conseguido ser nomeado Papa, tornou-se herético e fundou uma nova religião. Judas tinha matado seu pai para se casar com sua mãe etc.

Somos menos crédulos hoje em dia, mas a ciência histórica continua sobretudo negativa. Ela discerne pouco sobre certas coisas que não poderiam ter existido como foram contadas, sem bem conhecer a maneira real como elas se passaram.

*

* *

Qualquer que seja o grau de sagacidade de um historiador, é difícil para ele se subtrair das influências resultantes de suas convic-

ções políticas e religiosas e, sobretudo, dos sentimentos que emanam do meio onde ele vive. Na maioria das vezes, ele escolherá dentre os fatos aqueles que lhe parecerão justificar suas ideias, suas paixões, suas crenças e eliminará os outros.

Ainda segundo Seignobos:

> *Com efeito, entre o texto e a mente prevenida que o lê se estabelece um tipo de conflito inconfesso; a mente se recusa a perceber o que é contrário a suas ideias e, geralmente, o resultado deste conflito não é a mente se render à evidência do texto, mas o texto ceder, se curvar e se acomodar à opinião preconcebida pela mente...*

Mesmo que os fatos consignados nos documentos sejam rigorosamente exatos, eles constituiriam apenas os materiais de um edifício que é preciso construir. As numerosas informações sobre acontecimentos históricos relativamente recentes, mostrando-se contraditórios, é sempre possível descobrir nelas a justificativa de uma tese qualquer. Em história, nada é mais fácil do que sustentar uma opinião inversa. Coisa quase impossível nas ciências, porque uma afirmação só tem valor quando ela é justificada pela observação ou a experiência.

Escreve o Sr. Boissier:

Nossos jovens cientistas, após terem passado tantos dias nas bibliotecas e nos arquivos a decifrar velhos papéis, não gostariam de serem mal vistos por repetirem o que foi dito antes deles. Como eles pensam que a novidade das opiniões atesta a profundidade das pesquisas, eles serão tentados a reabilitar os personagens que foram condenados e usarão sua glória para mudar as ideias recebidas.

Foi desta forma que se pôde sustentar que Nero se mostrou o melhor dos filhos e o mais humano dos imperadores e que Robespierre foi um homem muito gentil, desejoso de converter as pessoas às suas ideias pela persuasão. Assim também, jovens professores tentam nos provar que Joana D'Arc e Luís XIV não tiveram nenhum mérito, que Dupleix não passava de um vil intrigante etc. Outros tratam de nos demonstrar que Shakespeare, Corneille, La Rochefoucauld retiraram simplesmente suas ideias de escritores anteriores.

*

* *

De uma maneira lenta, mas certeira, vemos hoje o estudo da história tornar-se obra de cientistas, enquanto que ela era outrora exclusivamente obra de literatos. A precisão científica substitui as fantasias da imaginação.

Foi a ciência que permitiu, particularmente, abandonar as singulares ideias difundidas na época de Rousseau sobre a bondade original do ser humano e a perfeição das primitivas sociedades; ideias que guiaram os instigadores da Revolução Francesa.

Reconstituindo a evolução física e intelectual do ser humano, a paleontologia e a antropologia puderam substituir as antigas descrições literárias por documentos precisos, diante dos quais as dissertações dos retóricos desaparecem.

Pouco mais resta aos historiadores propriamente ditos além da decifração dos textos e dos manuscritos. Não é uma tarefa inteiramente inútil, sem dúvida, mas como ela se apequena diante dos resultados obtidos pelas investigações da ciência moderna!

A noção de evolução progressiva substituiu na história as ideias de descontinuidade e de bruscas mudanças.

Isso fez o Sr. Seignobos destacar, a propósito da época chamada da Renascença:

> *Se houve uma renascença das artes e das letras, isso só pode ter acontecido sob Carlos Magno, no século IX e não no XVI. A tradição renovada no século IX não foi mais interrompida; as artes e as letras não renascem, mas continuam sua evolução. A arquitetura mesma atingiu seu mais alto grau de originalidade e poder na França no início do século XIII, com a arte gótica.*

*

* *

Os fatos científicos são governados por leis rigorosas que tornam as previsões fáceis. Desta forma podem ser determinados os movimentos dos planetas, sua posição num dado momento, a data exata de um eclipse etc.

A história não conhece tais certezas. As causas que condicionam os acontecimentos são tão múltiplas e às vezes tão distantes que previsões comparáveis àquelas da astronomia lhe são interditas.

Impossível para os casos particulares que raramente se repetem da mesma maneira, o conhecimento do futuro torna-se relativamente fácil quando se trata de casos coletivos. A estatística nasceu da aplicação deste princípio e suas previsões são quase tão exatas quanto aquelas dos astrônomos. Não se poderia determinar quando morrerá um indivíduo de uma certa idade, mas o estabelecimento das tabelas de mortalidade permite precisar quantos indivíduos da mesma idade morrerão a cada ano. A regularidade de certos fenômenos sociais permite frequentemente prevê-los, desde que se substitua as previsões individuais pelas previsões coletivas.

Fora essas previsões de ordem coletiva, existem outras que se poderia qualificar de previsões de ordem psicológica. Não era preciso, por exemplo, um olhar muito penetrante para ver crescer a sombra de Bonaparte por detrás das desordens revolucionárias, nem para

pressentir que as ameaças socialistas de 1848 levariam ao aparecimento de um novo ditador acolhido como um libertador.

Essas conjecturas psicológicas são relativamente fáceis. Eu mesmo formulei uma, bem antes da guerra, quando afirmei, em meu **Psychologie Politique** que, contrariamente a todos os anúncios dos humanitaristas, a próxima guerra com a Alemanha "seria uma luta sem piedade, onde departamentos inteiros seriam devastados sem que restasse de pé nem uma árvore, nem uma pedra, nem uma pessoa". Eu forneci, num outro livro, os motivos sobre os quais se apoiava esta previsão.

*

* *

Os acontecimentos particulares podem ser algumas vezes previstos quando eles constituem a consequência plausível de acontecimentos anteriores. Com um senso histórico mais sutil os assassinos de César teriam compreendido que o cesarismo não era uma criação de César, mas uma consequência das lutas sociais, das guerras civis, das proscrições de Silas e de Mário e de toda uma série de desordens que faziam cada cidadão desejar a segurança de uma vida tranquila.

Cegos por suas ilusões, os políticos se mostram geralmente bem desprovidos da faculdade de prever, mesmo para os acontecimentos bem próximos. Só percebendo o mundo através do espírito

deformador de sua crença política ou religiosa, o convicto vive numa esfera imaginária e permanece estranho às realidades.

Dos cinco soberanos que reinaram na França ao longo do século XIX, quatro deles foram vítimas da falta de previsão causada por erros psicológicos.

Durante a última guerra, a maior parte dos grandes eventos __ a Batalha de Marne, a intervenção americana, a traição russa, a derrocada da Alemanha, a hegemonia dos Estados Unidos __ constituíram uma série de fatos que nenhum cérebro soube pressentir. Em todo esse período, o imprevisível dominou a história.

Capítulo IV

O espírito crítico na história.

Sumário

Vimos nos capítulos precedentes o quanto eram incertas as antigas interpretações dos fatos históricos, mesmo os mais conhecidos.

Para avaliá-los, seria preciso primeiro eliminar inteiramente as influências nacionais, religiosas e políticas que determinam a maior parte das avaliações. É em razão de seu jugo que as obras escritas em diversos países sobre os mesmo acontecimentos contêm apreciações absolutamente diferentes.

Principalmente os preconceitos religiosos influenciam os autores, mesmo quando eles se acreditam livres deles. Muitos historiadores, por exemplo, foram levados, por causa disso, a opiniões muito errôneas sobre o valor da civilização muçulmana. Mesmo hoje em dia, as prevenções contra o antigo mundo muçulmano continuam tenazes e, por causa disso, a história da Idade Média estaria para ser refeita em todas as partes relativas à transmissão da civilização antiga aos tempos modernos.

Com o objetivo de se livrar das interpretações muito pessoais, diversos historiadores chegaram a querer reconstituir os acontecimentos de uma época simplesmente com uma série de fichas formadas de extratos de documentos, ou seja, de testemunhos. Mostraremos num próximo capítulo a ineficiência desse meio de interpretação.

*

* *

A medida que se aperfeiçoam os métodos de estudos históricos, constata-se que a maior parte dos acontecimentos são determinados por uma sucessão de causas invisíveis. A história fala pouco delas e, no entanto, são elas que criam a história.

Uma das maiores fontes de erros, nas interpretações dos acontecimentos passados, provém do fato de que os autores procuram

explicar os fatos com as ideias do presente, ao invés de apreciá-los segundo as paixões e os sentimentos respectivos de cada época.

A tarefa não é fácil; é preciso, por exemplo, compreender a alma de um crente dominado por sua convicção; a de um barão feudal, cuja existência sempre ameaçada não oferecia nenhuma analogia com a nossa; a de um revolucionário, hipnotizado por seus sonhos etc. Como uma pessoa de nossos dias pode se emocionar com discussões sobre a graça, que agitaram tão profundamente os franceses esclarecidos da época do jansenismo? Como se colocar no estado de espírito das pessoas da Idade Média e do Terror? Um erudito, no fundo de seu gabinete, se emociona muito, evidentemente, ao perceber as necessidades que determinaram Silas e Mário exterminarem milhares de cidadãos romanos, César atravessar o Rubicão e Carlos IX sofrer a vontade popular, causa real do massacre da Noite de São Bartolomeu.

Para bem compreender o sentido de tal ou tal evento da história, seria preciso conseguir reconstruir o que se pode chamar de "a alma de uma época", essa sensibilidade extremamente variável que age por um tempo, depois se gasta e é substituída por uma outra.

Durante o curto período que se estendeu do fim do reinado de Luís XVI até a Restauração, a França se transformou muito mais do que, por exemplo, durante os séculos de Luís XIV e Luís XV.

*

* *

Podemos nos dar conta hoje em dia a que ponto, apesar de todos os progressos científicos modernos, os métodos empregados para determinar as realidades históricas são desprovidos de espírito crítico, através da longa e custosa pesquisa que o Reichstag ordenou que fosse feita para conhecer as causas da derrota germânica. A comissão encarregada dessa pesquisa era composta por pessoas ilustres. Eles trabalharam durante oito anos e gastaram somas consideráveis. A única conclusão obtida foi que as causas da derrota deviam ser atribuídas à superioridade militar e econômica dos aliados e que nenhum erro devia ser atribuído aos dirigentes alemães.

Conclusão, aliás, bastante contestável. Pois, se é muito difícil formular uma opinião definitiva sobre as causas da derrota alemã, pode-se pelo menos destacar que ela teve, certamente, como origem, um fator psicológico fundamental, esquecido pela comissão: a perda da confiança no sucesso final. Essa perda de confiança resultou de uma falta de previsão do imperador da Alemanha, cujos erros psicológicos provocaram a intervenção de um exército americano crescente a cada dia. O papel militar do exército improvisado tão rapidamente foi quase nulo, mas sua influência moral foi considerável. A população civil e o exército alemão logo deixaram de esperar uma

vitória sobre tal multidão. Finalmente, a Alemanha foi vencida por influências psicológicas mais eficazes do que os canhões.

*

* *

Por mais imperfeitos que continuem ainda os métodos históricos de onde nossas análises derivam, eles realizaram, no entanto, notáveis progressos. Constata-se isso ao comparar as opiniões atuais sobre certas instituições __ o feudalismo, por exemplo __ com aquelas formuladas sobre o mesmo assunto há meio século, por diversos escritores; particularmente o célebre historiador Guizot. Escreveu ele:

> *Pode-se remontar o curso de nossa história e parar onde se quiser. Encontraremos por toda parte o regime feudal considerado pela massa da população como um inimigo que é preciso combater e exterminar a qualquer preço. Desde seu nascimento até sua morte, tanto no seu auge como em sua decadência, o regime feudal jamais foi aceito pelos povos. Eles sempre o suportaram com ódio e o atacaram com ardor.*

É visível que o autor das críticas precedentes não tinha, como muitos de seus contemporâneos, nenhuma ideia das necessidades que determinam os acontecimentos políticos.

Sem saber nada sobre o feudalismo, poder-se-ia afirmar que ele desempenhou o papel de uma indispensável necessidade, pelo único fato de sua duração na maior parte dos povos europeus.

Os progressos realizados hoje em dia no desenvolvimento do espírito crítico aparecerão ao compararmos a avaliação precedente com a de historiadores mais modernos. Fustel de Coulanges, por exemplo, em seu estudo sobre as **Transformations de la Royauté**, mostra claramente o quanto foi inevitável e útil a instituição outrora tão criticada:

> *No momento em que foram erguidas as fortalezas senhoriais, os povos só sentiram amor e reconhecimento. Elas não foram feitas contra eles, mas para eles. Elas estavam na posição elevada donde seu defensor velava e vigiava o inimigo. Elas eram o depósito seguro de suas colheitas e de seus bens; em caso de incursões, elas forneciam um abrigo para suas mulheres, para seus filhos e para si mesmo. Cada fortaleza era a salvação de uma região.*

As gerações modernas não sabem mais o que é o perigo. Elas não sabem mais o que é a necessidade de ser salvo.

O regime feudal foi, portanto, uma necessidade na época de sua aparição, ou seja, durante as invasões. Os serviços que ela prestava justificavam os encargos impostos em troca. Essa instituição só

se fez detestar quando se tornou inútil e pretendeu manter privilégios que não tinham mais justificativa. Houve um tempo em que o feudalismo salvou a França, abandonada pelo poder central e uma época bem posterior em que ele só servia para tiranizar o país, o que fez com que fosse odiado.

*

* *

Fora pequenos episódios que uma orientação nova faz variar a interpretação, a história é composta sobretudo por opiniões gerais que acabam por se estabelecer sobre cada época. São elas, principalmente, que os livros mostram.

Na falta de espírito crítico, essas opiniões gerais variaram muito. Olhando apenas os acontecimentos dos últimos cento e cinquenta anos, vemos que elas deram margem para as interpretações mais contraditórias sobre sua gênese e suas consequências. Um dos mais impressionantes exemplos é fornecido pela história da Revolução Francesa. Durante três quartos de século ela foi considerada pela maioria dos franceses como um acontecimento maravilhoso que melhorou todas as condições da existência. Ela tinha libertado a França do jugo dos tiranos, suprimido privilégios, criado novos princípios que os povos seriam felizes se os aceitassem. Graças aos vinte anos

de guerra através da Europa, as doutrinas revolucionárias tornaram-se a lei do mundo.

Essa concepção verdadeiramente mística sobre um dos períodos mais trágicos da história continuou inabalada até o dia em que os métodos de crítica precisa, inaugurados por diversos historiadores __ Taine, particularmente __ permitiram substituir as ilusões pela realidade. Viu-se então que os privilégios suprimidos pela Revolução estavam, bem antes dela, em vias de desaparecer e que a igualdade perante a lei estava se impondo em toda parte. Viu-se ainda o quanto era ilusória a gloriosa auréola com que os historiadores românticos tinham envolvido esse período. Os "gigantes da Convenção" foram reduzidos às suas justas proporções e o nível que apareceu foi muito modesto. Suas ilusões eram grandes e sua capacidade de discernimento medíocre.

A Revolução Francesa criou nos cidadãos uma igualdade de direitos outrora desconhecida, mas ela suprimiu toda independência na vida provincial, antes tão ativa. A ideia de um Conselho Municipal, de um Conselho Geral etc. resistentes às ordens vindas do Ministério do Interior é inconcebível hoje em dia. A resistência dos diversos parlamentos às ordens reais e sobretudo as recusas em aceitar novos impostos eram costumes cotidianos no antigo regime. Só para citar um exemplo em mil, bastará lembrar a atitude do Parla-

mento de Grenoble não aceitando se submeter aos éditos reais. Eis em que termos um jornal relembrou recentemente esse episódio:

> *Em 1760, o Conde de Marcieu, governador de Dauphiné, conseguiu pela força um édito real que estabelecia novos impostos. Em 1763, o Parlamento de Dauphiné ousou fazer reprimendas ao poder real e em 1786 ele se recusou de novo a executar um édito. Em 1787, o governo convocou os notáveis da província para confrontar o Parlamento. Este declarou traidor do rei e da nação quem participou desse movimento. Os magistrados foram exilados em 1788. Sua partida foi oportunidade para um grave levante da população. Em 1788 os notáveis se reuniram no hotel da cidade de Grenoble e deliberaram por um protesto contra as impiedades da corte e reclamaram a observação das prerrogativas do Parlamento de Dauphiné.*
>
> *A corte assustada enviou tropas. Os representantes das três ordens foram então se abrigar no castelo de Vizille, que entraria para a história.*

A independência da magistratura era, portanto, imensamente maior sob o antigo regime do que hoje em dia. Pode-se avaliar isso por fatos como este, destacado num grande jornal, que assinalou que, segundo o relatório do Sr. Raoul Péret, ministro da justiça, em al-

guns meses ele recebeu 8.000 cartas de parlamentares solicitando condecorações ou promoções para os magistrados.

É dada ainda como um dos grandes resultados da Revolução Francesa a libertação dos camponeses. Mas, em outros países ela foi efetuada por governos monárquicos. Foi o que aconteceu, como já se destacou justamente, com o governo imperial de Viena, que realizou essa libertação dos paisanos e modernizou o comércio e as comunicações na Hungria. Em nossos dias, a Romênia fez uma evolução análoga, sem nenhum movimento revolucionário.

A vantagem de apressar uma reforma que aconteceria espontaneamente no decorrer do tempo compensa para um povo as violências e as devastações produzidas por uma revolução destinada a obter antes essa reforma? Da resposta a esta questão depende as avaliações que podemos fazer sobre a Revolução Francesa e o século de convulsões que se originou dela.

O entusiasmo cego de antigamente sobre essa época persistiu por muito tempo, mas ele parece bem enfraquecido hoje em dia. O espírito crítico permite tirar muito ensinamento dessa grande crise; particularmente a necessidade __ para os povos desejosos em evitar as revoluções __ de se adaptar progressivamente às novas necessidades que as incessantes transformações do mundo fazem nascer.

*

* *

As observações precedentes contribuem para mostrar o quanto se modificam, com a aparição do espírito crítico, as antigas concepções sobre a história.

Enquanto os historiadores de antigamente interpretavam os acontecimentos segundo seus sentimentos pessoais e as crenças de seu tempo, os de hoje em dia possuem cada vez mais a noção das necessidades que condicionam o mundo. Essas necessidades __ militares, religiosas, econômicas etc. __ variam em cada época e o papel do historiador é determinar aquelas que influenciaram os povos nos diversos estágios de sua evolução.

As dificuldades de tais interpretações são aplainadas um pouco graças a documentos que trazem um manifesto grau de certeza aos acontecimentos do passado. Os livros de pedra __ monumentos, estátuas, inscrições __ e também as obras supostamente de imaginação pura __ contos, romances e lendas __ estão cheios de informações precisas. A verdadeira história surge de documentos nos quais ela não era pesquisada.

Livro III

As reconstituições científicas da história.

Capítulo I

Formas gerais da evolução social.

Sumário

A história dos povos está cheia de casos acidentais que nenhuma razão pode prever. Mas suas instituições e seus costumes sofrem uma evolução bastante regular. Tendo outrora estudado essa evolução num outro livro[6], eu me limitarei a sugeri-lo ao leitor. Ele verá como nasceram e se desenvolveram a propriedade, a família, o direito, a moral e os diversos elementos da vida social.

O conhecimento do passado da humanidade é bem recente. Na época da Revolução Francesa ele era ignorado a ponto das sociedades primitivas serem propostas como modelos.

As etapas da evolução social, sucessivamente superadas, foram reconstituídas por métodos bem diferentes. Um dos mais eficazes foi o estudo de povos selvagens em diversas fases de evolução.

---

[6] L'Homme et les Sociétés. Leurs Origines e leur Développement. Paris, 1881.

Pode-se, aliás, observar algumas formas primitivas da humanidade simplesmente estudando a criança em suas primeiras fases de sua existência. Repetindo brevemente as sucessivas etapas de uma longa vida ancestral, esse futuro civilizado não passa inicialmente de um ser impulsivo que ignora a piedade, a previdência, o altruísmo e que não conhece outras leis além da lei do mais forte. Todas as qualidades impostas ao ser humano pelo acúmulo de esforços repetidos durante séculos lhes são desconhecidas. Ele se comporta com a ferocidade de um selvagem. Apenas sua fraqueza o impede de ser perigoso.

Sob o ponto de vista mental, a jovem criança está muito mais próxima dos ancestrais da idade da pedra do que de seus parentes imediatos. Sua inteligência permanece rudimentar por muito tempo, seus conhecimentos __ como os do primitivo __ repousam inicialmente apenas sobre associações grosseiras.

*

* *

Os progressos da humanidade através das eras só se efetuaram através de uma lenta acumulação de mudanças que variavam segundo as condições de existência. Desta forma, por exemplo, as populações que ignoravam a agricultura e viviam dos produtos de sua caça aceitavam, como uma obrigação natural, matar e, às vezes, comer, os

parentes que haviam se tornado muito velhos para seguir as incessantes marchas da tribo.

Dentre os métodos de reconstituição do passado figuram também os contos e lendas; primeiros delineamentos da história. Eles revelam as necessidades que determinaram os costumes e as instituições; o matriarcado e a poliandria, particularmente. Quando lemos numa epopeia hindu que a bela Draupad desposou os cinco filhos do rei Pandu, podemos deduzir que no país onde se efetuaram essas uniões, o número de mulheres havia se tornado inferior ao dos homens, como ainda se observa em diversas regiões isoladas; a Caxemira, por exemplo.

O tempo indispensável para realizar uma transformação social por via da evolução varia naturalmente com a mentalidade de cada povo. Para alguns, a era da pedra lascada, característica dos inícios da pré-história, se prolongou até nossos dias. Eu encontrei alguns vestígios dessa época ao longo de minhas viagens; na Índia, particularmente. Ao percorrer a grande península, pode-se ver o desenrolar dos sucessivos períodos da humanidade, do tempo das cavernas até o tempo do telefone.

As etapas iniciais da evolução civilizadora foram imensamente longas para sempre superadas. Foi preciso um acúmulo de esforços aos humanos primitivos antes que eles chegassem a realizar progressos, em aparência, muito simples: fazer o fogo, preparar o solo, se-

mear, juntar algumas palavras que constituísse um esboço de linguagem etc. Com os primeiros passos realizados, a marcha do progresso se acelerou constantemente. Avalia-se, no entanto, de cinquenta a cem mil anos o tempo necessário para a primitiva humanidade conseguir chegar às civilizações mais elementares.

Foi somente num período bem moderno que os progressos tornaram-se rápidos. O último século viu se realizar, em diversos ramos do conhecimento, descobertas extremamente superiores a todas aquelas acontecidas durante a lenta sucessão de eras que o precedeu[7].

As constatações precedentes sobre a evolução dos povos ficaram por muito tempo ignoradas. Numa época bem recente ainda, ilustres historiadores, como Renan, imaginavam que os gregos tinham surgido bruscamente na história, já possuidores de uma alta civilização. Sabemos hoje que, bem antes dos gregos, os povos da Caldeia e do Egito já tinham elaborado lentamente todos os progressos apresentados pela civilização grega. Para preparar o edifício dessa civilização foi preciso, na realidade, quatro a cinco mil anos de

[7] O tempo escoado desde a aparição dos fósseis __ que revelam a existência dos primeiros seres __ de onde, após inumeráveis transformações, deveriam sair os seres atuais, foi avaliado em 700 milhões de anos. A duração da pré-história, ou seja, o tempo que nossos primitivos ancestrais levaram para se livrar da animalidade primitiva, é geralmente avaliado em um mínimo de 50.000 anos. Entre o início das primeiras civilizações e a era atual, 7 a 8.000 anos, ou mais, se escoaram. A época das grandes descobertas __ vapor, eletricidade etc. __ que transformaram a vida dos povos, é bem recente, pois ela, se muito, com 150 anos de existência. Estes números mostram a extrema lentidão dos primeiros progressos e a grande rapidez daqueles que foram seu coroamento.

esforços, distribuídos pelas planícies da Caldeia e às margens do Nilo. A cultura grega, nas épocas próximas de Péricles, representava o aporte de várias civilizações fundidas em uma só. Foi então na Ásia e no norte da África, não na Grécia, que a civilização grega teve sua origem.

Após ter sido progressiva, a evolução de um povo acaba por se tornar regressiva. Foi através dessa regressão que todas as civilizações viram terminar seu ciclo.

Vários efeitos de uma decadência tal se manifestam em diversos povos __ os modernos, particularmente __ por um retorno da vida individual à vida coletiva. Um dos progressos da humanidade foi, com efeito, a passagem do estado coletivo dos primitivos selvagens à vida individual. A civilização declina quando o indivíduo retorna ao estado gregário, ou seja, se submete cada vez mais às influências do número. O socialismo e sua forma última, o comunismo, são manifestações muito nítidas dessa decadência regressiva.

*

* *

Os povos evoluem geralmente de maneira a se colocarem em relação com as necessidades que as circunstâncias fazem nascer. Quando seu temperamento é muito conservador e os impede de evoluir suficientemente rápido, a adaptação necessária só pode ser feita

através de uma revolução violenta. Este foi o caso da Revolução Francesa, que aboliu os últimos privilégios da nobreza, que nenhum favor especial justificava mais.

As revoluções mudam o estado presente de um povo, mas, como elas não conseguem tocar em seu estado passado, este passado logo retoma sua ação. A história das perturbações variadas que a França viu surgir no século que se seguiu à sua Grande Revolução mostra o poder dessa influência, ou seja, o peso das forças inconscientes herdadas que orientam os sentimentos e, por consequência, a conduta.

A Revolução Russa mostra, mais uma vez, que os princípios em nome dos quais uma convulsão social é efetuada, geralmente deixam de ser aplicados pelos revolucionários triunfantes. Desta forma, os comunistas, que queriam tornar a propriedade coletiva, acabaram por restabelecer a propriedade individual. Eles foram levados igualmente a governar com os métodos de polícia terrorista, idênticos aos praticados pelos antigos tsares.

*

* *

Dentre as causas que determinam a evolução das sociedades figuram naturalmente as condições materiais de existência às quais essas sociedades estão submetidas. Os povos caçadores, agrícolas,

comerciantes etc. têm, necessariamente, maneiras de viver diferentes.

Esta incontestável evidência não parecia merecer nenhuma demonstração. Ela serviu, no entanto, para constituir uma doutrina qualificada de materialismo histórico, que se propunha a uma interpretação exclusivamente econômica da história. Após ter constatado, como se fez muitas vezes, que os fenômenos econômicos condicionam muitos fatos históricos, os autores da doutrina afirmaram que todos os fatos importantes da história derivam da estrutura econômica do momento. A vida econômica explicaria a vida política e até mesmo as ideias e as crenças.

Essas concepções simplistas __ cujo grande apóstolo foi Karl Marx __ levaram a uma nova religião: o comunismo. Substituindo o esforço individual pela gestão estatista, a doutrina comunista deve fatalmente paralisar todos os progressos. O exemplo da prosperidade dos Estados Unidos, onde o esforço individual substitui, pelo contrário, a gestão estatista, mostra as consequências diferentes da aplicação desses dois princípios.

As condições econômicas, às quais a doutrina do materialismo histórico dá tanta importância, figuram naturalmente dentre as causas de evolução dos povos, mas elas estão longe de constituir as principais.

Muitas outras influências exercem um papel fundamental em certas épocas. Como, por exemplo, o princípio das nacionalidades, sobre o qual foi baseado o redesenho da Europa após a última guerra. Como ainda o princípio da unidade, que levou muitos pequenos estados a formarem grandes impérios.

Se fosse preciso, como sustentam hoje em dia os partidários do marxismo, atribuir aos acontecimentos históricos uma única causa, poder-se-ia dizer que a estrutura fisiológica dos povos, ou seja, a raça é muito mais importante do que a ação econômica. Para se convencer disso basta ver que as mesmas influências econômicas agem diferentemente sobre raças diferentes: brancos, negros etc.

Nas teorias comunistas os fatos mais evidentes são rejeitados quando eles parecem contrários à doutrina. Desta forma, Karl Marx só acreditava no poder das coletividades, enquanto que o mundo só progride através das elites. O vapor, a eletricidade, todas as descobertas que transformaram a vida dos povos foram obra de fortes individualidades e jamais das massas.

Não podendo estudar nesta obra os diversos métodos que permitem uma reconstituição fiel do passado, nos limitaremos a examinar aqueles suscetíveis de fornecer bases científicas certas para uma filosofia da história.

Capítulo II

Determinação dos acontecimentos pelo testemunho.

Sumário

Sobre a importância acordada ao testemunho repousam a história e a justiça.

Até os últimos anos, ou seja, até que pesquisas psicológicas especiais viessem esclarecer este assunto, de maneira tão imprevista, o valor dos testemunhos era pouco contestado, quando se supunha que ele era de boa-fé. Era de regra acreditar na palavra da testemunha conscienciosa que contava as coisas que ela havia visto, ou as pessoas que ela havia observado. Se o narrador parecia não ter uma tese pessoal para defender, se ele não era dominado por uma paixão religiosa ou política, porque não acreditar nele? Porque razão uma pessoa leal que contasse um evento que testemunhou não a contaria de maneira fiel? Se tais informações fossem colocadas em dúvida, não seria preciso então renunciar a escrever a história?

As pesquisas modernas da psicologia experimental vieram arruinar inteiramente essa confiança secular no valor do testemunho. Elas mostraram que, nos fatos mais simples, onde nenhuma paixão, nenhum interesse poderia intervir, é quase impossível obter um relato que não fosse repleto de inexatidões. Não é a veracidade, mas o

erro que forma a regra. Erro tanto mais perigoso quanto mais ele é cometido frequentemente com uma perfeita boa-fé.

Os doutores E. Bernheim, Borst e muitos outros, realizaram sobre este assunto impressionantes experiências. O doutor Bernheim constatou que é extremamente difícil obter uma narração minimamente fiel de um acontecimento observado.

Os testemunhos ditos unânimes não são melhores, pois indicam geralmente o resultado de uma sugestão coletiva provocada por um só dos observadores.

As mais interessantes experiências sobre este assunto são as de Claparède, professor da Universidade de Genebra. Nelas, as pessoas submetidas às provas não eram indivíduos quaisquer, mas estudantes muito inteligentes. Os testemunhos obtidos se revelaram, no entanto, totalmente desoladores. Dentre as questões colocadas aos estudantes, uma das mais impressionantes foi a seguinte: existe uma janela interior que dá para o corredor da universidade, à esquerda de quem entra e que faz frente à janela do alojamento do porteiro?

O conhecimento dessa janela, diante da qual os estudantes passavam todo dia, foi negada por quarenta e quatro deles, em cinquenta e quatro.

Acrescenta o autor:

Um testemunho coletivo deste tipo é um pouco desconcertante e desencorajador, pois, se com testemunhas normais,

interrogadas em circunstâncias normais da existência de um objeto normal, que se encontrava num local que lhes é familiar, a probabilidade de veracidade do fato testemunhado não é proporcional ao número das testemunhas que o afirmam, que critério resta?

Um resultado tal prova, de uma maneira bem clara, que, em certos casos pelo menos, não apenas o valor do testemunho não é proporcional ao número de testemunhas, mas que uma pequena minoria pode ter razão contra uma grande maioria.

Nós nos perguntamos se não é a regra desconhecer os objetos sem interesse que nos rodeiam e se não é apenas por acaso e a título de exceção, que esses objetos deixam um traço sobre a placa sensível de nossa memória...

Outras observações do mesmo autor mostram que um fato excepcional não é melhor retido do que fatos cotidianos. É, evidentemente, completamente insólito que um indivíduo mascarado e coberto por um traje estranho penetre dançando no anfiteatro onde um professor dá aula. O professor Claparède, que tinha organizado essa cena sem avisar ninguém, solicitou aos alunos que dessem por escrito uma série de respostas relativas a esse indivíduo. Os erros cometidos foram enormes. Com relação ao traje, por exemplo, as testemu-

nhas indicaram detalhes da vestimenta que não existiam, como grandes botões, uma calça xadrez etc.

Introduziu-se em seguida alguns estudantes numa sala onde havia um certo número de máscaras extremamente diferentes __ com barba, sem barba, com nariz aquilino, nariz arrebitado etc. __ dentre as quais se encontrava a do sujeito que tinha irrompido no anfiteatro. Ela só foi reconhecida por cinco observadores em vinte e três e, mesmo assim, com hesitação.

Em todas as questões colocadas evitou-se, bem entendido __ o que raramente fazem os juízes de instrução __ aquelas capazes de sugestionar a testemunha. Perguntar, por exemplo, se um acusado não tinha os cabelos loiros, não é, de maneira alguma, a mesma coisa que interrogar simplesmente sobre sua cor.

*

* *

Destas pesquisas o Sr. Claparède tirou várias conclusões, cujo resumo é este:

Quanto menor é a lembrança de um fato, maior é a tendência coletiva para testemunhar sobre ele.

O que leva uma testemunha a responder é muito menos a nitidez de sua lembrança do que a probabilidade de que um objeto exista.

Ao lado da tendência a negar o que existe há a tendência para afirmar o que não existe. Isto é tão desenvolvido quanto aquilo?

A exatidão de um testemunho sobre uma questão não prova, de maneira alguma, sua veracidade sobre outras. É mais provável que seja o contrário.

Diz ainda o Sr. Claparède:

Quando se constata que uma testemunha deu uma resposta correta, a probabilidade de correção de outras respostas é bem pequena; mas essa probabilidade é ainda menor se ele deu duas respostas corretas; menor ainda se ele deu três. Parece que a capacidade de testemunhar tem __ como a capacidade do salto em altura, por exemplo __ um limite natural que a média dos indivíduos não conseguiria ultrapassar... Com três respostas corretas em sete, uma testemunha mediana parece ter atingido o limite de sua capacidade para testemunhar com exatidão.

No testemunho coletivo, a resposta correta nem sempre é aquela que se obtém da maioria relativa dos sufrágios.

Os historiadores admitem que a concordância de várias testemunhas independentes é uma prova de verdade. A experiência psicológica demonstra, pelo contrário, que, por maiores

que sejam as diversidades individuais, existe, no entanto, certas tendências que regem as mentes de todos os indivíduos e que, por isso, pode-se dar um acordo no erro, mesmo entre testemunhas que agem independentemente umas das outras.

*

* *

Mais de um leitor será levado a considerar as experiências de laboratórios, sobre as quais são fundamentadas as conclusões precedentes, como um pouco especiais e a dizer que, no curso da vida, as coisas se passam de outra maneira.

Não é bem assim. Sem pesquisa experimental, é possível se dar conta, ao retornar de uma viagem, no quanto nossas lembranças são fugidias e inexatas, escrevendo-as de memória e comparando-as em seguida com as descrições dos guias, ou melhor, com fotografias.

Escreve o doutor Toulouse:

Se um viajante levasse em conta o que ele se lembra, após numerosas excursões, ele ficaria espantado, magoado, envergonhado com as imagens ridículas, deformadas e errôneas que conservou desses passeios. Eu tive a curiosidade de fazer algumas dessas experiências. Os excursionistas que interroguei sobre paisagens e monumentos, vistos pouco antes,

me fizeram descrições lamentáveis e eu dei o golpe final em sua perplexidade mostrando-lhes fotografias dos lugares.

Em todas as observações precedentes não há nenhuma em que as paixões religiosas ou políticas do observador pudessem intervir. Quando elas atuam, as deformações tornam-se então prodigiosas. Pode-se concluir disso que os acontecimentos se metamorfoseiam nos cérebros na medida em que eles acontecem e que os testemunhos das pessoas que os assistiram só servem para deformá-los inteiramente.

Jules Simon deu um exemplo impressionante a propósito de um motim que se passou sob seus olhos. Diz ele:

Eu já contei várias vezes sobre o dia 31 de outubro de 1870. Cada um o conta a sua maneira. É uma coisa muito espantosa que tantas pessoas honestas se contradigam entre si ao contar fatos que testemunharam. Eu encontro em cada passo este espetáculo espantoso. Aquilo que a pessoa está menos certa é sobre sua própria mente. Ela não está certa sobre seus olhos; seus olhos e sua memória estão em luta permanente com sua imaginação. Ela acredita ver, ela acredita se lembrar e ela inventa.

É principalmente quando se trata de acontecimentos místicos que a deformação se revela profunda. Constata-se isso nas narrações de milagres e de aparições que preenchem os livros. Durante dez séculos, milhares de indivíduos viram o diabo e se o testemunho unânime de tantos observadores tivesse que ser considerado como uma prova poder-se-ia dizer que o diabo é o personagem cuja existência está mais bem demonstrada. Langlois destacou, a propósito disto, que poucos fatos históricos foram estabelecidos sobre um número tão grande de testemunhos independentes.

*

* *

Os antigos autores explicaram muito facilmente essas divergências de testemunhos dizendo que algumas testemunhas eram de boa-fé, outras eram de má-fé. A psicologia moderna mostra que na maioria das vezes essas observações contraditórias são feitas com a mais completa lealdade. O que o observador atesta representa as imagens evocadas por um acontecimento em sua imaginação e não o acontecimento em si. Ele efetua uma série de associações e de substituições cujo resultado acaba lhe parecendo certezas.

De uma maneira geral, pode-se dizer que, em matéria de testemunhos, é a boa-fé e não a má-fé que é perigosa. A má-fé se descobre facilmente pelas contradições da testemunha quando ela repete

uma narrativa mentirosa. Mas como diagnosticar as aberrações mentais que vitimam a pessoa sincera? A má-fé, aliás, logo se transforma, pela autossugestão, em boa-fé. Torna-se, com efeito, quase impossível repetir por muito tempo uma mesma mentira sem acabar por acreditar nela.

Se a narração exata de fatos se mostra tão difícil é porque a capacidade de observar permanece muito pouco desenvolvida, mesmo nos casos mais simples de ver; por exemplo, um monumento ou o que se passa na rua. Nossos professores universitários sempre consideraram, sem dúvida, essa arte como supérflua, pois eles não a ensinam; o que explica porque tantos alunos seus atravessam a vida sem ver nada.

A faculdade de observar pode, no entanto, ser adquirida de maneira prática, por métodos muito fáceis que eu expus em outro lugar.

Observar corretamente assegura à pessoa uma indiscutível superioridade na vida.

As experiências consignadas neste capítulo mostram claramente que o testemunho __ visto outrora como uma das fontes mais precisas da história __ possui apenas um pequeno valor.

Juntar testemunhos sobre um evento, como se faz hoje em dia com relação à guerra, é uma tarefa bastante inútil. Não é de um acúmulo de erros que se pode deduzir uma certeza.

Examinaremos agora outros métodos infinitamente mais precisos, para reconstituir a vida de uma época, do que aqueles cuja ineficiência acabamos de mencionar.

Capítulo III

Determinação dos acontecimentos históricos através do estudo dos monumentos, das inscrições e das medalhas.

Sumário

Os historiadores geralmente atribuem uma importância muito pequena aos monumentos e às obras de arte; as medalhas, particularmente. Eles figuram, no entanto, dentre as fontes mais precisas da história. São livros que não mentem. Eles contêm uma língua de uma admirável clareza, mas, apenas em nossos dias começa-se a compreendê-la.

Para algumas civilizações, os monumentos são quase a única fonte que permite reconstituir o passado. Graças a esses livros de pedra, os egípcios, os assírios e os hindus, entre outros, nos são mais bem conhecidos do que povos que apareceram muito mais tarde na cena do mundo; os gauleses, por exemplo.

A arquitetura nos revela às vezes elementos da história que os livros não falam. Foi assim que, estudando no local os monumentos da Índia, eu pude ler em seus baixos-relevos as causas do desapare-

cimento do budismo na grande península. Acreditava-se até então que ele havia sido aniquilado por violentas perseguições, enquanto que ele desapareceu simplesmente se fundindo com os cultos anteriores.

O estudo das obras de arte permite consertar muitas opiniões clássicas. A se acreditar nas narrações quase unânimes dos historiadores, a Idade Média foi uma época de negra barbárie. Se essa barbárie foi real sob o ponto de vista intelectual, ela não o foi para a vida artística. Através das obras de arte dos arquitetos, dos pintores, dos escultores, dos ourives daquela época, percebe-se que jamais a arte nacional esteve tão desenvolvida quanto na Idade Média. Apesar da opinião de muitos historiadores, poder-se-ia mesmo dizer da Renascença que sua evolução foi, em alguns aspectos, mais regressiva do que progressiva.

Alguns minutos passados no pátio do castelo de Blois, por exemplo, bastam para encontrar um modelo muito instrutivo da influência dessa regressão na arquitetura. De um lado do pátio, a ala maravilhosa de Luís XII. Na frente, o disparate da fachada greco-latina de Gaston d'Orleans. Por quê? Simplesmente porque o estudo dos antigos monumentos latinos, sob o império das ideias italianas, tinha feito considerar a arte gótica como uma obra de bárbaros. Se o tempo lhe tivesse permitido, Gaston d'Orleans, diz-se, teria se proposto

demolir inteiramente a ala que constitui uma das obras-primas da arte francesa.

Sobre todos os assuntos que implica o estudo de uma civilização, as obras de arte nos oferecem verídicos testemunhos. De uma maneira geral, pode-se dizer que elas manifestam as ideias, as crenças, as aspirações e até mesmo os modos do tempo em que elas foram produzidas. Todas as criações artísticas __ esculturas, quadros, medalhas etc. __ possuem uma linguagem muito nítida. Os artistas sintetizam, sob uma forma visível, as necessidades, os sentimentos, as crenças da época em que eles vivem.

Suas obras nos mostram também como evoluem as artes e como os povos modificam rapidamente, para conformá-las à sua constituição mental, aquelas que eles parecem adotar. As cópias das obras de arte estrangeiras logo assumem uma forma nacional. Um artista hindu, por exemplo, não pode reproduzir um objeto europeu sem transformá-lo. Os italianos conheciam muito bem a arte gótica, cujos três elementos principais __ o arco quebrado, a abóbada nervurada e o arcobotante __ eles utilizavam na ocasião e, no entanto, eles jamais puderam construir na Itália um monumento verdadeiramente gótico, que lembrasse, mesmo de longe, nossas majestosas catedrais. As belas igrejas toscanas __ particularmente as de Florença __ guardam sempre a silhueta das velhas basílicas latinas. Os monumentos mais góticos da Itália __ ou seja, os de Siena __ só o são pelo arco

quebrado das arcadas. Os livros asseguram que a igreja de Minerva, em Roma, constitui uma amostra de arte gótica, mas seu aspecto geral não tem nada de medieval. Alguns elementos góticos nela são simplesmente justapostos a outros elementos.

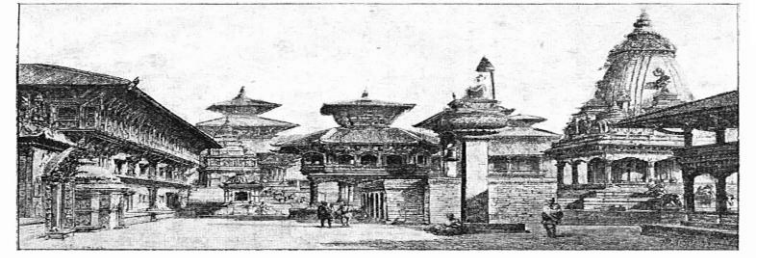
Mesmo quando monumentos são executados por artistas que não pertencem à nação que os abriga, estes últimos sofrem necessariamente a influência do meio onde se encontram. Destacou-se muito justamente que muitos monumentos góticos de Bruges eram obra de estrangeiros, mas estes, envolvidos pelo espírito da cidade, assumiram em Bruges o espírito brugeoense. Os italianos que construíram antigamente igrejas na Rússia não fizeram basílicas italianas, mas igrejas no estilo bizantino, que era então __ e, aliás, ainda é __ o estilo da Rússia; país muito bárbaro para ter algum dia criado uma arte verdadeiramente nacional.

O artista, com efeito __ e é isto que constitui precisamente o valor histórico de sua obra __ recebe muito fielmente a marca de seu meio. Ele se impregna desse meio de uma tal maneira que todas as manifestações de arte de uma época, sem nenhuma exceção, têm um ar de família que permite datá-las.

Combinações de arquitetura que mostram a influência dos povos estrangeiros.

Grande Praça de Bhatgaon, fotografada pelo autor durante sua exploração no Nepal. Os monumentos revelam imediatamente as influências chinesas.

Ilustração 1



*

* *

O estudo das inscrições fornece às vezes tão úteis documentos aos historiadores quanto os monumentos. Algumas palavras gravadas na célebre pedra de Damiette permitiram a Champollion descobrir o sentido dos hieróglifos. A escritura egípcia estava completamente esquecida, mesmo a língua tendo sido falada durante cinco ou seis mil anos.

Foi desta forma ainda que a decifração das célebres inscrições de Asoka, próximas ao início da era cristã, permitiu provar que a

civilização da Índia, a qual se atribuía uma fabulosa antiguidade, era, pelo contrário, uma das mais recentes da história.

As medalhas são tão úteis quanto os monumentos e as inscrições para revelar a vida de uma época. Limitando-se a ler os numerosos livros publicados sobre um dos fatos de nossa história mais férteis em consequências __ o massacre da Noite de São Bartolomeu __ obteremos, segundo a religião do autor, informações bem contraditórias sobre a maneira com que foi considerado o evento pelos seus contemporâneos. Somos informados, pelo contrário, de maneira definitiva, pelo exame das três medalhas reproduzidas abaixo. Duas delas foram cunhadas por ordens do rei da França e a outra pela vontade do Papa, com vistas a glorificar o massacre. As inscrições gravadas nessas medalhas não deixam nenhuma dúvida quanto aos sentimentos de seus autores. Completar-se-ia as informações assim obtidas examinando as fotografias de pinturas que figuram ainda no Vaticano e que o Papa mandou executar por Vésari, para representar os detalhes bem realistas dos massacres de huguenotes durante a Noite de São Bartolomeu. Três medalhas e algumas pinturas permitem assim o aprofundamento em um dos pontos mais importantes da história.

*

* *

O estudo das civilizações através das artes não faz parte da educação clássica. Ela constituiria, no entanto, como acabamos de ver, um ensino histórico de primeira ordem.

Colocando sob os olhos dos alunos reproduções de monumentos edificados por povos que possuíam uma mesma religião e uma mesma língua, mas que habitavam países diferentes __ como os muçulmanos na Espanha, no Egito ou na Índia __ o professor lhes faria ver que a arquitetura sofre, sob a influência de povos diferentes, transformações rápidas. Para provar que essas mudanças não são resultantes das diferenças de região ele mostraria a influência étnica, fazendo ver que numa mesma região __ a Índia, por exemplo __ os estilos variaram infinitamente de uma província a outra, durante os vários séculos de domínio muçulmano, simplesmente porque as etnias criadoras desses monumentos eram diferentes.

Expandindo em seguida o problema, indicar-se-ia que todas as manifestações da civilização de um povo __ tanto as instituições quanto a literatura e as artes __ exprimem a alma desse povo e nenhum povo, contrariamente ao que se ensinou durante muito tempo, adota a religião, as instituições e as artes de outros povos sem transformá-los. A história escrita não diz isso, mas as obras de arte mostram isso claramente.

Reconstituição numismática dos sentimentos de uma época.

"Medalhas cunhadas por Gregório XIII e Carlos IX para comemorar a Noite de São Bartolomeu"

Ilustração 2

Restitution numismatique des sentiments d'une époque. « Médailles frappées par Grégoire XIII et Charles IX pour commémorer la Saint-Barthélemy ».

Capítulo IV

Determinação de alguns fenômenos sociais através da estatística.

Sumário

A noção de determinismo que domina cada vez mais o pensamento científico tem por apoio sobretudo a constância de certos fenômenos assim que eles se tornam coletivos.

A observação, com efeito, demonstra que, se os casos individuais não são previsíveis, os casos coletivos __ nascimentos, casamentos, mortes etc. __ apresentam uma regularidade muito grande.

Os métodos estatísticos acabaram por assumir, em economia política e social, uma importância preponderante. Já se disse com razão que "as únicas verdadeiras leis econômicas são aquelas que a estatística referendou". O conhecimento dos fatos jamais está completo sem sua análise numérica.

Os documentos estatísticos figuram por isso dentre os mais preciosos que se pode utilizar hoje em dia para estudar a evolução social de um povo, mas precisam ser estabelecidos com cuidado, se quisermos evitar graves erros. O Sr. Tarde demonstrou, por exemplo, o quanto era ilusória a diminuição dos crimes que a estatística parecia revelar __ cujo serviço ele dirigiu por muito tempo __ e o quanto o otimismo oficial baseado nesta aparente diminuição se revelava pouco fundamentado.

As estatísticas só se tornam realmente úteis quando elas são comparativas e dão a porcentagem do fenômeno.

Essa noção de porcentagem é capital. Foi após tê-la introduzido na antropologia que eu pude mostrar as diferenças cerebrais profundas que separam as diversas raças humanas; diferenças que o método das médias não pôde estabelecer. Até então, comparando as capacidades médias dos crânios nas diversas raças, o que se via?

Distinções insignificantes e que podiam fazer acreditar __ como supunham, com efeito, a maior parte dos anatomistas __ que o peso do cérebro é quase idêntico em todas as raças. Por meio de curvas particulares que dão a porcentagem exata das diversas capacidades cranianas, me foi possível, operando em um número considerável de crânios, mostrar que o número das capacidades superiores difere enormemente, pelo contrário, segundo os povos. As raças superiores se distinguem nitidamente das raças inferiores, não pelas médias, mas porque as primeiras possuem um pequeno número de cérebros volumosos, que as segundas são sempre desprovidas.

Em razão de sua raridade, os grandes cérebros ficam sem influência sobre os médios, mas desempenham um papel capital na vida de um povo. Essa demonstração anatômica confirmou, aliás, a noção psicológica de que é sobretudo pelo número mais ou menos grande de mentes ilustres que ela possui, que se caracteriza o nível intelectual de uma nação.

Para comparar as sociedades entre elas não se pode então considerar isoladamente os elementos que a compõem, mas a proporção respectiva de uns em relação aos outros, ou seja, a porcentagem desses elementos. As médias dos estatísticos se mostram frequentemente enganosas. Muitos de nossos erros de avaliação e as generalizações apressadas que se seguem, resultam de um conhecimento insuficiente das porcentagens dos elementos observados.

Por isso, os documentos estatísticos são infinitamente preciosos no estudo da história, mas eles constituem uma língua cuja interpretação nem sempre é fácil.

Apesar de sua precisão, eles podem se tornar uma fonte de erros perigosos quando eles reúnem como semelhantes casos bem diferentes. Quando se sabe lê-las, as estatísticas fornecem, pelo contrário, indicações exatas, não apenas sobre os fenômenos econômicos, mas também sobre o estado social de um povo, seus costumes, suas necessidades, suas aptidões etc.

Capítulo V

Determinação da mentalidade de um povo através do estudo de suas produções literárias.

Sumário

Os documentos literários __ contos, provérbios, lendas, romances etc. __ representam um dos melhores meios de reconstituir a estrutura mental de um povo. Seu testemunho ensina como uma nação se comporta em diversas circunstâncias de sua vida e qual é a escala de seus valores.

Se dúvida, o caráter de um povo se revela através de todas as suas produções, mas é principalmente em suas obras literárias que se deve pesquisar esse caráter.

As grandes epopeias são pouco utilizáveis porque elas nos mostram personagens bastante exagerados em seus sentimentos e em suas ações. Os provérbios, lendas, contos populares etc. informam com mais exatidão.

Já aplicamos este método ao estudo da psicologia de algumas partes do povo hindu, extraindo de seus livros mais conhecidos __ o **Pantchatantra**, o **Hitopadésa** etc. __ algumas opiniões gerais sobre diversos elementos fundamentais da vida oriental.

Nós só utilizamos extratos de epopeias, como o **Mahabharata** e livros religiosos ou sociais como as leis de **Manou**, o **Manava-Dharma-Sastra** etc. quando eles se aproximavam das opiniões populares, do **Pantchatantra** e do **Hitopadésa**, provando, por consequência, o quanto eram antigas e gerais as ideias professadas sobre certos assuntos. Desta forma, as máximas um pouco humorísticas em aparência do **Pantchatantra** sobre as mulheres são confirmadas pelas reflexões do grave legislador **Manou** e nos mostram que os preceitos da primeira compilação deviam ser bem populares, pois eles já figuravam em estado de dogmas incontestáveis num código religioso, lei suprema da Índia, há muitos séculos. Quando uma opinião chega ao estado de condensação e se apresenta sob forma de máxima ou de provérbio, podemos estar certos de que foi preciso muitas gerações de pessoas para elaborá-lo.

Os extratos que se seguirão foram reunidos segundo o assunto que eles tratam: o destino, o caráter, a vida, os motivadores das ações humanas, as mulheres etc.

O DESTINO

O que não deve acontecer não acontece. Se uma coisa deve acontecer, ela não pode ser de outra maneira. Este raciocínio é um antídoto que destrói o veneno das preocupações. (Hitopadésa)

O destino escreve em nossa testa uma linha composta por um arranjo de letras. Mesmo o mais sábio, com sua inteligência, não pode apagá-la (Pantchatantra)

Pode-se cair do alto de uma montanha, mergulhar no oceano, se jogar no fogo e brincar com serpentes; não se morre antes da hora. (Hitopadésa)

O sucesso em todos os assuntos do mundo depende das leis do destino, reguladas pelas ações dos mortais em suas existências precedentes e da conduta da pessoa. (Manou)

A pessoa, mesmo pensando no destino, não deve deixar de fazer esforços. Sem esforços não se pode tirar o óleo da semente de gergelim. (Hitopadésa)

O CARÁTER

A natureza não pode ser mudada por conselhos. A água, mesmo muito quente, volta a ser fria. (Pantchatantra)

Se o fogo fosse frio e se a lua tivesse a propriedade de queimar, então, aqui embaixo, a natureza dos mortais poderia ser mudada. (Pantchatantra)

O que é natural leva vantagem sobre todas as qualidades e se coloca à sua frente. (Hitopadésa)

Dificilmente se consegue vencer seu instinto natural; transforme um cão em um rei, ele não roerá menos os calçados. (Hitopadésa)

Ele leu tudo, ele aprendeu tudo, ele praticou tudo; aquele que renunciou aos desejos e que viveu sem esperar. (Hitopadésa)

Qual é a pessoa que não fica maior quando olha para baixo de si? Aqueles que olham para cima são sempre pobres.

O contentamento é certamente a maior riqueza do ser humano. (Pantchatantra)

A prosperidade muda o caráter do ser humano. (Pantchatantra)

AS MULHERES

Os homens inteligentes e os heróis das batalhas, ao lado das mulheres tornam-se miseráveis criaturas. (Pantchatantra)

Ele olha o que não é factível como factível, ele olha o que é inacessível como de acesso fácil, ele olha o que não é comestível como comestível; o homem que a palavra de uma mulher fez andar. (Pantchatantra)

Deus deu às mulheres a necessidade de se adornar, a concupiscência, a cólera, os maus hábitos, o desejo de fazer o mal e a perversidade. (Manou.)

De uma natureza tão móvel quanto as ondas do mar, com sentimentos que não duram mais do que uma hora, como a linha das nuvens no crepúsculo, as mulheres, quando seus desejos são satisfeitos, abandonam o homem que lhes é inútil, como se joga fora a laca depois de ter sido riscada. (Pantchatantra)

As mulheres são sempre inconstantes; até mesmo a dos deuses, dizem. (Hitopadésa)

Não se pode vencer as mulheres, nem pela força, nem pelos preceitos. São seres totalmente indomáveis. (Hitopadésa)

O SABER E A IGNORÂNCIA

Mais vale a inteligência do que o saber; a inteligência está acima da ciência. (Pantchatantra)

Para que serve o estudo dos livros para aquele que é naturalmente desprovido de inteligência? (Hitopadésa)

A maior forma de pobreza é a pouca riqueza em conhecimentos. (Pantchatantra)

A RIQUEZA E A POBREZA

Neste mundo, para os ricos, até mesmo um inimigo se torna um parente; para os pobres, até mesmo um parente se torna um inimigo.

A fortuna traz à luz as qualidades, como o sol clareia tudo o que existe. (Pantchatantra)

Mais vale a mendicância, mais vale ganhar a vida carregando fardos, do que a prosperidade através da servidão. (Pantchatantra)

PRINCÍPIOS GERAIS DE MORAL

Escutais o que é a essência da virtude e quando tiverdes ouvido meditais no que é contrário a si mesmo, antes que seja feito pelos outros. (Pantchatantra)

Para alguns, a sabedoria está na palavra, como para o papagaio; para outros, no coração, como para o mudo, entre outros. Ela está igualmente no coração e na palavra. (Pantchatantra)

O ser humano que vai por mil caminhos, sua ação vil o segue; o mesmo acontece com a ação do ser humano generoso. (Pantchatantra)

A sinceridade, o império sobre os sentidos, a caridade, a prática constante do dever; eis o que constitui nosso valor. (Mahabharata)

DA DESCONFIANÇA E DA CAUTELA

A pessoa sábia, que deseja para si prosperidade, vida longa e felicidade, não deve confiar em ninguém. (Pantchatantra)

Mesmo o fraco, quando desconfia, não é morto pelos mais fortes e até mesmo os fortes, quando confiam, são logo mortos pelos fracos. (Pantchatantra)

Que o sábio não mostre a ninguém sua riqueza, por menor que ela seja, pois com a visão da riqueza até mesmo o coração de um asceta se emociona. (Pantchatantra)

Aquele que abandona o certo para correr atrás do incerto, foge ao mesmo tempo do certo e do incerto. (Hitopadésa)

O ferimento feito pela palavra não se cicatriza. (Pantchatantra)

DA MANEIRA DE SE CONCILIAR AS PESSOAS

É preciso agir com cada um segundo seu caráter. Entrando nas ideias dos outros, o sábio logo consegue dominá-los. (Pantchatantra)

É preciso, para se conciliar com o avaro, o dinheiro; com o homem severo, a submissão; com o ignorante, a gentileza e com a pessoa instruída, a franqueza. (Pantchatantra)

O sábio que sabe compreender o caráter de uma pessoa ao abordá-la, logo se torna seu mestre. (Hitopadésa)

DA CORAGEM E DA PERSEVERANÇA

Não começar as coisas é o primeiro sinal de inteligência. Levar ao fim o que se começou é o segundo sinal de inteligência. (Pantchatantra)

Mesmo sem fortuna, a pessoa que tem firmeza se eleva acima dos outros e torna-se objeto de respeito. (Pantchatantra)

Aquele que, quando caiu em uma infelicidade, se contenta em se lamentar loucamente, só faz aumentar sua infelicidade e não encontra o fim dela. (Pantchatantra)

DA ESCOLHA DAS RELAÇÕES E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Com aquele que não se conhece a força, nem a família, nem a conduta, não se pode fazer ligação. (Pantchatantra)

Aquele que aqui embaixo não tem amigos não supera a infelicidade. (Pantchatantra)

Até mesmo o diabo precisa de um companheiro. (Hitopadésa)

Os cervos procuram a companhia dos cervos; os tolos, a dos tolos; os sábios, a dos sábios. É a semelhança das virtudes e dos vícios que constitui a amizade. (Pantchatantra)

Aquele que sabe apreciar o mérito se contenta com quem o tem. Aquele que é desprovido de qualidades não ama a pessoa de mérito. (Hitopadésa)

Frequentando pessoas abaixo de si, perde-se sua inteligência; frequentando seus iguais, permanece-se seu igual; a frequência a pessoas superiores leva à superioridade. (Hitopadésa)

Um cavalo, uma arma, um livro, a palavra, um homem e uma mulher, tornam-se bons ou maus segundo a pessoa que eles encontram. (Pantchatantra)

A mentalidade de um povo e a escala de seus valores serão sempre melhor avaliadas por citações análogas às precedentes do que por uma longa enumeração de dinastias, de batalhas e de conquistas, consideradas outrora como a verdadeira trama da história.

Capítulo VI

Determinação do sentido das palavras no estudo da história.

Sumário

A incompreensão entre mentalidades diferentes é uma das mais importantes causas dos conflitos que preenchem a história. Ela contribui, por outro lado, para tornar dificilmente inteligível o passado. Essa incompreensão tem duas causas principais: as divergências de mentalidade e as de linguagem.

Como os povos __ da mesma forma que os indivíduos __ possuem cada um uma receptividade mental diferente, as mesmas palavras e os mesmos acontecimentos provocam neles reações diferentes.

Industrialmente e comercialmente eles dependem cada vez mais uns dos outros, enquanto que as divergências mentais __ que eles não controlam __ os separarão por muito tempo ainda.

É com muita dificuldade que conseguimos compreender o caráter de nações com mentalidade próxima à nossa. Quando se trata de povos bem diferentes __ negros, chineses etc. __ seus sentimentos e seus pensamentos ficam impenetráveis.

À incompreensão resultante das diferenças de mentalidade entre um povo e outro, soma-se aquela devida à evolução do sentido das palavras através dos tempos. As palavras sofrem a lei comum que obriga todos os elementos da natureza a mudar. Elas sobrevivem através do tempo, mas o sentido da quase totalidade dos termos abstratos varia de uma época para outra.

Quando acreditamos traduzir línguas antigas, nós frequentemente só fazemos substituir, por nosso pensamento moderno, aqueles que eram expressos por palavras cujo conteúdo se modificou lentamente no curso das eras.

Essas interpretações defeituosas foram a fonte de muitos erros. Elas levaram, por exemplo, as pessoas da Revolução Francesa a ideias bem falsas sobre as instituições do mundo antigo. Os inovadores que acreditavam se inspirar em concepções da Grécia e de Roma, citando constantemente em seus discursos Licurgo, Sólon, Platão, Plutarco etc. não tinham nenhuma noção exata das instituições de-

signadas pelos termos cujo sentido estava profundamente modificado.

Espantar-se-ia muito esses reformadores se lhes fosse mostrado que as repúblicas gregas eram antípodas a seu ideal democrático, pois elas eram constituídas por pequenas oligarquias em constantes lutas intestinas, que reinavam sobre um povo de escravos e de clientes duramente subjugados.

A liberdade, a igualdade e sobretudo a fraternidade, tal como nós as concebemos hoje em dia, eram sentimentos ignorados no mundo antigo. Um grego do tempo de Péricles ficaria muito surpreso com o sentido que lhes damos.

Seria, portanto, necessário, quando estudamos o passado, tentar dar às palavras empregadas seu sentido real. Mas essa tarefa parece dificilmente realizável. Pois, se é, a rigor, possível traduzir uma palavra, é impossível despertar na mente as ideias e os sentimentos que essa palavra evocava outrora. Certos termos que se tornaram indiferentes hoje em dia, outrora convulsionavam as almas das pessoas.

Foi pela reconstituição, a certas palavras, de seu sentido real, que Fustel de Coulanges reconstituiu a vida dos tempos merovíngios.

Ainda hoje, palavras iguais, de uso cotidiano, são compreendidas de maneira completamente diferentes, de acordo com o povo, o meio e a educação daqueles que as empregam. Veremos, nas notas

que terminam esta obra, a que ponto palavras de uso geral __ como o termo democracia __ podem assumir sentidos diversos, segundo os homens de Estado que se servem dela cotidianamente.

Foi somente no domínio da ciência que, após séculos de esforços, acabou-se por estabelecer uma linguagem universalmente interpretada da mesma maneira. Pessoas de todas as partes e de todos os povos civilizados reconhecem um conteúdo idêntico às palavras técnicas. A ciência representa sobretudo o domínio do quantitativo, ou seja, das coisas suscetíveis de medida, enquanto que, no domínio dos sentimentos e das crenças, a fase exclusivamente qualitativa não foi ultrapassada.

Enquanto a história não pôde sair do qualitativo, ou seja, se apoiar em bases científicas precisas, ela foi interpretada quase exclusivamente pela linguagem, os sentimentos e as crenças do escritor que a comentava.

***

Livro IV

Os elementos criadores da história.

Capítulo I

As forças ancestrais.

Sumário

Os povos não possuem __ não mais do que o mundo __ a estabilidade que parecem lhes atribuir os livros de história. Como todos os seres, as coletividades humanas estão em estado de evolução permanente. Um povo é comparável a um rio que possui, apesar de seu escoamento perpétuo, uma estabilidade aparente devido à imobilidade de suas margens.

As margens que orientam o curso do rio humano são constituídas por uma rede rígida de influências diversas: herança, crenças, costumes, leis, moral, educação etc. Quando esses reguladores se mantêm sem muitas mudanças, as variações sociais são suficientemente lentas para serem fracamente perceptíveis. A história apresenta vários exemplos dessa estabilidade ilusória: os séculos de Péricles, de Augusto, de Luís XIV etc.

Essas grandes épocas são homogêneas não porque a inevitável evolução suspendeu seu curso, mas por causa da permanência e da

continuidade de alguns princípios diretores __ religiosos, políticos, literários etc. __ manifestados em todos os fatores da vida social.

Para que um povo possua essa unidade, sem a qual ele não conseguiria prosperar, ele precisa adquirir uma certa constância de ideias, de sentimentos e de crenças capazes de transformar em bloco homogêneo a poeira de pessoas que o formava no início.

A dificuldade é obter um grau de estabilização suficientemente rígido para manter esse bloco, mas suficientemente maleável, no entanto, para lhe permitir evoluir.

Muito poucos povos souberam realizar essas duas condições essenciais de progresso.

*

* *

No primeiro lugar das causas determinantes da história figuram as influências ancestrais, ou seja, o conjunto das aptidões que cada ser traz ao nascer. Essas forças nós já assinalamos ao estudar sua ação sobre a formação de nossa personalidade moral. É da alma dos mortos que a dos vivos é formada; é em nós mesmos e não nos cemitérios que repousam os falecidos. Cada ser que vem à luz tem por detrás de si longos séculos de existência e é sempre influenciado por seu passado.

Tendo tratado desse assunto num outro volume, eu me limitarei a resumir aqui algumas de suas partes fundamentais.

A observação mostra que os povos podem ser aproximadamente divididos em primitivos, inferiores, médios e superiores.

Os povos primitivos __ fueguinos, oceânicos etc. __ estão próximos da animalidade ancestral e não mostram nenhum traço de cultura.

Os povos inferiores __ negros, peles vermelhas etc. __ são capazes de utilizar alguns rudimentos de civilização, mas não podem jamais se erguer muito alto.

Acima dos povos precedentes se colocam as populações amarelas da Ásia; os chineses, particularmente. Elas possuem formas de civilização já elevadas, que os povos indo-europeus já ultrapassaram. Apenas estes últimos constituem povos superiores.

*

* *

Nos povos inferiores todos os indivíduos possuem quase o mesmo nível mental. Nos povos superiores, a desigualdade intelectual é, pelo contrário, a lei. Mas quando as superioridades se tornam acentuadas elas não se transmitem. A hereditariedade acaba sempre, com efeito, por reduzir ao nível médio da espécie os descendentes

dos indivíduos que ultrapassaram esse nível. É por esta razão que os grandes indivíduos raramente deixam herdeiros dignos de seu nome.

Os povos civilizados modernos representam misturas criadas pelos acasos das conquistas, das invasões etc. Sob a influência da identidade do meio, das crenças e dos interesses, esses elementos heterogêneos são estabilizados e acabam, ao se cruzarem, por constituir agrupamentos homogêneos que eu qualifiquei de raças históricas.

Para que povos diferentes cheguem a se fundir e formar um povo novo, mais ou menos homogêneo, é preciso que os indivíduos misturados não se diferenciem muito pelo seu caráter e sua inteligência.

Os cruzamentos podem constituir um elemento de progresso se eles operam entre povos superiores suficientemente próximos uns dos outros. Eles se tornam, pelo contrário, um elemento de degeneração quando os povos cruzados são muito diferentes. Os espanhóis que conquistaram o sul da América não perceberam esse perigo e é por isso que todas as repúblicas hispano-americanas formadas do cruzamento dos invasores com os nativos e habitadas por mestiços sempre ingovernáveis não saem da anarquia. Elas só escaparão dela, como a República de Cuba, com a condição de sofrer a dominação mais ou menos direta do povo superior homogêneo que fez prosperar os Estados Unidos.

Após ter partilhado durante algum tempo das ilusões europeias sobre a igualdade dos povos __ ilusões que determinaram a terrível Guerra de Secessão __ os americanos dos Estados Unidos acabaram por compreender os perigos de seu erro e hoje em dia eles evitam cuidadosamente todo cruzamento com os treze milhões de negros que habitam seu território. A lei de Lynch foi uma necessidade étnica.

Cada povo possui qualidades e defeitos que o tempo ou a educação modificam pouco. As instituições, a língua e as artes de um povo só se transformam por uma evolução suficientemente lenta para colocá-los em relação com a mentalidade ancestral do povo que as aceita.

Quando os povos parecem adotar crenças, instituições, línguas e artes diferentes daquelas de seus ancestrais, isso só acontece, na realidade, após tê-las transformado profundamente. O bramanismo, o budismo, o cristianismo e o islamismo provocaram conversões aparentes em povos inteiros, mas, passando de um povo a outro, essas religiões mudaram muito. Transportado para a China, o budismo se tornou rapidamente irreconhecível; o islamismo da Pérsia é completamente diferente daquele da Arábia ou da Índia. O baixo-bretão reza ainda, na verdade, para ídolos pagãos; o espanhol adora amuletos; o italiano continuou politeísta e venera, como divindades, as diversas madonas, dos diversos vilarejos.

O cisma da Reforma foi a consequência da interpretação de um mesmo livro religioso por povos diferentes: os do norte querem discutir eles mesmos sua crença e regular sua vida; os do sul preferem se submeter sem discussão a dogmas impostos por uma autoridade superior.

Todas as vicissitudes políticas dos povos latinos __ dos franceses, particularmente __ são dominadas por um elemento característico de sua mentalidade ancestral: a necessidade de ser apoiado e dirigido em seus menores atos por um governo. Sob nomes diversos, o estatismo é o único regime possível nas nações latinas.

*

* *

Os acontecimentos que a cada dia se vê surgir não são, na realidade, criações do presente, mas de um longo passado. Quando um povo foi unificado por séculos de interesses semelhantes e crenças idênticas, ele possui dominantes hereditárias cujo conjunto constitui a entidade chamada alma nacional. É ela que age nas grandes circunstâncias que ameaçam a existência do povo; uma invasão, por exemplo. É ainda essa alma nacional que faz com que todos os membros de um povo apresentem, apesar de suas diferenças individuais, tantas características comuns. Ingleses, bretões, auverneses, provençais, japoneses etc. possuem modos de sentir e de pensar __

frequentemente, até mesmo modos de argumentar __ que os fazem serem reconhecidos imediatamente.

As influências que podem dar a um povo o conjunto de características comuns que serve para constituir sua alma nacional não são numerosas e a razão é, na maioria das vezes, estranha à sua formação. Elas têm por suporte uma unificação de sentimentos coletivos e místicos. Os de origem mística são os mais fortes: o culto a Roma, no mundo antigo e o cristianismo, na Idade Média, constituem marcantes exemplos de tais influências.

*

* *

A mais terrível catástrofe que pode atingir um povo é ele perder sua alma nacional. Não foram as invasões armadas dos bárbaros que aniquilaram a grandeza de Roma, mas as misturas prolongadas da população romana com os estrangeiros.

Em nossos dias, os Estados Unidos __ como assinalamos acima __ quase foram vítimas de um destino tal, após a invasão progressiva de elementos heterogêneos. Eles pressentiram a tempo o perigo e conseguiram fechar quase inteiramente seu território aos imigrantes.

A educação mais perfeita e as melhores instituições políticas não conseguiriam transformar certas influências ancestrais. Mesmo

que ele fosse composto unicamente por bacharéis, advogados e doutores, um povo de mestiços está predestinado à anarquia e às ditaduras invariavelmente produzidas por essa anarquia.

A Europa atual mostra, mais uma vez, o quanto são pesadas as influências ancestrais na vida dos povos. As extraordinárias dificuldades que encontra a tentativa de realizar uma federação europeia provam que as necessidades teóricas têm muito pouca força quando elas não têm a unanimidade de certos sentimentos hereditários por suporte.

A solidariedade entre os vivos tem por base necessária a solidariedade entre os mortos, dos quais os vivos são formados.

Capítulo II

O caráter e a inteligência.

Sumário

Apesar das variações possíveis de personalidade, estudadas num outro capítulo, os seres são enquadrados por certas influências permanentes __ vontade, perseverança etc. __ que limitam as oscilações. Seu conjunto constitui o que se chama de caráter[8].

[8] Para simplificar a exposição que vai se seguir, tomamos as palavras sentimento, inteligência, razão etc. no sentido atribuído geralmente a estes termos. Sua definição clássica basta para mostrar o estado rudimentar da psicologia sobre questões fundamentais, no entanto. Eis, por exemplo, como Littré define a razão, na última

Os povos com caráter forte sempre dominaram aqueles com caráter fraco ou indeciso, qualquer que fosse a inteligência destes últimos. Numa época em que eles eram bem pouco civilizados ainda, os romanos subjugaram facilmente os gregos, muito superiores, no entanto, a seus vencedores, pela inteligência e a cultura.

O mesmo fenômeno continua a se manifestar nos tempos modernos. Desta forma, trezentos milhões de hindus, notáveis por seus conhecimentos artísticos e filosóficos, foram dominados, em razão de seu fraco caráter, por um exército inglês insignificante em número.

O curso inteiro da história mostra o quanto o papel do caráter foi mais influente do que o da inteligência sobre o destino dos indivíduos e dos povos[9].

O caráter é o verdadeiro diretor do comportamento. A inteligência serve principalmente para explicar e discernir. As qualidades

edição do dicionário de medicina: “Conjunto das faculdades pelas quais o ser humano percebe, reconhece, demonstra a verdade.”A definição de sentimento pelo mesmo autor é bastante confusa. O sentimento seria para ele: “Visão do espírito própria para nos orientar, na apreciação das coisas, nossos julgamentos.” Esta última definição confunde o sentimento com a razão.

[9] Apesar dessa preponderância dos sentimentos, as universidades latinas sempre negligenciaram seu estudo. O cientista professor Claparède observou que os numerosos métodos propostos para determinar as aptidões individuais só agem sobre as aptidões intelectuais.“Deixou-se quase inteiramente de lado as provas concernentes à determinação do caráter, ou seja, à medida da personalidade inteira.”Essa determinação é, aliás, difícil e o caráter só pode ser avaliado segundo os atos e não segundo os discursos.

intelectuais são suscetíveis de serem aperfeiçoadas pela educação; as do caráter escapam quase inteiramente a sua ação.

De uma maneira sumária pode-se dizer que as sociedades modernas parecem constituídas pela superposição de mundos completamente diferentes: o da ciência, unicamente governado pela inteligência e o da vida social, dirigido pelos sentimentos que constituem o caráter.

Do mundo da ciência __ que as elites intelectuais orientam __ surgem as invenções que transformam o lado material das civilizações. Do mundo social nascem conflitos e ódios que perturbam frequentemente o progresso das nações e ameaçam destruí-las.

A história das ciências é a narração das descobertas realizadas pela inteligência. A história dos povos relata os acontecimentos determinados pela influência de sentimentos diversos que raramente a razão dirige.

A confusão entre os sentimentos que guiam o ser humano e os motivadores de ação invocados por ele é geral entre os historiadores. Os autores da Revolução Francesa imaginavam fundar uma sociedade nova, sobre a razão pura e eles a invocavam sem parar em seus discursos. De fato, a grande maioria de seus atos derivou de sentimentos __ necessidade de igualdade, inveja, rancores etc. __ nos quais a razão não tinha nenhuma participação.

Todas as pessoas, civilizadas ou selvagens, têm sentimentos semelhantes; mas, entre o primitivo e o civilizado existe a distinção profunda de que este último possui o poder de resistir, pela força do caráter, aos impulsos emotivos, utilizando sua razão para opor um sentimento a outro.

*

* *

Os seres capazes de controlar inteiramente suas sugestões sentimentais __ ou seja, que possuem a faculdade qualificada pelos ingleses de *self-control* __ são pouco numerosos. As multidões são completamente desprovidas dele. O impulso do momento é geralmente seu único guia. A razão não consiste em opor uma argumentação a um sentimento, mas na representação de um sentimento distante pelo impulso presente.

Apesar dos progressos da civilização, a grande maioria dos povos permanece na fase inferior em que as inibições refletidas ainda não adquiriram um poder suficiente para refrear os reflexos naturais. Várias guerras nasceram dessa inaptidão para dominar os impulsos do momento.

A possibilidade de modificar o comportamento __ opondo aos impulsos presentes suas consequências futuras __ exige não apenas o controle de si mesmo, ou força de caráter, mas também a faculdade qualificada de capacidade de discernimento. Esta faculdade repre-

senta a mais alta das aptidões intelectuais. Ela implica num espírito crítico suficientemente penetrante para ler o encadeamento dos efeitos e das causas.

Associadas a certas influências místicas, as influências sentimentais que constituem o caráter formam um conjunto bastante complexo, designado pela expressão: forças morais.

Seu poder modificou frequentemente o curso da história. Considerando a última guerra, pode-se dizer que as forças morais desempenharam um papel capital em sua origem e em seu término. Os alemães foram derrotados menos pelos canhões do que pelas forças morais. O valor militar dos guerreiros improvisados da América era quase nulo, mas a impressão produzida pela chegada das inumeráveis legiões constituiu uma influência moral suficientemente poderosa para desencorajar o inimigo e finalmente desarmá-lo. O ilustre marechal Foch atribuía uma importância preponderante às forças morais. Dizia ele: “A guerra é departamento da força moral. A vitória é a superioridade moral do vencedor e a depressão moral do vencido”.

*

* *

Uma das dificuldades da era moderna se manifesta na discordância crescente entre o desenvolvimento da inteligência e a evolução mais lenta dos sentimentos e do caráter.

A subordinação da inteligência aos sentimentos sempre teve notáveis consequências na história. Os esforços racionais dos sessenta representantes dos diversos Estados que constituíam a Sociedade das Nações, para manter a paz entre os povos, pesaram muito pouco diante de uma explosão espontânea de sentimentos coletivos: inveja, amor-próprio ferido, desejo de revanche etc.

Essa incapacidade de ação da razão sobre os sentimentos tornou-se um tanto quanto mais perigosa na medida em que os progressos da ciência forneceram aos sentimentos armas suficientemente terríveis para aniquilar, em algumas horas, grandes capitais, com todos os tesouros de arte que elas possuem e destruir assim as velhas civilizações que tanto orgulham a humanidade.

Numa humanidade superior, os sentimentos estarão, talvez, a serviço da inteligência, mas na nossa, insuficientemente evoluída, é a inteligência que permanece submetida aos sentimentos.

Capítulo III

As crenças místicas com formato religioso.

Sumário

No primeiro lugar das forças psicológicas que dominam a história figuram as forças místicas. Seu papel sempre foi preponderante porque elas constituíram o grande estimulante dos esforços individuais e coletivos donde deriva a vida dos povos.

Eu não poderia me estender aqui sobre essa influência, já tendo dedicado um livro para mostrar como as crenças nascem, crescem e morrem e como, após terem se fixado na mente, elas orientam as ações. Eu tentei explicar sobretudo o fato fundamental de que crenças contrárias à razão puderam ser admitidas pelos cientistas mais eminentes. Esse fenômeno parecia incompreensível na época em que se considerava as crenças como voluntárias e racionais, enquanto que elas são, na realidade, involuntárias e irracionais. Toda a história das crenças religiosas e das crenças políticas deriva dessas noções fundamentais. A propagação das crenças no inconsciente por contágio mental, sugestão, prestígio etc. exerceu na vida dos povos um papel muito superior ao da razão.

*

* *

O misticismo é constituído pela obediência a mitos, suficientemente forte para escapar à influência da razão. A história da humanidade é sobretudo a história de seus mitos. Um povo cresce quando

possui mitos religiosos ou políticos capazes de estimular seus esforços. Ele declina quando o poder de seus mitos empalidece.

As influências místicas fazem parte dessas forças mentais desconhecidas que a ciência apenas esboça o estudo. Não podendo o misticismo ser classificado dentre os fenômenos intelectuais, nem dentre os fenômenos afetivos, é preciso considerá-lo como um estado psicológico particular, um pouco análogo àquele produzido pelas forças ditas hipnóticas. O sujeito hipnotizado cai, como se sabe, sob o domínio absoluto de seu hipnotizador. Uma crença produz efeitos semelhantes, mas cuja duração, ao invés de ser efêmera, é geralmente prolongada.

As crenças místicas com formato religioso desempenharam um papel tal na estabilização das personalidades, individuais e coletivas, que não seria exagerado dizer que a história dos povos é constituída, em grande parte, pela história de seus deuses.

Durante os cinquenta a cem mil anos anteriores às civilizações, nossos ancestrais permaneceram bastante confinados no inconsciente para que uma busca qualquer sobre o destino os tivesse preocupado. O nascimento e a morte pareciam fenômenos naturais que não demandavam nenhuma explicação. Alimentar-se e reproduzir-se constituíam seus únicos motivadores de comportamento.

Antes que o ser humano tivesse podido pensar em formar uma opinião sobre o universo, foi preciso que, da vida inconsciente, da

qual ele ainda não havia saído, surgissem alguns lampejos de vida consciente que permitissem associar na mente as imagens das coisas, para descobrir suas analogias e suas diferenças.

A noção de causalidade e de finalidade, ou seja, a ideia de que um fenômeno tem causas e consequências, marcou provavelmente a origem das primeiras concepções da humanidade primitiva sobre o universo.

Os mistérios formidáveis que envolviam o ser humano __ o estouro do raio, as violências da tempestade e muitos outros ainda __ deviam ter uma causa. A única imaginável era a existência de personagens análogos ao ser humano, mas imensamente superiores em poder.

Então nasceram os deuses inumeráveis __ benfazejos ou nocivos __ sempre temíveis que, durante longos séculos, deveriam dominar a vida dos povos. Todos os fenômenos __ desde a marcha do sol até a elevação das ondas e o crescimento das plantações __ eram regidos por divindades especiais. Para se conquistar sua proteção utilizavam-se os únicos processos então concebíveis para agir sobre os grandes personagens: preces e presentes. A vida de cada povo logo se viu dominada pela intervenção permanente dos deuses. Nos mais civilizados __ gregos e romanos, particularmente __ as muito numerosas divindades inspiravam um medo profundo. Sua suposta intervenção nos menores atos da existência obrigava a consultá-los

sem parar. Em Roma, o colégio dos augures __ do qual fazia parte os mais altos personagens __ era encarregado da interpretação dos sinais que revelavam as vontades divinas.

Mas até mesmo esses deuses sofreram a lei da evolução que condena o universo a mudar sempre.

Um Deus novo, vindo da Galileia, acabou por substituir as velhas divindades do Olimpo. Durante longos séculos a vontade desse poderoso senhor dominou a vida dos povos e estabilizou seu pensamento mais ainda do que aquela das divindades que ele substituiu. Um inferno eterno ameaçava as pessoas que durante sua vida não tinham obedecido às suas prescrições.

Foi somente numa época bem moderna que foi adquirida a noção de forças impessoais, que podem ser captadas pelo ser humano e são capazes de substituir as vontades dos deuses.

*

* *

Os deuses desempenharam um papel tão preponderante na história que jamais um povo pôde mudá-los sem ver sua existência se transformar inteiramente.

Já mencionamos que as tribos nômades da Arábia, unificadas pelas ilusões religiosas de Maomé, tornaram-se rapidamente bastante poderosas para fundar um grande império.

Dentre os numerosos exemplos de estabilização mental que pode ser produzida pela adoção de uma fé ardente, pode-se citar ainda os inícios da Reforma na França.

Ela sintetizou, de início, apenas uma luta contra os abusos do clero __ a venda de indulgências etc. __ mas o contágio mental e as perseguições logo a transformaram em uma crença tão forte que nenhum suplício pôde estancar sua difusão. Cada execução levava, pelo contrário, a novas conversões.

A despeito de todas as medidas de terror, a Reforma se difundiu e a França tornou-se um campo de batalha entre crenças rivais durante cinquenta anos.

Nenhum exemplo mostra melhor a que ponto as personalidades frequentemente flutuantes com que cada ser é composto podem engendrar, sob o domínio do misticismo, uma personalidade nova, tão estável que nenhuma influência, seja o interesse pessoal, o instinto de conservação, o medo da dor, consegue modificá-la.

*

* *

Pode-se supor um povo desprovido de crenças religiosas? O mundo ainda não conheceu nenhum e provavelmente jamais conhecerá. A necessidade mística de uma fé diretora e estabilizadora parece indestrutível.

Apesar de algumas aparências, a receptividade religiosa não diminuiu sensivelmente ao longo dos séculos. O babismo na Pérsia, o niilismo, o bolchevismo e a religião dos Skopzy na Rússia, a ciência-cristã nos Estados Unidos, são exemplos recentes que mostram a força prodigiosa que pode dar uma crença aos convictos, por mais absurda que possa ser essa crença.

Não tendo que estudar aqui essas diversas religiões, eu me limitarei a resumir em algumas linhas a história de uma das mais recentes: o mormonismo. Fundada por um visionário que pretendia ter milagrosamente recebido do céu um livro sagrado que indicava os princípios de uma religião nova, ele reuniu, graças a seu poder de sugestão, numerosos adeptos, cujo número cresce constantemente. Violentamente perseguidos e dizimados por tropas armadas, os convictos tiveram que fugir de seus perseguidores. Perseguidos por centenas de quilômetros, eles acabaram por chegar à região desértica do Lago Salgado, onde seus perseguidores desistiram de segui-los. Em alguns anos, sob a influência da nova fé, o deserto congelado estava transformado. Uma grande cidade, rodeada de fábricas e de estradas de ferro saiu do nada e logo se tornou a importante capital de uma nova província, Utah, que faz parte hoje dos quarenta e oito Estados cujo conjunto constitui a república dos Estados Unidos.

Conduzidos pela razão simples, nenhuma coletividade teria provavelmente conseguido fazer surgir do deserto uma região prós-

pera como o fizeram os crentes apoiados pelas crenças ilusórias, criadoras de suas forças.

Todas as crenças religiosas, principalmente em seus inícios, exercem a mesma influência dominadora sobre a alma dos crentes. Até mesmo uma como a dos Skopzky, na Rússia, que obtém de seus fieis as mais cruéis mutilações. Em nenhuma religião faltaram os mártires.

*

* *

As divindades que regem o mundo desde as origens da história acabam, no entanto, por perder, mesmo entre os crentes, os poderes soberanos que lhes conferia a imaginação dos povos. O mundo antigo divinizava as forças da natureza. O mundo moderno as tornou impessoais e consegue cada vez mais dominá-las. Nas antigas concepções do mundo, o ser humano devia obedecer aos deuses detentores dessas forças. Na concepção atual são as forças naturais que obedecem ao ser humano. Vários milhares de anos foram necessários para estabelecer essa distinção, da qual toda filosofia moderna deriva.

Capítulo IV

As crenças místicas com formato político.

Sumário

Quando a proteção dos deuses, obtida através das preces, não o sustenta mais, o ser humano busca outras esperanças. Ele acredita descobri-las nas ilusões políticas e sociais. A fé cega, que o estado de espírito místico sempre faz nascer, foi um dos elementos fundamentais dessa nova forma de crenças.

O poder de certos ideais políticos com formato religioso é às vezes tão grande quanto aquele das religiões, mas geralmente mais efêmero. Essas crenças políticas fazem nascerem as mesmas esperanças, as mesmas intolerâncias e também a mesma necessidade intensa de propagação que os dogmas religiosos.

As crenças políticas com formato religioso dão a seus adeptos uma força tão grande quanto uma religião nova. A história forneceu vários exemplos disso, particularmente na época da Revolução Francesa. Aos poderosos exércitos das velhas monarquias europeias, a república só podia opor tropas mal equipadas e mal disciplinadas. Elas triunfaram, no entanto. Um fenômeno tão imprevisto resultou do fato de que os soldados revolucionários tinham uma fé religiosa profunda nos dogmas novos que eles adotaram. Para eles, a humanidade transformada entrava numa fase de felicidade universal. As sociedades retornariam à era primitiva que constituía __ aos olhos dos teóricos que ignoravam os rigores da pré-história __ um período de igualdade, de liberdade e de fraternidade infinitamente feliz.

*

* *

Dentre as crenças políticas que possuem a força estabilizadora de crenças religiosas e que participam de sua natureza, pode-se mencionar ainda a aspiração de certos povos à hegemonia. As histórias de Nínive, Babilônia e de Roma, nos tempos antigos; da Espanha, Inglaterra, França e Alemanha, nos tempos modernos e dos Estados Unidos de nossos dias, mostram a influência do ideal constituído pelo misticismo coletivo que representa o culto de uma pátria.

Hoje em dia, as mais ativas crenças políticas com formato religioso são representadas pelo socialismo e sua forma extrema, o comunismo. Seu poder cresce a cada dia, em razão das esperanças com que elas são envolvidas. O clericalismo radical, o clericalismo comunista, o clericalismo católico, sem perseguir os mesmo objetivos, representam formas bem pouco diferentes da mesma fé mística.

O socialismo submerge a Europa como o cristianismo a invadiu há 2.000 anos. Sua propagação é menos rápida porque ele se choca com influências econômicas que o mundo antigo não conhecia.

A doutrina socialista é, aliás, de uma simplicidade que a torna acessível a todas as inteligências. Um ministro socialista inglês, Sr. Mac Donald, exprimiu muito bem seus princípios fundamentais nos seguintes termos:

O socialismo é a concepção de uma comunidade organizada e orgânica que tem em mãos o poder econômico e material da sociedade, de maneira que o indivíduo possa ser liberado da opressão e goze da liberdade para se desenvolver.

Traduzida em termos práticos, essa ideia significa que todas as indústrias seriam administradas sob o controle do Estado, ou seja, por um imenso exército de funcionários públicos. As aplicações desse sistema já realizadas na Rússia provaram, por um lado, que a gestão estatista era muito mais cara do que a gestão capitalista individual e, por outro lado, muito mais opressiva.

O socialismo e seu irmão, o comunismo, esquecem, aliás, que a gestão estatista paralisaria rapidamente o esforço pessoal, fonte de todo progresso.

Um povo que perdeu sua aptidão para o esforço cairia numa profunda decadência.

O socialismo, desta forma, tem contra ele leis econômicas, bem como leis psicológicas. Sua força é, no entanto, muito grande, em razão do poder das ilusões místicas sobre as quais ele repousa. Não é de se espantar que ele se espalhe tão rapidamente. Após ter arruinado a Rússia, ele invade povos tão estabilizados quanto a Inglaterra. Foi somente através de ditaduras muito enérgicas que outros

países __ Itália, Espanha, Polônia etc. __ puderam se proteger contras suas devastações.

O comunismo, baseado teoricamente, como o socialismo, na equalização das fortunas, possui uma força de propaganda maior ainda do que este último, porque ele se apoia em invejas e ódios muito mais intensos.

Fora esses grandes exemplos característicos, basta percorrer nossa história moderna para se convencer do papel das crenças políticas com formato religioso. As perturbações, cujo teatro foi a França desde a Revolução Francesa, constituem provas impressionantes disso. Essas perturbações contribuem igualmente para mostrar que, apesar de suas aspirações à liberdade, a grande maioria das pessoas experimenta a imperiosa necessidade de um ideal religioso ou político suficientemente forte para estabilizar os pensamentos e orientar o comportamento.

Se tantas mentes vivem hoje em dia na intranquilidade e na incerteza é porque elas não encontraram ainda um ideal místico bem forte para dominá-las.

*

* *

A noção de equivalência entre as crenças políticas novas e as antigas crenças religiosas é fundamental. Só ela pode explicar a pro-

pagação de certos movimentos incompatíveis com as necessidades econômicas da era moderna.

Apesar da tendência a serem substituídas por diversas crenças políticas, as antigas religiões desempenham sempre um papel importante na vida política dos povos. Vimos isso quando a Alsácia se insurgiu contra leis infelizes que visavam atingir suas convicções religiosas. Na Inglaterra, as menores questões teológicas ainda têm o poder de agitar a opinião pública.

As discussões violentas levantadas no parlamento britânico pela proposição de se introduzir uma ligeira mudança no livro oficial das preces é igualmente um exemplo impressionante.

*

* *

Os apóstolos das crenças políticas novas, destinadas a substituir as antigas crenças religiosas, imaginam defender ideias muito avançadas, enquanto que, na realidade, na maioria das vezes, eles retornam a formas de evolução inferiores, ultrapassadas há muito tempo.

Durante a Revolução Francesa, particularmente, encontrava-se nas teses revolucionárias muitas concepções reacionárias. O que queriam, com efeito, Robespierre e seus selvagens colegas? O retorno às instituições das sociedades primitivas, tidas como admiráveis

por seu mestre J. J. Rousseau, enquanto que, segundo as luzes da antropologia moderna, essas sociedades eram compostas por selvagens sem nenhum traço de cultura. O que pedem hoje em dia os comunistas, se não é o retorno a formas de evolução abandonadas desde os primeiros tempos da história e que só são observadas nas tribos inferiores?

*

* *

As contradições entre as necessidades econômicas e as ilusões políticas com formato religioso jamais foram percebidas pelos convictos. Já demonstramos que a grande força das crenças políticas com formato religioso está em não levar em conta as condições reais de existência dos povos. Essas ilusões parecem concebidas para seres artificiais, sem paixões nem vontades, destinados a seguir, do nascimento à morte, caminhos idênticos.

Não tendo que se preocupar com as necessidades que governam o mundo, os programas místicos dos reformadores são sempre carregados das mais sedutoras esperanças. A paz, o bom entendimento, o desarmamento, a igualdade das fortunas e das condições, neles são anunciados sem preocupação com as realidades econômicas e sociais que condicionam cada vez mais estreitamente a vida atual.

A era moderna está violentamente agitada pela antinomia crescente entre as influências místicas que continuam a dominar a alma humana e as necessidades econômicas produzidas pelos progressos da ciência. As ilusões políticas substituíram as ilusões religiosas, mas as primeiras, como as segundas, se chocam com as mesmas dificuldades que resultam de um conhecimento mais avançado do universo.

O real criado pela ciência cresce a cada dia, sem ter podido, no entanto, substituir o mundo irreal que o coração precisa. Por muito tempo ainda, sem dúvida, se manterão paralelamente as duas grandes influências __ uma científica e outra religiosa __ que dirigem a vida das pessoas.

Os conhecimentos científicos modificaram profundamente o lado material das civilizações, mas as crenças místicas, sejam elas religiosas ou políticas, permaneceram até aqui as únicas capazes de criar a comunidade de sentimentos e de pensamentos necessária para a estabilidade das personalidades coletivas. O término do grande conflito entre o real e o irreal que ainda agita o mundo, marcaria sem dúvida o início de novas civilizações.

Capítulo V

Os costumes, a moral e a educação.

Sumário

Quaisquer que sejam as causas primeiras da evolução de um povo __ políticas, religiosas, econômicas etc. __ elas só agem profundamente após terem se transformado em costumes, ou seja, em hábitos inconscientes nos quais o pensamento não intervém. Os costumes têm um poder irresistível, pois o indivíduo que pretendesse se livrar de sua influência logo teria por inimigo todo o grupo ao qual ele pertence. Eles podem variar, mas enquanto durar, eles têm um poder absoluto. A força da moda, que não é exercida somente no vestuário, mas em muitos elementos da vida social, artística e até mesmo intelectual, bastaria para mostrar a importância dessas orientações coletivas na vida dos povos.

Os costumes constituem um dos fatores fundamentais da estabilização social. Um povo só sai da barbárie após ter se curvado ao jugo do costume e ele retorna a ela assim que este elemento de estabilização perdeu sua força.

As leis contribuem para fixar os costumes, mas não os criam. Para ser eficaz, uma lei deve codificar o costume e não precedê-lo.

*

* *

Os costumes figuram entre os verdadeiros geradores da moral, ou seja, da ciência que, segundo os dicionários, regula a conduta.

Há séculos os filósofos dissertam sobre a moral, tratando-a como se ela pertencesse ao domínio da inteligência, enquanto que ela depende dela muito pouco. Kant, cujas teorias racionalistas ainda dominam o ensino universitário, tinha sobre a moral muito grandes ilusões. Era da necessidade de recompensar a virtude e de punir o vício que ele deduzia a existência de uma vida futura e de um Deus remunerador.

Na realidade, as leis morais repousam sobre necessidades sociais cujo poder impõe a toda coletividade, inclusive às sociedades animais, regras forçosamente inflexíveis, pois elas representam as condições mesmas da vida em sociedade.

Já tendo tratado dessas questões em outro lugar, me bastará lembrar que uma moral atuante só pode ser criada por hábitos inconscientes, aos quais as noções de mérito e de demérito são quase estranhas. Uma pessoa que, após longos conflitos interiores, acaba por devolver um objeto encontrado, tem mérito, mas possui apenas uma moralidade fraca. Se ele devolve o objeto espontaneamente ele não tem nenhum mérito, mas possui uma moralidade forte.

O ensino da moral deve teve como objetivo final, não ensinar de cor princípios racionais que, na realidade, raramente influenciam

a conduta, mas fixar no inconsciente o sentimento do dever, indispensável qualquer que seja a situação ocupada[10].

A aquisição dessa noção do dever implica primeiro numa disciplina muito severa. Sofrida com esforço, essa disciplina acaba por se fixar no inconsciente e torna-se então um hábito praticado sem dificuldade, que orientará a pessoa ao longo de toda sua existência.

Foi com razão que um célebre industrial alemão, Helferich, disse que a escola e a caserna tinham criado hábitos de ordem e de disciplina que fizeram a força da Alemanha e permitem, hoje, sua rápida reconstrução.

*

* *

As leis morais e os costumes constituem não apenas poderosos estimulantes da ação, mas também influências inibidoras capazes de impedir a pessoa de obedecer aos impulsos naturais, guias primitivos de sua conduta. A superioridade do civilizado sobre o bárbaro deve-se justamente ao fato de que o primeiro acabou por adquirir um con-

[10] A substituição do ensino religioso pelo ensino laico nas escolas repousa sobre um erro de psicologia ao qual, aliás, a maior parte dos povos soube se livrar. O adulto tem pouca dificuldade de pensar um pouco. A criança não pensa de maneira alguma e só possui ideias sugeridas.A noção de um Deus todo poderoso que percebe as ações mais escondidas, constitui para a criança um freio moral mais ativo do que todos os raciocínios dos professores. Quando mais tarde ela descobrir por ela mesma o fraco valor racional dos mitos muito bem adaptados a sua infância, ela compreenderá também o quanto sua eficácia foi grande.

junto de reações inibidoras que o levam a se dominar e regulam assim sua vida.

As nações que se pode qualificar de instáveis __ russos e balcânicos, por exemplo __ não possuem outro elemento de fixação além da vontade transitória de líderes suficientemente fortes para impor suas leis. Com o desaparecimento desses líderes, a unificação desaparece junto. Assim se explica a história dos grandes impérios asiáticos, em que a decadência foi tão rápida quanto a grandeza.

*

* *

Pode-se contar com a ação de leis repressivas para estabilizar o comportamento? A experiência respondeu negativamente há muito tempo. Essas leis repressivas constituem mesmo uma das mais perigosas ilusões da era moderna. As estatísticas demonstram, com efeito, que nossas ações jurídicas só fazem provocar recidivas, o que é o contrário do objetivo proposto.

A noção de necessidade tende cada vez mais a substituir as velhas ideias sobre as quais era baseado o antigo direito. É em nome da necessidade __ criação de uma estrada de ferro, por exemplo __ que um proprietário se vê expulso. E é em nome da necessidade ainda __ já que nove décimos dos criminosos não melhoram, o número de recidivas aumenta constantemente e eles se mostram cada vez mais

perigosos após cada condenação __ que os códigos do futuro se limitarão, como eu sustento há muito tempo, a duas sanções: primeiro delito, condenação com sursis; segundo delito, deportação para uma colônia distante.

*

* *

O papel da educação é considerável, sobretudo nos povos que um passado longo ainda não estabilizou a mentalidade. Foi o caso, por exemplo, da Alemanha moderna.

Eu enviarei novamente o leitor que se interessar por essas questões ao meu livro sobre a **Psychologie de l'Education**. Ele verá neste livro o porquê da educação experimental, exclusivamente adotada na Alemanha e na América, ser imensamente superior à deplorável educação livresca dos povos latinos.

Tentando extrair os princípios que permitam melhorar a personalidade do aluno eu constatei a existência de dois, cuja influência fundamental deve igualmente servir de base ao ensino da moral: 1º) as associações por contiguidade; 2º) a substituição de impressões fortes, mas pouco repetidas, por impressões fracas frequentemente reiteradas.

E como o valor de uma doutrina só pode ser demonstrado pela experiência, eu apliquei os dois princípios precedentes ao adestra-

mento de alguns animais, como o cavalo, cujos hábitos eu pude assim modificar[11].

O comportamento dos povos repousa igualmente sobre os dois princípios mencionados acima. O difícil não é conhecê-los, mas utilizá-los criteriosamente.

*

* *

Os diversos elementos de estabilização que recordamos sumariamente se propagam sob a influência de um mesmo fator psicológico: o contágio mental. Ele é uma sugestão generalizada da mesma ordem que aquela dos hipnotizadores. Seu papel na vida social se mostra considerável. Criador da unidade de sentimentos e de pensamentos, ele rege os costumes, os hábitos, a moda, a opinião pública e os principais elementos do comportamento. A inteligência mais alta nem sempre está livre dele. Nossos vícios, nossas virtudes, nossas

[11] Eu expus a aplicação desses princípios num livro sobre equitação, ilustrado com numerosas fotografias instantâneas. Sua utilidade foi reconhecida por uma das mais altas autoridades equestres da França, o coronel Blaque-Belair, então comandante da escola de cavalaria de Saumur. Eis o que ele disse sobre isso em um artigo:"Esse livro foi para mim a grande luz que caiu no caminho para Damasco! O capítulo intitulado **Bases psychologiques du dressage** é uma obra-prima e aqueles que não se inspiram nas regras colocadas por ele não podem pretender nada em equitação... Essa obra ilumina o ensino de nossa arte pela criação de métodos doravante inabaláveis..."

determinações, resultam na maioria das vezes do fenômeno da sugestão por contágio mental. Ele domina o curso da história.

Capítulo VI

As instituições políticas

Sumário

As instituições políticas e sobretudo os conflitos que elas produzem sempre desempenharam um papel considerável sobre a estabilização dos povos e também em sua desagregação.

A observação demonstra que essas instituições resultam na maioria das vezes de certas necessidades gerais muito superiores às vontades. Esse poder preponderante da necessidade já havia sido reconhecido pelos filósofos da Grécia antiga. Eles sabiam __ verdade frequentemente esquecida hoje em dia __ que os povos não são livres para escolher suas instituições, mas obrigados a aceitar aquelas que sua mentalidade e as circunstâncias exteriores lhes impõem.

Aristóteles, em seu **Política,** disse que existe uma relação estreita entre as formas de governo e o estado econômico, intelectual e moral da sociedade que esse governo é chamado a reger.

Para Políbio, a lei das transformações políticas é tão precisa quanto aquela que rege os fenômenos naturais. Essa lei implica __

como a evolução da vida no indivíduo __ num declínio final que corresponderia ao reinado da democracia? Platão afirma que sim.

Passando do mundo grego para o mundo romano, encontramos o papel da necessidade e também o das perturbações produzidas pelos conflitos de interesses. A constituição da cidade romana não se revelou jamais realmente democrática. Após um governo monárquico de curta duração, Roma foi governada durante cinco séculos por um Senado que regia autocraticamente uma plebe frequentemente pronta para se revoltar. Esta, no entanto, acabou por conseguir acesso a todas as magistraturas e, para defender seus direitos, tribunos que podiam opor seu veto às leis que ela achava muito opressivas.

Apesar de seus esforços, os romanos não conseguiram impedir as lutas sociais. Após hecatombes repetidas __ como as de Silas e de Mário __ essas lutas criaram a necessidade de ditaduras imperiais.

*

* *

O mundo se governa com possibilidades e não com princípios, como acreditava Montesquieu, quando disse, falando dos romanos, que “eles tiveram uma série contínua de prosperidades quando se governaram segundo um certo plano e uma série ininterrupta de reveses quando se conduziram de acordo com um outro”.

As necessidades que determinam as instituições dos povos são diversas. A vida agrícola, a vida pastoril, a vida marítima, a vida comercial, a vida militar etc. implicam em instituições relacionadas com as necessidades desses diversos estados.

Fora as instituições surgidas das necessidades da existência, existem outras provocadas pelas crenças que apareceram em diferentes períodos da história. O budismo, o islamismo, o cristianismo etc. transformaram as instituições políticas de alguns povos e, por via de consequência, sua mentalidade.

Nos mil anos da Idade Média o pensamento cristão agiu sobre os menores detalhes da existência das nações europeias. Dois elementos orientavam então o comportamento: ganhar o paraíso repleto de eternas delícias e evitar o inferno e seus suplícios. Longamente mantidas, essas perspectivas criaram instituições suficientemente fortes para unificar as ideias, os sentimentos e as vontades.

*

* *

Uma das grandes dificuldades da vida social é adaptar progressivamente as instituições às necessidades que circunstâncias novas fazem surgir. Já vimos que o regime feudal, por exemplo, foi a consequência de imperiosas necessidades históricas; particularmente a de uma proteção contra as ameaças exteriores. Desaparecidas as

condições que o tornaram indispensável, só restam os abusos do regime.

A mesma coisa aconteceu, também na Idade Média, com a situação particular da indústria das cidades italianas, que determinou o nascimento e o desenvolvimento do sindicalismo. Os abusos e as violências desse regime geraram uma anarquia prolongada, cujas consequências finais foram as quedas sucessivas de diversas repúblicas, inclusive a mais brilhante de todas: a de Florença. Esta última submeteu-se ao jugo dos Médicis em razão de necessidades psicológicas análogas àquelas que levaram recentemente alguns Estados europeus a sofrer com ditaduras.

Foram igualmente as necessidades da época que determinaram, no século XV, a fusão em grandes reinos __ Espanha, França, Inglaterra etc. __ de pequenos Estados outrora independentes.

Quando a rede de velhas tradições se encontra muito rígida, a adaptação só pode se realizar após uma revolução violenta. Foi justamente o caso da França no momento da Revolução. A antiga monarquia, gradualmente formada pela anexação de pequenos estados diversos __ Borgonha, Bretanha, Provença etc. cada uma com seus costumes, hábitos e às vezes sua língua __ possuía, mesmo sob o absolutismo de Luís XIV, apenas uma unidade frequentemente fictícia. Os reis tinham que lutar continuamente contra as exigências dos parlamentos, os interesses locais etc.

Unificar um país tão dividido foi a obra fundamental da Revolução. Só o futuro poderá dizer se é preciso considerar como mais útil do que nociva essa unificação, que fez desaparecer os lares de diversas culturas provinciais. Sob o ponto de vista do poderio militar, uma centralização parece excelente. Sob o ponto de vista dos progressos da civilização, a multiplicação de meios intelectuais, artísticos e comerciais é evidentemente preferível. Uma das grandes forças da Alemanha foi conservar, mesmo sob o domínio imperial, centros de cultura completamente independentes.

*

* *

Quando as necessidades históricas, geradoras das instituições políticas, adquiriram uma certa força, os acontecimentos acidentais ficam sem grande influência.

Mesmo quando Carlos o Temerário mandou assassinar Luís XI, prisioneiro em Pérone, ele não impediu por muito tempo a Borgonha de se tornar francesa, pois necessidades gerais obrigavam então todos os pequenos Estados a se deixarem absorver pelos vizinhos mais poderosos.

Se, na Itália e na Alemanha, o movimento rumo à unificação se realizou somente três séculos mais tarde, isso foi porque não havia,

nesses países fatiados, um poder suficientemente forte para se tornar um centro de atração.

Os exemplos precedentes e todos aqueles de mesma ordem mostram que a vida política dos povos, mesmo podendo sofrer influências momentâneas, permanece dominada por necessidades gerais, verdadeiras soberanas da história.

Dentre essas necessidades criadoras de instituições políticas, é preciso citar ainda as correntes de opiniões coletivas, ou seja, as vontades da massa. Elas se tornam cada vez mais poderosas hoje em dia. As variações de regime político na França, nos últimos cento e cinquenta anos, resultam dessas grandes flutuações da opinião pública.

*

* *

As constituições escritas de um povo revelam geralmente pouca coisa de sua vida política real. A maior parte das pequenas repúblicas espanholas da América possuem instituições políticas muito semelhantes com as dos Estados Unidos e, no entanto, um abismo separa a situação das duas partes do Novo Mundo: anarquia de um lado, prosperidade crescente do outro.

Este exemplo __ e todos aqueles de mesma ordem __ mostram que, para julgar um povo, não são suas instituições políticas, mas sua aplicação é que importa conhecer.

O estudo das realidades ocultas pelas aparências escapa frequentemente aos historiadores. Foi somente ontem, por exemplo, que penetrantes observadores revelaram para as duas Américas diferenças psicológicas completamente desconhecidas. Pôde-se então se dar conta a que ponto, apesar de certas semelhanças, os princípios políticos e sociais dos Estados Unidos diferiam daqueles das repúblicas latinas do sul.

Se escolhemos o caso particular das Américas, foi porque ele constitui um exemplo típico dos erros que se pode cometer ao se limitar a estudar as instituições políticas dos povos através dos livros, ao invés de pesquisar a maneira com que elas são aplicadas.

A Europa não soube, como os Estados Unidos, realizar ainda a adaptação de instituições antigas às necessidades novas, porque ela continua dominada por forças hereditárias e ilusões de teóricos em conflito com a evolução econômica que condiciona a vida moderna.

*

* *

Mesmo que as instituições nasçam de necessidades às vezes muito independentes da razão, muitas mentes, nos países latinos principalmente, continuam convencidas de que a lógica racional possui um poder reformador.

Foi somente ontem que uma crença tal se viu um pouco abalada. Um de nossos presidentes do Conselho de Ministros mais influentes da época atual expressou como se segue, diante de mim, a evolução operada em sua mente sobre este ponto fundamental:

> *Após ter vivido muito tempo no absoluto, eu devo reconhecer que a política não passa de uma adaptação às necessidades do momento. Partindo da lógica pura, eu acabei por constatar que na vida ela não tem nenhuma influência. A lógica pura leva na maioria das vezes a notórias derrotas. As coisas da vida não poderiam se arranjar como a razão indica. No dia em que a razão for a única senhora de nosso comportamento, isso seria provavelmente o fim do mundo, porque somos levados apenas pelos impulsos de nossos desejos. A razão é uma luz fria que não incita à ação.*

Mesmo no domínio da ciência essa opinião sobre o papel da razão é professada por espíritos ilustres. Eis o que me escreveu há um tempo atrás, a este respeito, o ilustre Henri Poincaré: “Não há raciocínio que possa ir ao fundo das coisas. Veja você, a lógica, é boa para os mestres-escolas”.

Não é, aliás, através de argumentos racionais que se resolvem os problemas cotidianamente colocados aos políticos. Como provo-

car, por exemplo, o nascimento, a aceleração ou o desaparecimento de uma opinião? Como substituir um elemento afetivo por outro?

Quais são os meios de agir sobre a vontade inconsciente dos indivíduos e dos povos?

Os livros clássicos são quase nulos sobre esta questão. As regras que eles ensinam só podem servir para os discursos acadêmicos e não agem sobre as multidões. A arte de governar deve se dirigir para os motivadores místicos, coletivos e afetivos que guiam as pessoas e muito pouco para sua razão. É por isso que os grandes senhores do mundo raramente recorreram a ela. Eles sabiam instintivamente que a ciência nasce da inteligência, mas que os sentimentos e as crenças criaram a história.

As consequências das instituições políticas não são percebidas imediatamente, porque, após terem sido efeitos, elas se tornam causas, por sua vez. Quando, por exemplo, sob Henrique IV, foi decidido que os membros dos parlamentos pagariam ao rei uma taxa anual que os tornaria possuidores de seu cargo, isso logo resultou numa independência que lhes permitiu fazer oposições frequentes às decisões do poder real.

Fatos de mesma ordem são numerosos.

Foi assim que as instituições democráticas que tornaram o serviço militar universal produziram hecatombes imensamente mais mortíferas do que todas aquelas do passado.

*

* *

O fato de que as instituições políticas que regem a vida dos povos devem estar em relação com sua mentalidade poderia parecer uma das banalidades da história. A observação demonstra, pelo contrário, que essa verdade essencial foi muito frequentemente desconhecida por muitos políticos encarregados de presidir os destinos das nações. Um desconhecimento tal custou aos americanos a terrível Guerra da Secessão e ameaça levar a França à perda de suas colônias.

Nada pôde abalar ainda a terrível ilusão que nos leva a querer impor aos povos, cujos hábitos e costumes foram estabilizados por um longo passado, o que os teóricos chamam de “os benefícios da civilização”.

Os exemplos da desastrosa influência que pode ter para um povo a adoção de instituições mal adaptadas à sua mentalidade já são numerosos. Sem contar a guerra civil que perturbou há vários anos a China __ país feudal do século XII que buscava se dar instituições do século XX __ um dos mais impressionantes é aquele da república negra do Haiti. A adoção das instituições europeias teve nela, como resultado, uma sucessão de pilhagens, massacres e destruições. Elas acabariam por arruinar um povo antes muito próspero se os america-

nos não tivessem intervido para restabelecer um pouco de ordem nesse caos e impedir a ilha de retornar ao estado selvagem.

Colocando-se mesmo sob o ponto de vista exclusivamente prático, vê-se o quanto é útil conhecer os fundamentos psicológicos das instituições políticas que podem convir a um povo. As sociedades são organismos tão complicados quanto um ser vivo e é ilusório tentar __ como ainda tentam alguns teóricos __ modificá-las a golpes de decretos. As leis reformistas votadas apressadamente pelos Parlamentos não passam muito frequentemente de cristalizações efêmeras de ilusões perigosas.

LIVRO V

Os elementos desagregadores da vida dos povos.

Capítulo I

O declínio das crenças

Sumário

Após ter estudado as influências capazes de estabilizar as personalidades individuais e coletivas, vamos indicar sumariamente como os elementos estabilizados chegam a se dissociar.

No primeiro lugar dos fatores de desagregação figura o declínio das crenças sobre as quais é fundada a unidade mental dos povos.

Porque, em certos momentos, as crenças invadem o espírito a ponto de dominá-lo inteiramente e porque, após um período mais ou menos longo, elas sofrem a lei comum que condena o imaterial, bem como o material, a enfraquecer e depois a desaparecer?

A observação demonstra que as crenças se desgastam com o tempo. Mas, para que elas percam inteiramente seu prestígio sobre as almas é preciso que uma fé nova venha substituí-la.

O processo dessa evolução se revela sempre o mesmo. O poder da fé, no início muito grande, acaba por declinar e se enfraquece gradualmente até o dia em que, da crença primitiva, sobrevivem somente os ritos e os símbolos. Ainda respeitada, a antiga crença perdeu, na realidade, sua influência diretora. É então que uma crença nova pode germinar sobre os cacos daquela que somente a lembrança sobreviveu.

A impotência da razão sobre a gênese e a evolução das crenças é interessante de se notar porque ela permite consertar certas ilusões históricas. Muitos escritores ainda continuam convencidos de que as obras dos filósofos __ Voltaire, Rousseau etc. __ abalaram a fé religiosa na alma dos crentes por ocasião da Revolução Francesa. É, na realidade, duvidoso que todos os seus volumes tenham transformado um só convicto em cético. Essas obras só poderiam exercer uma ação sobre as almas cuja fé aparente era constituída apenas pela prática exterior de um culto.

Esse fenômeno psicológico de desgaste de uma fé religiosa serve para compreender porque é inútil opor antigas crenças a crenças políticas suficientemente intensas para constituir uma religião. As crenças passadas não rejuvenescem.

A Europa moderna se encontra justamente numa dessas épocas críticas da história, análoga ao início do cristianismo, onde o paganismo se encontrava em conflito com uma crença nova.

Sem ação sobre as crenças populares, a razão poderia agir sobre pessoas suficientemente instruídas para analisar sua fé?

A resposta a esta questão é fornecida pelo fato de que eminentes cientistas sempre admitem, como indiscutíveis verdades, lendas religiosas que nenhuma razão conseguiria defender.

Dentre esses cientistas curvados pelo peso das crenças de sua época, pode-se citar Pascal, cuja razão tentou discutir a fé. Nesse conflito a fé levou vantagem. O ilustre pensador resolveu finalmente considerar como verdades as lendas religiosas que o tempo deveria gastar forçosamente, mas que, em sua época, representavam verdades eternas.

Uma crença religiosa gasta pelo tempo pode se transformar em crença racional? A história fornece apenas um exemplo de uma transformação tal. É aquela efetuada pelo protestantismo, quando ele assumiu a forma dita liberal. Nesta última evolução do cristianismo, a concepção de um Deus que deixa perecer seu filho em suplícios para expiar as faltas de suas criaturas é completamente rejeitada. O Cristo perdeu sua origem divina e é considerado apenas como um simples moralista que pregou úteis verdades. Assim transformado, o cristianismo não é mais, na realidade, uma religião e não conseguiria responder às aspirações místicas das almas atormentadas pela necessidade de acreditar num futuro mundo melhor.

As perseguições mais violentas não conseguiriam abalar as crenças. Elas só fazem mesmo fortalecê-las. Eu forneci, aliás, impressionantes exemplos disso, a propósito dos inícios da Reforma.

Se os comunistas fossem chamados a sofrer, num ponto qualquer do globo, os suplícios aos quais Nero condenava os cristãos, a fé comunista tomaria, sem dúvida, uma extensão muito mais rápida ainda do que hoje em dia.

*

* *

Pode-se resumir, nas seguintes proposições, os princípios psicológicos que presidem o nascimento e o desaparecimento das crenças de toda ordem; religiosas, políticas ou sociais:

1º) A necessidade de uma crença para orientar os pensamentos e a conduta é tão imperiosa e poderosa quanto a fome e o amor;

2º) O ser humano muda às vezes o nome de seus deuses, mas as influências místicas que sempre dominaram sua alma ainda a dominam;

3º) Às antigas divindades pessoais, o ser humano moderno tende a substituir por dogmas e fórmulas aos quais são atribuídos o mesmo poder mágico. A parte de verdade que esses novos dogmas contém geralmente não é maior do aquela das antigas crenças;

4º) As crenças religiosas e as crenças políticas em forma de religião não são edificadas sobre razões e não podem ser destruídas por razões;

É através de sugestões derivadas do prestígio, da afirmação e da repetição que se fundam as crenças. O contágio mental constitui seu principal meio de propagação. Como conclusão, pode-se dizer que a influência dos divinos fantasmas que povoaram o céu e o das ilusões que tentam substituí-los hoje em dia, mostram que o irreal desempenha na história um papel tão importante quanto o real. Sob sua ação grandes civilizações surgiram do nada e outras voltaram a ele. O irreal deu ao ser humano a ilusão de uma eternidade de felicidade que a severa natureza não lhe concedeu. Sem seu poder, a humanidade continuaria mergulhada numa eterna barbárie.

Após séculos de esforços, a ciência fez o ser humano penetrar no círculo do real, mas o irreal ainda o submerge. Foi do conflito entre o real e o irreal que a história moderna saiu. Dominador soberano de nossas ideias, de nossas crenças e de nossos sonhos, o irreal __ repito __ permanece um dos grandes criadores do real.

Capítulo II

As ilusões políticas.

Sumário

Dentre os elementos desagregadores da vida das sociedades figuram em primeiro lugar os conflitos entre ideais diferentes.

Já vimos que os ideais capazes de orientar a existência de um povo não duram para sempre. Eles acabam, particularmente, por perder seu poder sobre as almas, porque eles deixaram de se adaptar às necessidades que a evolução do mundo faz constantemente surgir. Ilusões novas nascem e se veem em conflito com as ilusões passadas que a herança manteve o prestígio. Nos últimos cento e cinquenta anos esses conflitos psicológicos convulsionaram a Europa.

Nossa própria história __ da Revolução Francesa até nossos dias __ foi uma luta contínua entre ideais diferentes. Suas primeiras consequências foram o aparecimento de um ditador necessário para restabelecer a ordem e depois vinte anos de guerras entre os povos que defendiam seu velho ideal e os defensores do ideal novo.

Os conflitos continuaram, apesar da morte do conquistador que simbolizou o ideal revolucionário. As restaurações que lhe sucederam não conseguiram estabilizar os ideais políticos. Após outras convulsões sociais produzidas pela perturbação das mentes, surgiu um novo ditador, aclamado por 7 milhões de votos. Não tendo sabido evitar as cegueiras psicológicas de seus predecessores, ele viu sua carreira terminada por uma guerra desastrosa que deve, ela mesma, figurar dentre as causas distantes das imensas hecatombes que o mundo veio a sofrer.

*

* *

Os erros do tratado de paz que terminou a última guerra constituem um exemplo notório das consequências que as ilusões psicológicas podem tem na vida dos povos. Não será inútil examinar sua gênese.

A ignorância do estado geral da Alemanha era então geral. Considerava-se esse grande país como um império completamente unificado, enquanto que ele era composto, na realidade, de reinos distintos, momentaneamente agregados para uma defesa comum.

A fusão desses diversos estados em um único império só tinha acontecido, aliás, após as vitórias germânicas de 1871. Usando seu prestígio, Bismarck obteve, naquela época, que os soberanos dos reinos alemães da Baviera, Saxônia, Wurtemberg etc. consentissem em formar, sob a presidência do rei da Prússia, uma confederação destinada sobretudo a gerir os interesses militares comuns a todos esses Estados.

Uma organização tal não privava, de maneira alguma, os países confederados de sua independência, mas os colocava, para as operações militares e um pequeno número de assuntos de interesse geral, sob a direção do rei da Prússia, que assumiu o título, de início puramente honorífico, de imperador da Alemanha. Cada um dos Estados confederados conservou seu soberano, seus ministros, sua ad-

ministração, enfim, toda sua autonomia. Para marcá-la bem, alguns deles __ como a Baviera __ continuaram a se fazer representar por agentes diplomáticos no exterior.

Naturalmente, como sempre acontece em casos análogos, o imperador, que não passava de um gerente dos interesses comuns, estendeu progressivamente seus poderes e, durante a guerra de 1914, tornou-se, pelo menos enquanto durou o conflito, o único senhor da Alemanha.

Sua dominação __ reduzida inicialmente a uma simples predominância __ sempre foi tolerada sem entusiasmo pelos Estados confederados. No dia seguinte ao armistício, vários dentre eles __ a Baviera, particularmente __ manifestaram tendências nitidamente separatistas.

Se, no momento da redação do tratado de paz, os aliados tivessem compreendido a verdadeira situação política da Alemanha, eles teriam encorajado essas tendências. Tratando separadamente com os diversos Estados germânicos, em condições um pouco diferentes para cada um, eles teriam evitado ter diante deles, num prazo curto, uma Alemanha unida e já ameaçadora.

Sem dúvida que os Estados que a Prússia momentaneamente federalizou acabariam por visar à unidade. Mas, para realizá-la, um tempo muito longo teria sido indispensável, durante o qual toda esperança de revanche teria sido necessariamente abandonada.

Após ter favorecido uma concentração que deveria ter sido, pelo contrário, retardada, a diplomacia europeia teve muito trabalho para impedir a população alemã da Áustria de se reunir à Alemanha. Essa anexação __ que reclamam os derrotados em nome do ilusório princípio das nacionalidades proclamado pelos vitoriosos __ é, aliás, fatal. Ela se fará progressivamente e sem violência, quando as aduanas entre os dois países forem suprimidas e quando seus interesses estiverem unificados. Então, a república austríaca, mesmo conservando uma autonomia aparente, será incorporada ao império alemão, exatamente como a Baviera, a Saxônia, Wurtemberg etc. que fazem parte dele hoje em dia.

Quando essa anexação tiver terminado, a Alemanha terá ganhado enormemente com a guerra, enquanto que quase todos os países da Europa foram arruinados por esse gigantesco conflito.

Destaque-se, aliás, que a Áustria, outrora tão orgulhosa de sua independência, jamais teria pensado em se unir à Alemanha, se os autores do tratado de paz não a tivessem espoliado de suas mais belas províncias para formar com elas reinos separados.

A desastrosa concepção dos Aliados, surgida de suas ilusões psicológicas, teria como consequências imediatas ou distantes, não apenas o crescimento da Alemanha através da anexação da Áustria, mas ainda a criação de pequenos Estados rivais que só aspiram cres-

cer às custas de seus vizinhos e que preparam assim, para a Europa, novos conflitos.

A divisão da Áustria em reinos separados, em nome do princípio das nacionalidades, é um exemplo do erro cometido ao aplicar, a certos períodos da história, um princípio de conduta que só tem valor para outras épocas. O princípio das nacionalidades poderia ser invocado utilmente em outros tempos. Mas, há vários séculos, ele se viu substituído por um princípio muito melhor adaptado às novas necessidades: o da concentração dos pequenos Estados em grandes Estados.

Se os alemães tivessem sido os vencedores, eles teriam podido pretender, em nome do princípio das nacionalidades, que a Bretanha, a Normandia, o Auvergne, a Borgonha etc. compostos por povos diferentes, deveriam formar Estados independentes. A França estaria então esfacelada, como está atualmente o império da Áustria.

*

* *

Dentre os exemplos da influência das ilusões psicológicas na história, pode-se mencionar ainda a política seguida pela Europa com relação à Turquia; política que figura na lista das causas da grande guerra.

Desde a conquista de Constantinopla pelos turcos, algumas províncias da península balcânica __ Bósnia, Bulgária etc. __ eram regidas por uma administração otomana rígida, sem dúvida, mas que possuía o grande mérito de ser perfeitamente adaptada à mentalidade das populações semibárbaras submetidas a suas leis. Ela tinha, com efeito, conseguido estabelecer uma paz completa entre povos que só pensavam antes em se pilhar e se massacrar.

Esse resultado era incontestável. Mas, inconscientemente dominados pela secular rivalidade da cruz e do crescente, os diplomatas europeus sempre tiveram, como ideal, espoliar a Turquia de algumas províncias. Foi assim que a Bósnia caiu nas mãos da Áustria, Chipre sob a dominação inglesa etc. Outras __ Bulgária e Sérvia, particularmente __ tornaram-se independentes.

Seguindo o antigo hábito das populações balcânicas, esses novos Estados entraram imediatamente em conflito com seus vizinhos. Os mais insignificantes desses minúsculos reinos trataram de obter o apoio de uma grande potência. A Sérvia, por exemplo, tendo se colocado sob a proteção da Rússia, esta se viu na obrigação da apoiá-la em seu conflito com a Áustria. Então explodiu a guerra, que não teria sido imaginada se a Turquia tivesse continuado a reinar nos Bálcãs.

Espoliando progressivamente a Turquia de suas províncias, os diplomatas europeus chegaram então a este resultado: 1º) explosão

da formidável guerra que quase arruinou a Europa; 2º) perspectiva assegurada de novas lutas entre os pequenos Estados balcânicos, criados às custas da Turquia e completamente impotentes para fazer reinar entre eles a paz que gozavam sob o domínio otomano.

As ilusões políticas dos homens de Estado com relação à Turquia continuaram após a guerra. Na esperança de caçar definitivamente os muçulmanos da Europa, um todo-poderoso ministro inglês lançou contra eles os gregos, que já ocupavam Smyrna. Vendo-se ameaçada de ser varrida definitivamente do mapa político do mundo, a Turquia reuniu suas últimas tropas e conseguiu, após um esforço desesperado, expulsar de seu território seus agressores helênicos, apesar de seu número.

Essa impressionante vitória levou ao tratado de Lausanne, muito humilhante para a Europa. Ele permitiu, com efeito, aos turcos, eliminarem os estrangeiros da totalidade dos cargos ocupados por eles na administração otomana. Por outro lado, ele os privou dos privilégios que constituem as Capitulações[12]; obra de vários séculos de esforços. Constantinopla voltou a ser uma cidade exclusivamente turca, enquanto que há muito tempo ela havia deixado de sê-la.

As ilusões políticas de um ministro inglês tiveram como resultado final dar à Turquia, ou seja, a um dos países derrotados da

[12] Capitulação: convenção que regulava os direitos dos súditos cristãos em países muçulmanos. (Nota do tradutor)

grande guerra, uma situação privilegiada que ela jamais teria obtido de seus aliados germânicos se estes tivessem sido os vencedores.

Os exemplos precedentes mostram nitidamente que se os canhões desempenham um papel considerável na vida dos povos, o das ilusões políticas pode se tornar mais considerável ainda. Sua permanente influência é uma das constatações impressionantes da filosofia da história.

*

* *

O conflito das ilusões políticas ainda se manifesta na luta do internacionalismo com o nacionalismo e a ideia de pátria que deriva dele.

O internacionalismo, que sonha em estender a ditadura vermelha para o mundo inteiro, constitui não apenas uma ilusão política, mas um imenso erro de psicologia, dada as divergências profundas de mentalidade dos diversos povos.

O nacionalismo, pelo contrário, consequência do formidável poder que ainda possuem os mortos sobre os vivos, é o último elemento capaz de manter a vida de um povo. Se ele pudesse ser vencido pelo internacionalismo, a sociedade no seio da qual o nacionalismo sofresse uma derrota tal logo estaria condenada a desaparecer.

Jamais o amor pela humanidade teve em um povo a força que dá o amor pela pátria.

Sem dúvida, os socialistas internacionalistas asseguram ao trabalhador que a verdadeira pátria é sua classe e que os indivíduos da mesma classe, possuindo nos diversos países interesses idênticos, devem se unir entre si, sem levar em conta nenhuma fronteira. Basta, no entanto, juntar num congresso os representantes de uma mesma classe, mas de nacionalidades diferentes, para ver a que ponto suas divergências étnicas os separam. Essas divergências de sentimentos e de pensamento destroem rapidamente a comunidade de interesses e eles acabam, não a se compreenderem, mas a se detestarem profundamente.

Se nossa sociedade consegue ainda se manter, apesar da anarquia onde está mergulhada, é sobretudo porque as influências do passado sempre conservam a antiga estrutura social.

*

* *

Esta rápida olhada na vida dos povos mostra que as ilusões continuam a desempenhar na evolução moderna um papel tão importante quanto no passado. Verdadeiras rainhas da história, dominadoras dos pensamentos e das vontades, elas jamais deixaram de reger o mundo.

O estudo do passado consiste sobretudo em interpretar as ilusões que guiaram os povos e os resultados de seu conflito com as necessidades dependem da natureza das coisas e não da vontade dos pessoas.

Capítulo III

Os conflitos entre as ideias modernas de igualdade e as desigualdades crescentes da inteligência.

Sumário

A necessidade de igualdade representa uma das características da era atual. Na realidade, ela é tão antiga quanto o mundo.

Na aurora da história ela já estava sintetizada na lenda da morte de Abel por Caim, que invejava a fortuna fraterna. A necessidade de igualdade foi, aliás, a causa principal da queda das maiores civilizações; a dos gregos e a dos romanos, particularmente.

Essa aspiração secular pela igualdade está atualmente em conflito bem nítido com as necessidades da evolução moderna que, ao invés de igualar as pessoas, tendem a diferenciá-las.

Se a igualdade constitui a lei dos povos primitivos, a desigualdade é uma consequência necessária do progresso das civilizações. Em nossos dias, as diversas camadas de um mesmo povo se encontram em estágios de evolução diferentes. Na realidade, uma sociedade moderna, pelo único fato de sua ascensão contínua, é composta

por pessoas que lembram as épocas sucessivas atravessadas pela humanidade: era das cavernas, Idade Média, Renascença etc.

*

* *

Qualquer que seja seu valor psicológico, o conceito de igualdade tornou-se a base das instituições democráticas e desempenha um papel totalmente preponderante na política atual.

Quando o cristianismo substituiu o poder romano, a esperança de uma igualdade celeste substituiu por alguns séculos a necessidade de igualdade terrestre. A certeza dessa equalização futura transformou a vida dos povos durante toda a Idade Média. Ela acabou, no entanto, por se enfraquecer lentamente e, de novo, reapareceu o eterno conflito entre o rico e o pobre, o fraco e o forte, o capaz e o incapaz, que tantas vezes agitou o mundo.

A Revolução Francesa constituiu um dos principais ensaios de equalização social registrados pela história. Não ousando contestar as desigualdades naturais evidentes, seus teóricos se contentaram inicialmente em afirmar, na Declaração dos Direitos do Homem, de 1789, que “os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos”.

Em 1798, eles foram mais além e, numa nova declaração, pretenderam que “todos os homens são iguais pela natureza”.

Definitivamente lançada no mundo, a ideia de igualdade iria cada vez mais invadir as almas.

Da divisa revolucionária "liberdade, igualdade, fraternidade", somente a noção de igualdade deveria continuar a crescer. A concepção de fraternidade conservou algum prestígio, mas logo ficou sem força. Povos e diplomatas continuaram a glorificá-la, mesmo que a sucessão de numerosas guerras lhes tenha mostrado que era perigoso acreditar nela.

Quanto à liberdade, os progressos da civilização lhe retiram a cada dia mais suas possibilidades de existência. De seu nascimento até sua morte, a pessoa moderna está envolvida por uma rede de regulamentos, de amarras e de obrigações que o escravizam cada vez mais. Toda comodidade criada pela civilização gera uma complicação nova da vida e, por consequência, uma servidão nova. A cada dia cresce a coleção de regras e de leis, que paralisam as últimas iniciativas que ainda sobrevivem. O triunfo do socialismo terminaria por suprimir todo traço de liberdade.

No dia em que a equalização sonhada for obtida por um acúmulo de leis e de regulamentos, aparecerá claramente a antinomia profunda e geralmente despercebida entre a noção de igualdade e a de liberdade.

*

* *

A ideia de igualdade, tanto entre indivíduos de um mesmo povo quanto entre povos diferentes, continua a produzir muitas perturbações.

Foi em seu nome, particularmente, que os Estados Unidos empreenderam a guerra civil de secessão, destinada à supressão da escravatura. Ela durou quatro anos e quase arruinou a grande república. Naquela época, pouco distante ainda, todos os povos eram considerados como iguais. O território dos Estados Unidos continuou aberto aos diversos imigrantes, exceto aos chineses e aos japoneses, não porque eles constituíssem povos inferiores, mas simplesmente porque, em razão de sua sobriedade, eles trabalhavam a um preço menor do que os trabalhadores americanos e constituíam uma concorrência perigosa.

Eu já mencionei que os dirigentes da política americana retornaram hoje em dia à antiga ideia de igualdade entre as pessoas. Eles acabaram por reconhecer que a mistura de povos desiguais __ cujos perigos a América latina ainda não percebeu __ era uma calamidade para um povo, porque ela limitava fatalmente seu nível de civilização. Em nossos dias, os 13 milhões de negros que habitam os Estados Unidos, tendo sido experimentalmente reconhecidos como inassimiláveis, são mantidos completamente separados da população branca.

*

* *

Seria evidentemente interessante determinar as diferenças anatômicas de onde derivam as desigualdades mentais que separam as pessoas. Mas a ciência não está ainda suficientemente avançada para atingir esse conhecimento. Parece demonstrado, no entanto, que, no mundo animal, a inteligência está em relação com o peso do cérebro, estabelecido diretamente ou deduzido do volume do crânio. Somos assim levados a pesquisar se, na espécie humana, o desenvolvimento da inteligência não estaria igualmente em relação com o peso do cérebro.

De uma maneira geral e negligenciando numerosas exceções essa relação parece hoje em dia bem estabelecida. Eu tive, há um tempo atrás, oportunidade de medir, no Museu de Paris, uma coleção de crânios de pessoas ilustres: Boileau, La Fontaine, Descartes etc. Os volumes de seus cérebros diferiam tanto daqueles das pessoas medianas quanto os cérebros destas diferem daqueles dos grandes símios antropoides.

Dentre as observações anatômicas interessantes que eu reuni em um relatório especial, figurava esta, que já mencionei ao longo deste livro: a verdadeira superioridade de um povo deve-se ao fato de que ele possui um certo número de inteligências superiores, o que os povos inferiores não possuem. Se o bolchevismo triunfasse em

um grande país civilizado e fizesse perecer, como aconteceu na Rússia, todos os cérebros que ultrapassassem o nível médio, esse país retornaria em poucos anos a um grau inferior de civilização.

A noção de desigualdade mental dos povos, universalmente admitida pelos anglo-saxões, não o é, de maneira alguma, pelos povos latinos.

No que diz respeito a essa desigualdade entre povos diferentes, a observação provou que vários deles __ negros, peles-vermelhas etc. __ não podiam ultrapassar um certo nível de cultura. O caso da decadência da república do Haiti, habitada exclusivamente por negros, contribui bem para mostrar que cada povo só consegue atingir um grau de civilização em relação com seu cérebro.

*

* *

Com as complicações científicas e industriais das civilizações modernas, o papel da inteligência cresceu constantemente. Disso resulta que as desigualdades intelectuais têm muito mais importância hoje em dia do que antigamente. As diferenças cerebrais entre os indivíduos __ o trabalhador e o engenheiro, por exemplo __ tornaram-se imensas e só podem se acentuar. É, na realidade, rumo a uma desigualdade crescente que, apesar do triunfo aparente das ideias democráticas, marcham as sociedades.

Se essa desigualdade ainda não é percebida nitidamente é porque o poder das multidões ilude sobre sua capacidade.

As ideias igualitárias não apenas transformaram a política moderna, elas modificam também as teorias da educação. A desigualdade entre os indivíduos de um mesmo país resultam apenas, segundo os teóricos da igualdade, de diferenças de educação e bastaria, para conseguir a equalização, dar a mesma instrução a todas as crianças. De uma ilusão tal o projeto de escola única surgiu.

Mais próximos das realidades, a Alemanha __ como a América __ se esforça, pelo contrário, em fornecer à criança uma educação em relação com suas aptidões mentais.

O igualitarismo ilusório dos teóricos que pretendem reduzir todos os cidadãos ao mesmo nível constitui uma ameaça de decadência e, de maneira alguma, uma condição de progresso.

*

* *

Muito simples em teoria, a noção de igualdade compreende elementos complexos e até mesmo contraditórios.

Se analisarmos, com efeito, as realidades dissimuladas por detrás desse termo, constatamos que a ideia de igualdade se associa, geralmente, a uma imensa necessidade de desigualdade. Satisfazer essa dupla tendência é uma das grandes dificuldades com as quais se

chocam os governos. Ainda não se passou muito tempo desde o momento em que Robespierre igualou as pessoas sob o golpe da guilhotina e aquele em que o império restabeleceu os títulos de nobreza.

Napoleão deu-se perfeitamente conta do verdadeiro fundamento das ideias igualitárias. Os mais rígidos jacobinos aceitaram de suas mãos, com uma delirante alegria, títulos nobiliários, tão desprezados, em aparência, por eles, alguns anos antes. Em nossos dias, o número imenso de postulantes às mais modestas condecorações, criadoras de desigualdades, prova a que ponto a necessidade de desigualdade se associa com a de igualdade.

Se os defensores do princípio da igualdade nem sempre percebem por detrás de suas aspirações a necessidade de desigualdade, eles a admitem, no entanto, quando se trata de uma coletividade. A fórmula “ditadura do proletariado” implica necessariamente numa desigualdade muito grande entre os indivíduos que fazem parte do proletariado e aqueles que dela são excluídos.

O socialismo e o comunismo devem sua força a essa doutrina da igualdade. No entanto, uma força tal poderia ser bem efêmera, pois a igualdade, ou seja, o ódio às superioridades, objetivo comum a todas as democracias, sempre teve, como resultado inevitável, o fim dessas democracias.

No estado atual das civilizações, o mundo está muito complicado para que a incapacidade conserve uma soberania momentaneamente conquistada. É uma evidência que compreendem, aliás, muito bem, os elementos esclarecidos do proletariado. Ela foi tão nitidamente expressa por um deles, nas seguintes linhas, que eu as reproduzo mais uma vez, em razão de sua precisão, mesmo que elas já tenham sido citadas em um de meus livros:

> *Vossas concepções são utópicas, porque elas dão, à força coercitiva do Estado, um valor criador que ela não possui... Vós não fareis surgir de um dia para o outro uma sociedade pronta; vós não dareis aos trabalhadores a capacidade de dirigir a produção e o câmbio; vós sereis os senhores da hora; vós detereis todo o poder que ontem pertencia à burguesia; vós acumulareis decretos sobre decretos; mas vós não fareis milagres e vós não tornareis subitamente os trabalhadores aptos a substituir os capitalistas.*

Os grandes partidos políticos na França se consideram os continuadores da Revolução Francesa e inspirados por seus princípios. Infelizmente para eles, a evolução que continua seu curso, se dá, na maioria das vezes, num sentido completamente contrário a suas ideias igualitárias.

Capítulo IV

O moderno papel das multidões.

Sumário

Após terem sido sucessivamente governadas pelos deuses, os reis e as elites, as sociedades modernas se veem cada vez mais regidas por um novo poder: o das multidões.

O mundo atual se encontra em presença desta antinomia: submeter as elites aos desejos das multidões, enquanto que, na realidade, a civilização sempre progrediu sob a influência das elites e, frequentemente, apesar das multidões.

As pesquisas modernas sobre a psicologia das massas mostraram o quanto eram profundas as seculares ilusões dos políticos sobre as supostas capacidades do número. Essas pesquisas fizeram ver que as opiniões das coletividades são desprovidas de suportes racionais. A pessoa em massa retorna às barbáries da pré-história.

Contrariamente às ilusões racionalistas de políticos modernos, só se age sobre as massas dirigindo-se a seus sentimentos.

Incapazes de compreender, elas não demandam compreender. Fazer parte de uma multidão dá ao indivíduo uma noção de poder irresistível e o dispensa de ter que refletir e raciocinar antes de agir. Agregando-se a ela as individualidades de inteligência fraca adquirem uma força transitória, mas muito grande.

A inferioridade mental das coletividades só ficou conhecida depois das pesquisas da psicologia moderna. Os historiadores de antigamente geralmente a ignoravam. Michelet, por exemplo, atribui às massas capacidades superiores. Enquanto que as pessoas isoladas estão sujeitas ao erro, bastaria, segundo ele, reuni-las para lhes conferir faculdades notáveis. Desta forma, ao invés de escrever, como os antigos, a história dos heróis e dos condutores de povos, o célebre historiador se vangloriava de ter tomado o povo como herói. Escreve ele: "Eu, pelo contrário, peguei a história por baixo, nas massas profundas, nos instintos do povo e mostrei como ele lidera os líderes".

Sendo os crimes das massas muito visíveis para serem contestados, Michelet não os contesta. Mas, para apoiar sua tese, ele os atribui a influências mórbidas passageiras. Somente "uma patologia mental contagiosa" poderia, segundo suas teorias, explicar o Terror.

*

* *

Em todos os períodos de anarquia, ou seja, nas épocas onde se desagregam os cimentos sociais, viu-se manifestar a ação desorganizadora das massas, mas seu papel sempre foi momentâneo; a tempestade devastadora desaparecia rapidamente.

Menos violenta, às vezes, em aparência, a ação das multidões tornou-se mais perigosa hoje em dia, porque mais contínua. O co-

munismo, forma última do poder do número, parece representar uma evolução última das democracias, que esperam seu término em ditaduras pessoais, segundo uma lei que Platão já havia formulado e várias vezes foi confirmada ao longo da história.

A predominância das influências coletivas constitui uma verdadeira regressão que remete à formas inferiores observadas em primitivos selvagens, onde a alma individual está tão pouco destacada da alma coletiva que todos os membros de uma mesma tribo são considerados como responsáveis pelos atos de um só deles. Esse direito coletivo, tão contrário às concepções europeias modernas, se perpetuou em vários povos; os anamitas, particularmente.

*

* *

A preponderância das multidões apareceu infelizmente numa época em que o papel das elites dirigentes tornou-se cada vez mais indispensável. Já se destacou, há muito tempo, que se fossem eliminados de um país __ a França, por exemplo __ os milhares de indivíduos que formam a elite de cada classe, inclusive a classe trabalhadora, esse país logo cairia ao nível da China.

Sem dúvida que o número cria a força, mas essa força do número não conseguiria substituir a direção dada pela elite.

A força do número é sobretudo destrutiva. Se as massas tivessem dominado o mundo desde a origem dos tempos, a humanidade jamais teria saído da barbárie. Ela só saiu dela graças a alguns cérebros suficientemente poderosos para realizar os progressos que permitiram o nascimento e o desenvolvimento das civilizações.

Os perigos aos quais o poder crescente do número expõe os povos tornam-se visíveis a cada dia. Guerras pavorosas podem resultar de um simples movimento de opinião pública, propagado por contágio mental no seio das multidões.

Sem dúvida que as forças econômicas criadas pela crescente interdependência dos povos dominarão progressivamente as vontades coletivas, mas essa evolução ainda está apenas no seu início.

*

* *

As multidões são às vezes tão perigosas por sua influência conservadora quanto por sua ação revolucionária.

Da Revolução Francesa até nossos dias, a França teve várias vezes essa experiência. Foi do conservadorismo popular que nasceram o primeiro e o segundo Impérios, com suas funestas consequências.

Seja a ação das massas revolucionária ou conservadora, ela não é menos temível, em razão da violência que sempre acompanha

os movimentos populares e que as novas descobertas da ciência moderna tornam mais perigosas a cada dia. Se, em 1871, a Comuna que se tornou senhora de Paris, possuísse os meios atuais de destruição, a grande capital teria virado um monte de ruínas. Foi somente em razão da ineficiência dos processos de destruição então conhecidos que o Louvre e suas maravilhas de arte escaparam dos incêndios que destruíram o Hotel de Ville, as Tulherias e muitos outros monumentos de Paris. Se a velha cidade caísse mais uma vez nas mãos de uma massa revolucionária sua ruína seria provavelmente completa.

Não levando em conta essas possibilidades, os políticos que procuram explorar as fúrias populares dão prova de uma ignorância psicológica que espantará os historiadores do futuro.

Para aprovar suas exigências, as multidões encontram cada vez mais apoio nos elementos esclarecidos da nação. O Estado vê, com efeito, voltar-se contra ele o imenso exército de funcionários públicos que deveria apoiá-lo e o dos professores, encarregados de instruir as multidões.

Se todos esses revoltados triunfassem, a França cairia rapidamente no estado de baixa anarquia onde havia soçobrado a Itália, donde a mão enérgica de um ditador veio salvá-la de uma catástrofe final.

*

* *

A Europa atravessa um período de incerteza onde as ilusões democráticas continuam a governar, muito mais do que as realidades. Todos os homens de Estado constatam isso hoje em dia. Um dos mais ilustres, Georges Clemenceau, destacou muito bem este fato nas seguintes linhas, extraídas do grande livro onde se encontram condensados os resultados de suas observações: Desde a antiguidade, as mesmas questões se colocam em eternos debates, sem parecer muito mais próximas de uma solução definitiva. Pode-se destruir as históricas oligarquias de posição e de fortuna. Elas renascem de suas cinzas em oligarquias novas, sem o prestígio da antiguidade que dava seu poder... Cada uma reconhece o povo como árbitro, mas com a condição falar por ele.

... Mostrando-nos de uma maneira definitiva como as maiorias só podem ser constituídas através de um acordo das partes inferiores em intelectualidade, Gustave Le Bon nos permitiu explicar os modestos resultados dos governos de maiorias...

Sob formas variadas, as "oligarquias da democracia" estão geralmente para serem testadas. Aos abusos da autori-

dade pessoal elas acrescentam ainda os abusos de um anonimato irresponsável[13].

*

* *

Quando as possibilidades de evolução não são suficientemente rápidas para adaptar a vida social às necessidades novas, perturbações profundas acontecem. Essa discordância é uma das causas da anarquia atual do mundo. A humanidade, sob a pressão de uma série de maravilhosas descobertas __ transformação mecânica do trabalho, interdependência econômica e comercial dos povos, como consequência da supressão das distâncias etc. __ se encontra, em nossos dias, em conflito crescente com uma humanidade atrasada, resíduo herdado de eras anteriores e que forma a imensa legião dos inadaptados. O sonho dessa multidão é a destruição pela violência de civilizações muito elevadas por mentalidades inferiores.

A evolução, outrora tão lenta que às vezes eram precisos séculos para se perceber seus efeitos, acontece cada vez mais rapidamente. Fácil para os cérebros suficientemente evoluídos, a adaptação a condições novas de existência apresenta grandes dificuldades para a imensa maioria dos seres que ainda não adquiriram um certo nível

[13] G. Clemenceau. **Au Soir de la Pensée**.

mental. Disso resulta uma oposição crescente entre a massa que possui a força e a elite que detém a inteligência.

É somente nos futuros livros de história que nossos descendentes poderão aprender os resultados de um conflito tal.

*

* *

O poder do número não se deve somente a sua força material, mas às capacidades que se supunha nele, até que os estudos modernos sobre a psicologia das massas tivessem colocado em evidência a inferioridade mental das multidões. “O povo não se engana jamais”, diziam os teóricos da Revolução Francesa. Essa crença continua um dos pilares das doutrinas democráticas e só o tempo poderá desgastá-la. Em nossos dias ainda se deixa as massas acreditarem que o número pode substituir as superioridades técnicas que dirigiram até aqui a ascensão das civilizações. Foi sob a influência dessa ilusão que vários grandes países da Europa __ Itália, Espanha, Grécia, Polônia etc. __ pretenderam reorganizar sua vida social. Isso resultou rapidamente numa anarquia tão profunda que ditaduras enérgicas foram necessárias para reparar as desordens.

Apenas a Rússia pareceu fazer triunfar as teorias que conferiam o direito de governo ao número. Mas, na realidade, ela se mantém porque a massa não possui nela nenhuma autoridade real, já que

as formas de poder são detidas lá por uma ditadura policial mais opressiva ainda do que aquela dos antigos tsares.

A crença nas capacidades diretoras do número se estendeu para todos os povos. Chineses, hindus, egípcios etc. pretendem hoje se livrar do governo dos povos superiores. Infelizmente, essa necessidade de libertação se manifesta num período da história do mundo em que jamais o papel dos conhecimentos técnicos foi tão necessário. Egípcios, anamitas, hindus etc. perdem muito com o desaparecimento de uma gestão europeia.

É indubitável, por exemplo, que o governo inglês transformou inteiramente, em proveito de seus habitantes, a Índia e o Egito e que o governo francês exerceu a mesma influência salutar na Indochina e no Marrocos.

No que diz respeito ao Egito, por exemplo, um grande jornal alemão destacou que em "cinquenta anos a Inglaterra fez desse país oriental __ que era pobre, endividado, sem vias de comunicação, presa de dissensões intestinas __ um Estado ordenado, maravilhosamente irrigado, com uma fertilidade incomparável, com finanças sólidas, uma excelente administração e comunicações modernas".

O grande problema futuro será saber se diante da impossibilidade de desenvolver, até um certo nível, o imenso exército dos inadaptados que cada povo contém, as sociedades deverão ser reorganizadas para se colocarem ao nível dos inadaptados. Estes últimos não

ganhariam, aliás, nada com isso, pois, qualquer que seja o ódio dos inadaptados contra a elite, é sempre da elite que depende o progresso que beneficia a grande massa.

No estágio atual do mundo, parece que só há duas formas de governo possíveis: o domínio das elites ou a ditadura do proletariado. É em direção à segunda dessas formas que a Europa se inclina cada vez mais. É rumo à primeira que caminharão um dia alguns povos e essa escolha determinará sua grandeza.

LIVRO VI

Os novos fatores da história.

Capítulo I

A evolução econômica do mundo e os elementos modernos da prosperidade.

Sumário

Os fatores que orientaram a atividade dos povos variaram nos diversos Períodos de sua história. Fatores militares em certos momentos, fatores religiosos e, políticos em outros. Dentre esses diferentes fatores __ étnicos, religiosos, políticos, militares ou sociais __ que influenciaram os diversos estágios da história, as forças econômicas desempenharam um papel cuja importância cresceu constantemente. Sua preponderância tornou-se mesmo tal que os partidários da doutrina dita *materialismo histórico* fazem dos fatores econômicos o substrato de todas as civilizações.

O papel moderno das influências econômicas é devido principalmente às descobertas científicas que modificaram completamente as condições de vida.

A riqueza de um país depende hoje em dia, além de sua agricultura, do número de cavalos-vapores que esse país dispõe. A Espanha, a Itália e os Bálcãs, pobres em carvão, não conseguiriam se igualar economicamente aos países ricos em hulha, como a Inglaterra e a América. Se a antiguidade tivesse conhecido o carvão, a Grécia e a Itália não poderiam ter sido, sem dúvida, os grandes polos da civilização.

*

* *

Os múltiplos meios atuais de comunicação tornaram os povos tão solidários que a ação de seu governo é, frequentemente, inferior a de suas relações comerciais.

As consequências de uma interdependência tal são observadas diariamente, mesmo entre países distantes. Os criadores australianos, por exemplo, na falta do carvão necessário a suas fábricas, são obrigados a enviar, para ser tecida na Inglaterra, a lã de suas ovelhas, apesar dos custos de uma dupla viagem.

Nenhum país conseguiria, hoje em dia, viver exclusivamente de seus produtos. Ulisses, em sua ilha, podia se manter com a ajuda de Penélope e de alguns pastores. Atualmente, a confecção de uma simples vestimenta exige às vezes a colaboração de vários continentes. Estamos rodeados de objetos vindos de todas as partes do mun-

do. O mais modesto cidadão é tributário, em sua vida cotidiana, do mundo inteiro.

A facilidade das relações internacionais, muito nova na história, já teve consequências cujos efeitos só podem crescer. Cada povo está obrigado a ir buscar longe o que lhe falta e ele paga isso exportando o excedente de sua produção. As nações só sobrevivem trocando seus produtos. Desde 1840 a exportação tornou-se dez vezes maior para a França e vinte vezes mais para os Estados Unidos.

Os povos foram assim forçados a fazer concorrência entre si, o que limita o preço de venda das mercadorias. Disso resulta que o salário não é mais determinado pela vontade do trabalhador, nem pela do patrão, mas unicamente pelas possibilidades de venda. Em economia política, os fenômenos vantajosos em aparência, têm, frequentemente, consequências contrárias às esperadas. Desta forma, os trabalhadores ingleses, tendo obtido, por meio de seus sindicatos, uma elevação considerável dos salários, produziram um aumento dos preços de venda que, tornando-a cada vez mais difícil, levaram a um extenso desemprego. Resultado absolutamente oposto àquele que os trabalhadores e seus líderes acreditavam obter.

*

* *

Dentre os fenômenos econômicos que se tornaram os grandes reguladores do mundo há um cuja ação será muito maior do que aquela das antigas influências políticas. Será o caso, por exemplo, da redução progressiva dos mercados externos; redução que vemos se acentuar a cada dia. Todos os países se organizam cada vez mais, com efeito, para serem autossuficientes e tornarem-se exportadores.

As medidas legislativas, tão úteis na infância dos povos, se mostram, em nossos dias, de uma ineficiência completa para resolver os problemas econômicos.

O desemprego observado em várias nações europeias __ na Inglaterra, por exemplo __ é a consequência do fechamento progressivo dos mercados exteriores.

Alguns Estados acreditam poder remediar os perigos dessa situação através de tarifas aduaneiras que impedem os países estrangeiros de fazer concorrência aos produtos nacionais. Mas, para evitar represálias, eles são obrigados a não seguir muito por esse caminho. A resultante final do excesso de produção nos diversos países será certamente uma diminuição da população necessária para colocá-la em relação com os meios de subsistência.

Percebemos a que ponto o desemprego pode ser ruinoso para um país pensando que a Inglaterra é forçada atualmente a sustentar três milhões de desempregados. Esse problema constitui um dos

mais difíceis da vida econômica do mundo. O **Temps** resumiu bem o aspecto geral dessa crise nas seguintes linhas:

... Mal crônico em alguns, agudo em outros, sem que se possa fazer diferença entre os Estados capitalistas e os Estados comunistas. Atingindo de maneira sombria, ele ameaça as nações mais poderosas, seja porque elas se expõem às impaciências populares, seja porque elas as contêm ao custo de sacrifícios ruinosos...

... Vemos que os bolchevistas têm nos braços tantos desempregados quanto os trabalhistas ingleses e os capitalistas americanos. A que se deve então essa doença contra a qual os especialistas sociais parecem impotentes?...

... Os ingleses, que sofrem essa calamidade há oito anos, não chegaram até aqui a nenhuma conclusão prática, salvo pagar anualmente bilhões em socorro a trabalhadores desmoralizados, que perdem pouco a pouco o gosto e o hábito do trabalho.

... Para o Sr. Samuel, ex-secretário do Tesouro, o desemprego é devido à diminuição das vendas inglesas aos mercados exteriores, em razão dos altos preços de venda. Diz ele em substância: "Nossos trabalhadores quiseram fixar seus salários, enquanto que os salários são determinados, na realidade, pelos compradores estrangeiros".

... Em todos os países é assim: as empresas que prestam serviço constituem, pouco a pouco, uma classe privilegiada, em detrimento dos agricultores em primeiro lugar e dos trabalhadores em seguida. Em suma, quanto mais o funcionalismo público e privado pesa sobre a nação, menos ela pode produzir e se torna comparável a uma fábrica esmagada por seus custos gerais.

... A França teve a sabedoria __ negligenciada pela Inglaterra __ de não sacrificar sua agricultura em prol de sua indústria. Ela vive, sem dúvida, em condições menos confortáveis e ela não enriqueceu no mesmo ritmo. Mas ela conservou uma estabilidade que o mundo inteiro inveja. Não é menos verdadeiro que a estagnação de sua natalidade, se a coloca em inferioridade nas competições guerreiras, a favorece dando-lhe mais oportunidades de trabalho.

Como sustentar a crescente multidão de desempregados? A hora se aproxima em que nenhum orçamento será suficiente para sua manutenção e não se pode criar indefinidamente trabalhos públicos para sustentá-los. Atualmente contenta-se com paliativos. A Itália reduziu recentemente em 12% os vencimentos de seus funcionários públicos de todos os níveis, inclusive dos ministros. Na Inglaterra, várias companhias procuram impor reduções semelhantes de salá-

rios. Em todos os países onde a população ultrapassa os meios de subsistência será preciso, necessariamente, adotar essa solução provisória.

*

* *

Por mais sumárias que sejam as indicações precedentes, ela bastam para mostrar que os fenômenos econômicos constituem, em nossos dias, uma verdadeira engrenagem de causas e efeitos, superiores a todas as vontades. Ao seu poder são submetidos todos os elementos da vida social, desde o número de sua população até o menor detalhe de sua existência.

No que diz respeito, por exemplo, ao número da população, a Alemanha, que contava com 36 milhões de habitantes em 1871, possuía 67 milhões em 1914, ou seja, quase o dobro. Para alimentar uma população que ameaçava ultrapassar os meios de subsistência, foi preciso buscar mercados distantes. Essa necessidade levou à criação de uma marinha mercante, depois uma marinha militar encarregada de protegê-la.

Esses novatos, chegando aos mercados econômicos estrangeiros, entraram em concorrência com outros povos exportadores instalados ali há muito tempo. Isso resultou em conflitos que foram uma das causas determinantes a última guerra.

Enquanto que as antigas lutas militares eram geralmente lutas de anexação, determinadas pela ambição dos soberanos, as lutas do mundo moderno têm como principal origem os interesses econômicos.

*

* *

Sendo os salários dos trabalhadores limitados pelos preços de venda e não dependendo mais de sua vontade, nem da vontade dos patrões, chegou-se a pensar se não seria possível aumentar o salário sem aumentar o preço de venda.

Esse problema de aspecto insolúvel foi parcialmente resolvido por experiências que levaram ao que foi chamado de racionalização do trabalho. Ela é constituída por uma série de processos que permitem aumentar o rendimento sem aumentar o trabalho. Excelente em si mesma, a racionalização muito desenvolvida poderia, no entanto, levar a uma superprodução geradora de novos desempregos.

A série de necessidades econômicas que acabamos de indicar alguns elementos e, particularmente a queda dos preços de venda, tem, por consequência final, a criação de imensas fábricas onde a crescente especialização do trabalho permite uma produção mais econômica. Essa necessidade de fábricas sempre maiores e, por consequência, mais caras, levou a tornar sua criação coletiva. Muito

poucos industriais seriam suficientemente ricos para construí-las e, desta forma, a maior parte das fábricas importantes são hoje em dia sociedades anônimas e pertencem a milhares de acionistas.

O surgimento das necessidades econômicas que acabamos de enumerar levou então à transformação do capitalismo individual em capitalismo coletivo. Esse capitalismo coletivo é bem diferente do capitalismo estatista sonhado pelos socialistas, cujo resultado sempre foi aumentar o preço de venda e, por consequência, diminuir o salário dos trabalhadores.

Os fatos provaram que, contrariamente à afirmação de Karl Marx, as ações dos grandes trustes dos Estados Unidos estão repartidas em um número crescente de mãos. O Sr. Paul Reynaud destacou que "a Standard Oil, que não tinha mais do que 7.650 acionistas em 1917, tinha 77.200 em 1926... Uma grande empresa torna-se uma coisa comum entre o patrão e o trabalhador".

Percebe-se com que desprezo os trabalhadores americanos consideram o socialismo europeu. Ele só representa para eles a paralisia de todo esforço, a escravidão estatista e a igualdade na miséria.

*

* *

Dentre os grandes fatores econômicos modernos, um dos mais ativos é o crescimento constante da velocidade em todos os tipos de

fenômenos. Sua influência decorre de leis científicas que não será inútil lembrar.

As grandes constantes do universo são o movimento __ ou seja, a força __ e a resistência ao movimento __ ou seja, a inércia, propriedade essencial da matéria.

A equação fundamental da mecânica $T= (mV^2)/2$ mostra os papeis respectivos da massa e da velocidade e como esses dois elementos podem ser substituídos um pelo outro sem fazer variar o resultado. Por isso é possível substituir a pequenez das massas pelo aumento em sua velocidade. O grande progresso da artilharia consistiu na substituição dos pesados projéteis de pequena velocidade por pequenos projéteis dotados de uma grande velocidade.

Eu já mostrei, em outro lugar, que se podia imaginar uma máquina teórica formada por uma pequena esfera girando no engaste de um anel e que produziria, pelo único fato de sua velocidade de rotação, tantos cavalos-vapor quanto mil locomotivas.

A substituição da massa pela velocidade acontece cada vez mais na indústria. Com as antigas turbinas hidráulicas dos cursos d'água utilizava-se motores com uma massa enorme, mas com pequena velocidade. As usinas hidráulicas modernas, instaladas nos pés das montanhas, empregam turbinas de alguns centímetros de diâmetro apenas, mas que possuem um movimento rotativo muito

rápido. Graças à altura do reservatório que as alimenta o rendimento é o mesmo.

Numa época bem recente ainda, a velocidade das máquinas era muito restrita, pois não se possuía outros motores além da força humana, dos animais, do vento e dos cursos d'água.

Quanto foi descoberta a potência motriz contida na hulha, a velocidade das máquinas e seu número cresceram imensamente. Com a mecanização, a era da velocidade nasceu. As fábricas continuam a ocupar um certo número de trabalhadores visíveis, mas, ao seu lado, trabalha uma massa de escravos invisíveis que incrementou consideravelmente a produção. Essa massa é constituída pelas forças extraídas da hulha. No **Enseignements Psychologiques de la Guerre**, eu demonstrei que o trabalho produzido no momento do conflito pelas 190 milhões de toneladas de hulha que a Alemanha extraía então de seu solo representava o rendimento de 950 milhões de trabalhadores. Pode-se então dizer que, naquela época, o número de trabalhadores invisíveis da Alemanha era de 950 milhões, ou seja, muito mais do que a população normal de 65 milhões de habitantes mostrada pelas estatísticas.

*

* *

O papel preponderante da velocidade aparece em todos os fenômenos da vida moderna, particularmente na criação da riqueza. Essa criação está intimamente ligada à rapidez de circulação do dinheiro.

O tamanho de um capital pode, com efeito, ser substituído pela velocidade de circulação, como em mecânica, onde a pequenez de uma massa pode ser compensada pela aceleração de sua velocidade. No comércio moderno, não é, de maneira alguma, o lucro conseguido com a venda de uma mercadoria que importa, mas a rapidez de circulação dessa mercadoria. É visível que, um lucro de apenas 5% sobre a venda frequentemente repetida de um produto poderá se tornar muito maior do que um lucro de 50% sobre a mesma mercadoria parada muito tempo na loja.

A velocidade desempenha igualmente um papel preponderante nas relações internacionais. Reduzindo de maneira prática as distâncias ela colocou em contato povos que outrora não se conheciam e modificou, comumente, suas condições de existência. Eram necessários, há muito pouco tempo ainda, quinze dias para ir de Paris a Marselha. Com os progressos da aviação, logo três ou quatro horas serão suficientes para atravessar o mesmo espaço.

Mas, se a aproximação das distâncias frequentemente fundiu os interesses dos povos, ela ainda não unificou seus sentimentos. A interdependência econômica não cria a interdependência mental.

A aceleração da velocidade se estendeu do mundo material ao mundo psicológico. O ser humano moderno parece possuir uma maneira muito rápida de ver, sentir e reagir. Se a duração de nossos dias pudesse ser medida pela quantidade de trabalho realizado e pelo total de sensações acumuladas durante esses dias, poder-se-ia dizer que, com a aquisição da velocidade, a longevidade da existência aumentou consideravelmente.

*

* *

É principalmente a velocidade que distingue a civilização atual daquelas que a precederam. Ela figura dentre as mais importantes das forças econômicas que, se agregando, tendem a constituir um poder mundial anônimo suficientemente forte para dominar as vontade dos povos, dos legisladores e dos reis. Essas novas forças farão progredir as nações que souberem se adaptar a elas e levarão a uma fatal decadência aquelas incapazes de uma adaptação tal.

Não podendo examinar aqui a série de transformações econômicas que o mundo sofre hoje em dia, eu vou resumir em breves reflexões as mais importantes:

__ Há pouco mais de um século os povos eram completamente independentes uns dos outros. Hoje eles não podem viver uns sem os outros.

__ Uma das provas da interdependência moderna dos povos foi fornecida pela entrada na guerra dos Estados Unidos. Essa guerra, que parecia não lhes dizer respeito de forma alguma, foi uma das consequências da nova evolução econômica do mundo.

__ Em razão da interdependência dos povos, uma guerra entre duas nações quaisquer torna-se fatalmente uma guerra entre todas as nações.

__ Mesmo que separados em aparência, os diversos países do mundo formam atualmente um grande império industrial.

__ A riqueza ou a pobreza de um povo dependem frequentemente de relações comerciais distantes, totalmente independentes dos governos.

__ O poder financeiro de alguns países tende a desempenhar um papel muito mais considerável do que o antigo poder militar. A supremacia atual dos americanos deve-se em parte a que, graças a sua prosperidade financeira, eles se tornaram proprietários de um grande número de indústrias europeias. Esse fenômeno será talvez mais eficaz para a manutenção da paz do que todas as decisões jurídicas da Sociedade das Nações.

A simples enumeração acima bastaria para mostrar o quanto as vontades dos reis, dos legisladores e dos teóricos de todos os partidos tornaram-se pouca coisa diante das grandes necessidades que

regem atualmente a marcha econômica do mundo. A história jamais formulou ensinamentos mais precisos.

Capítulo II

Situação atual dos principais Estados do mundo.

Sumário

Numa época bem recente ainda, o mundo era regido por ideias religiosas, políticas e sociais extremamente simples e universalmente aceitas. As revoluções só faziam, na maioria das vezes, mudar seus nomes.

É completamente diferente hoje em dia. As forças recentes que o mundo viu nascer transformaram completamente as condições de existência das pessoas e também suas necessidades, seus sentimentos e seus pensamentos.

O mundo inteiro atravessa um período ao mesmo tempo dos mais sombrios e dos mais brilhantes de sua longa história. Brilhante, pelas descobertas maravilhosas que transformaram a face material das civilizações; sombria, pelas ameaças que rondam os povos.

Não podendo expor em seus detalhes a situação atual dos diversos países, eu dedicarei apenas algumas linhas a cada um deles. Elas bastarão para mostrar a anarquia geral criada pelas transforma-

ções industriais, econômicas e políticas muito rápidas para que a mentalidade ancestral dos povos pudesse ainda se adaptar.

*

* *

Situação da França __ Em menos de cinquenta anos, a França sofreu uma meia dezena de revoluções e de regimes. O último de seus governos está tão dividido que ele só sobrevive por milagres de equilíbrio renovados sem parar.

Existem atualmente vários grandes partidos na França, separados sobretudo por suas competições; radicalismo, sindicalismo, socialismo e comunismo são os mais influentes. O partido radical se aproxima cada vez mais do socialismo, com o qual ele se fundirá fatalmente um dia.

Esses diversos partidos são dominados por irrealizáveis utopias, que seus defensores consideram como flagrantes verdades.

Todas essas divisões políticas são, aliás, apenas aparentes. Na realidade, existe na França, como eu já repeti várias vezes, apenas um partido, sob diversos nomes: o estatismo.

Os franceses de todas as opiniões pedem a intervenção do Estado nos mínimos assuntos. O socialismo a pede um pouco mais do que os outros partidos e é só neste ponto que ele se diferencia dos menos radicais.

Os socialistas são, aliás, tão perigosos por suas ilusões quanto por suas doutrinas. É lembrado frequentemente que os socialistas, às vésperas da guerra, faziam campanha contra o exército e o serviço militar de três anos e, em junho de 1914, derrubaram o governo sob o pretexto de que ele exagerava o perigo exterior.

A França é sobretudo vítima dos erros de seus políticos e das leis que esses erros produzem. Vemos um flagrante exemplo disso na aplicação da funesta lei chamada de Lei da Seguridade Social, criada com um objetivo filantrópico, mas cujo resultado final foi gerar, em todas as partes, discórdias, greves e um encarecimento geral do custo de vida.

Os trabalhadores se recusaram __ como se podia prever __ a descontar de seus salários as contribuições previstas pela lei, o que obrigou os donos das empresas a pagarem por eles e, por consequência, a elevarem os preços de seus produtos. Elevação esta que produziu imediatamente um aumento do custo de vida e a impossibilidade de exportar mercadorias, que o alto preço de venda obriga a serem vendidas mais caras do que as mercadorias dos concorrentes estrangeiros.

Foi por processos bem diferentes que os industriais dos Estados Unidos souberam assegurar aos trabalhadores a aposentadoria necessária a sua velhice.

Diz-se com razão que a aplicação da Lei da Seguridade Social era considerada por todos os inimigos da sociedade __ comunistas e socialistas, particularmente __ como uma etapa da revolução social sonhada pelo imenso exército dos inadaptados.

São numerosos e muito cegos esses inimigos da sociedade atual e, por consequência, muito perigosos. Vários jornais destacaram que, em julho de 1930, num congresso que reuniu em Nîmes os representantes de 80.000 professores associados ao Sindicato dito Nacional, foi cantado o hino revolucionário conhecido sob o nome de "Internacional", que prega a destruição da sociedade.

O que pedem esses professores é um novo aumento de salário. Aumento impossível pois, como mostrou bem o presidente do Conselho, o aumento crescente das despesas públicas elevou o orçamento de 5 bilhões, de antes da guerra, para 52 bilhões em 1930.

Acrescenta o mesmo personagem: "As Câmaras, ao invés de limitar as despesas, só fazem aumentá-las".

*

* *

Situação da Inglaterra __ A Inglaterra, graças a sua estabilidade secular, parece menos abalada do que os outros países. Ela está, no entanto, muito perturbada em sua existência nacional, a julgar pelas greves, o desemprego, a luta intensa entre os partidários do

comércio livre e os partidários do protecionismo e as revoltas de seus domínios e de suas colônias.

Uma das consequências mais importantes da guerra e de todas as conferências que se seguiram a ela, foi a diminuição do poder político e militar da Inglaterra. Após ter perdido a Irlanda, ela teve que aceitar que suas antigas colônias se tornassem domínios quase independentes; particularmente o Canadá e a Austrália. Hoje em dia o Egito e a Índia reclamam a mesma autonomia.

Nossas avaliações sobre os povos estrangeiros são forçosamente errôneas, porque esses povos reúnem etnias, religiões e línguas diferentes. É o caso da Índia, por exemplo. Ela constitui um imenso continente onde, simplesmente se deslocando, pode-se rever todas as fases da vida da humanidade, desde a era da pedra lascada até a era do telefone. Os selvagens nus de Nilghirries, os guerreiros cobertos por ferro do Rajpoutana, os adoradores da sombria deusa que, nas costas de Orissa, exige que seus adoradores sejam esmagados sob as rodas de sua carruagem, pertencem a tipos da humanidade que se pode dizer sem nenhuma ligação, além das ilusões que lhes são atribuídas por infantis reformadores.

A Índia é composta hoje por 319 milhões de almas, ou seja, um quinto da população do mundo inteiro. Esses habitantes falam mais de duzentas línguas, em que várias diferem mais entre si do que o grego do francês. Mais de duas mil castas separam em comparti-

mentos estanques essa numerosa população. As divisões sociais são tão rigorosas que um casamento entre membros de castas diferentes é impossível. Setenta milhões de párias vivem bastante separados do resto dos habitantes e obedecem a leis particulares. Todos estes elementos heterogêneos tornam impossível o governo autônomo sonhado pelos reformadores hindus.

A situação interior da Inglaterra não é melhor. Ela se viu obrigada a sofrer um governo socialista e o sustento de três milhões de desempregados, que pesa enormemente sobre o orçamento. O governo trabalhista inglês está numa situação muito difícil. Antes de chegar ao poder ele prometeu remediar todos os males que afetavam o país; o desemprego, particularmente. Mas, naturalmente, ele não pôde transformar uma situação resultante de necessidades independentes de todas as vontades.

*

* *

Situação da Alemanha __ A Alemanha atravessou depois da guerra um período muito duro. Ela teve que sofrer uma falência financeira que arruinou um grande número de cidadãos. Graças à capacidade de organização de seus dirigentes industriais e de seus políticos, ela se reergueu rapidamente e parece se tornou logo, sob o ponto de vista econômico, a primeira potência da Europa.

A marinha, o exército e a aviação alemães estão singularmente desenvolvidos e, sob o ponto de vista comercial, a Alemanha ultrapassa sua antiga rival, a Inglaterra, nos mercados mundiais.

Um ideal de superioridade econômica deu à Alemanha um grande impulso industrial. Suas fábricas fornecem agora a todos os povos o material agrícola e de estradas de ferro que eles compravam antes nos Estados Unidos. Graças às qualidades de disciplina adquiridas na escola e na caserna, o rendimento do trabalhador alemão é um terço superior ao do trabalhador francês. Disso resulta que, na Alemanha os preços de venda são inferiores aos dos outros povos, o que constitui uma incontestável supremacia comercial.

Essa situação excelente teria assegurado à Alemanha, com seu crescimento, uma nova grandeza. Mas, sob a influência de extremistas pertencentes a diversos partidos, ela se deixou dominar por ideias de revanche e de revisão dos tratados, ameaçando a Europa com uma nova guerra mais temível ainda do que a precedente e que marcaria certamente o fim das civilizações do Ocidente.

A questão é saber se a Alemanha, querendo escapar do pesado tributo que lhe foi imposto; a Itália, desejando crescer e a Rússia, esperando propagar sua fé, não se unirão para empreender uma nova guerra.

Felizmente, para a tranquilidade da Europa, a Alemanha não pôde ainda refazer seus armamentos e a Rússia encontra-se incapaz

de empreender uma luta armada fora de suas fronteiras. A aliança teoricamente possível entre a Alemanha, a Itália e a Rússia não é facilmente realizável hoje em dia. Ela o será, sem dúvida, em alguns anos, mas então, os alemães terão provavelmente compreendido que as lutas econômicas podem enriquecer os vencedores, enquanto que, nos conflitos militares, vencedores e vencidos serão arruinados totalmente.

*

* *

Situação da Polônia __ A Polônia constitui hoje um aspecto sombrio da vida europeia. Esse grande país é um daqueles que mais mostram no que se tornam os povos divididos em partidos políticos rivais. Fatiada outrora por seus vizinhos e varrida da história política do mundo, ela retornou à existência por causa da guerra, mas a unidade material que ela conquistou não lhe deu a unidade moral. É somente através de um regime ditatorial que ela mantém uma existência ameaçada a cada dia pela Rússia e pela Alemanha. Um jornal estrangeiro mostrou nas seguintes linhas os perigos que rondam a existência da Polônia:

> *A Prússia oriental tornou-se um enclave na Polônia. A cidade de Dantzig, alemã em 97%, foi desligada do Reich em benefício da Polônia. Os habitantes dos mercados alemães do*

leste perderam sua região do interior e estão em estado de decadência econômica... No momento, o estado de espírito antipolonês que reina na Alemanha é ainda mais penoso. É preciso dizer que as relações germano-polonesas são um dos pontos mais negros da política europeia.

O papel político da Polônia poderia se tornar considerável se ela fosse chamada a constituir, com a Romênia, uma barreira contra as invasões possíveis dos exércitos bolchevistas.

*

* *

Situação da Áustria __ Vítima dos erros políticos do grande teórico americano que foi o verdadeiro ditador do tratado de paz, a Áustria, amputada de suas belas províncias, segue uma existência muito difícil. Ela sonha naturalmente com sua reanexação à Alemanha, que restabeleceria sua prosperidade passada. Essa reanexação, aliás, inevitável, constitui uma das grandes dificuldades políticas da hora presente. É evidente que uma anexação tal incomodaria a Itália e diversos outros países vencedores. Ela se fará, no entanto, progressivamente, num intervalo que não ultrapassará certamente uma dezena de anos.

A consequência final dessa anexação será tornar a Alemanha muito mais poderosa e maior do que era antes da guerra. Veremos então se refazer, de acordo com a previsão do Sr. Thiers, após Sadowa: “um império germânico, esse império de Carlos Quinto, que residia então em Viena e que residirá agora em Berlim”.

*

* *

Situação da Bélgica __ A Bélgica é mais um exemplo da dificuldade que encontram os povos europeus em adquirir um pouco de estabilidade política. Ela está dividida em duas partes iguais, por crenças religiosas e sociais inconciliáveis. Essas rivalidades são complicadas por rivalidades étnicas.

As dificuldades sociais são maiores ainda porque as duas etnias que povoam a Bélgica __ flamengos, no norte e valões, no sul __ falam línguas diferentes e professam sentimentos igualmente diferentes. Os flamengos possuem tendências separatistas, que poderiam ser muito perigosas para o futuro do país. Suas exigências são igualmente muito grandes. Eles pedem o serviço militar de seis meses, escolas puramente flamengas etc.

*

* *

Situações da Espanha e da Itália __ Esses dois países só escaparam da anarquia criada pelas tentativas de realização do socialismo graças a ditaduras rígidas, aceitas por todos aqueles que estavam cansados da desordem.

Mas, ignora-se no que se tornarão esses grandes países quando eles não tiverem mais a sua frente os senhores enérgicos que conseguiram reprimir a anarquia.

No momento, a Itália, graças a seu ditador, atravessa um estado de prosperidade desconhecida na época em que, como na França, os partidos políticos diversos lutavam, não para aumentar a prosperidade do país, mas para se apoderarem do poder. A indústria está tão desenvolvida quanto pode ser numa nação privada de carvão. Todos os esforços outrora perdidos nas lutas políticas são direcionados hoje a melhorar a situação econômica.

Qualquer que seja o futuro da ditadura, ela terá pelo menos, como resultado certo, dar à Itália hábitos de ordem, de disciplina, de gosto pelo trabalho, de respeito à autoridade, sem os quais nenhum país moderno poderia prosperar.

*

* *

Situação dos novos países bálticos __ Quando, durante a redação do tratado de paz, o presidente Wilson, usando o poder abso-

luto que lhe haviam dado as circunstâncias, fatiou o centro da Europa em pequenos Estados independentes, em nome do vão princípio das nacionalidades, ele não imaginou as calamidades que ele preparava. Os Estados bálticos assim artificialmente criados __ Tchecoslováquia, Iugoslávia etc. __ que viviam outrora tranquilos, quando faziam parte da Áustria, estão hoje em rivalidades permanentes e constituem um sério perigo para a paz da Europa. Em seus parlamentos os deputados sérvios e croatas travam batalhas; os croatas reclamam a autonomia, os sérvios anunciam que eles se oporiam a isso pela força. Os croatas declaram que "a Iugoslávia não pode continuar a existir sob a tirania sérvia".

O líder dos federalistas croatas disse numa entrevista ao enviado especial do **Daily Express**:

> *É o fim. É totalmente impossível continuar nossa intimidade do passado com os sérvios... Não pensamos em desmembrar o reino, mas vamos demandar que a Croácia seja liberada da ingerência e da corrupção de Belgrado. Vós vedes por vós mesmos que somos um povo inteiramente ocidental, de uma mentalidade totalmente diferente da dos sérvios.*

No resto dos Bálcãs, a situação não é melhor. Conflitos entre a Bulgária e a Iugoslávia são sempre ameaçadores.

*

* *

Muitas outras causas de discórdia ameaçam a paz europeia. Dentre eles, um grande jornal mencionou as seguintes:

> *Amargura da Itália, que lamenta ter sido mal atendida; cóleras mal dissimuladas da Hungria mutilada e da Bulgária diminuída; atitude da Lituânia frente à Polônia; da Letônia frente à Rússia; reivindicações alemãs com respeito ao corredor de Dantzig. Todas essas alegações de "más divisões", combinadas com os milhares de incidentes que podem a cada dia acontecer nos 7.000 quilômetros de novas fronteiras, não são para facilitar a distensão e o entendimento europeus, sem os quais, no entanto, é difícil imaginar que possa se estabelecer, mesmo com a ajuda e a mediação da Sociedade das Nações, a paz europeia.*

Sob a influência da Sociedade das Nações os grandes países europeus fazem esforços persistentes para tratar de se unir um pouco. Seria carecer muito dos recursos de inteligência se os homens de Estado reunidos em Genebra não chegassem todos a compreender a necessidade de se unir contra os perigos que ameaçam por todos os lados.

*

* *

Situação da Rússia __ É inútil insistir sobre o estado miserável em que a revolução bolchevista mergulhou esse vasto império. Seu governo policial, unicamente mantido pelo terror, torna a vida muito dura a todos os cidadãos. Um estatismo meticuloso substituiu a indústria privada e agrava a crise econômica que se seguiu aos períodos de pilhagens e massacres. Os magros recursos do tesouro russo são direcionados para criar um exército comandado por fanáticos, cujas crenças políticas em forma de religião poderiam se tornar muito perigosas para a paz da Europa e até mesmo do mundo.

*

* *

Situação da Ásia __ A Ásia está tomada por dificuldades maiores ainda do que aquelas que perturbam a Europa. Apesar da antiguidade de suas instituições, talvez mesmo por causa dessa extrema antiguidade, a China é há vários anos vítima de guerras civis que ameaçam arruiná-la.

Fora o ódio ao estrangeiro, comum a todos os partidos, nenhum princípio novo, capaz de unir as mentes, surgiu ainda no seio daquele colossal império.

*

* *

Situação do Japão __ O papel que desempenhará o Japão no mundo asiático é bem incerto ainda. É sobretudo no Extremo Oriente que o problema da população tornou-se temível. Eu já mencionei numa obra precedente que nessa extremidade do mundo o excedente de habitantes terá como consequência fatal novas guerras.

O Japão, superpovoado, vê sua população continuar a aumentar em um milhão por ano e não sabe mais como fazer para sustentá-la. É impossível __ como ele sonhava outrora __ enviá-la para os Estados Unidos que, graças à guerra europeia, pôde construir uma frota e um exército que os colocou ao abrigo de todas as invasões. Até mesmo a China, que está muito mais povoada e não pode receber um excedente de habitantes, está do lado da Manchúria, alvo provável do Japão.

A oposição russa a isso será pouco temível, pois a civilização e o poder militar do Japão tornaram-se muito superiores aos da Rússia.

*

* *

Situação das repúblicas do sul da América __ Numa obra já antiga eu mostrei que as repúblicas latinas da América estavam des-

tinadas a uma perpétua anarquia, unicamente por causa da mistura dos povos nativos com os conquistadores espanhóis.

Essa previsão continua a se realizar. Em poucos anos vimos as repúblicas do Peru, Bolívia, Argentina e Brasil, sem falar do México, envolvidos em guerras civis, para mudar mais uma vez seu governo. Esses governos não passam, aliás, sob formas diferentes, de simples ditaduras, mesmo que nos seus detalhes eles tenham adotado como modelo as instituições dos Estados Unidos. Nenhum exemplo conseguiria mostrar melhor a que ponto as instituições políticas dependem da constituição mental dos povos que elas são chamadas a governar e não das ilusões imaginadas pelos teóricos profundamente ignorantes das necessidades que guiam, na realidade, as pessoas.

É, aliás, inevitável que, diante da decadência crescente das repúblicas latinas, o governo dos Estados Unidos intervenha cada vez mais, como ele fez em Cuba, Haiti etc.

Nesses países a influência norte americana começou pela arbitragem e acabará, sem dúvida, pela colonização.

*

* *

É através de um desarmamento geral que os representantes da Sociedade das Nações acreditam poder estabelecer a paz no mundo. Um desarmamento tal seria, no entanto, bem inútil. Parece cada vez

mais evidente, com efeito, que os próximos conflitos serão guerras aéreas, em que as únicas armas empregadas serão obuses carregados de explosivos e gases asfixiantes. Porém, como um avião militar só difere de um avião comercial pelos materiais que ele transporta, não se vê, de forma alguma, a que realidades poderia corresponder, hoje, um desarmamento.

As guerras futuras parece que serão imensamente mais mortíferas do que as guerras anteriores e os diplomatas fazem, com razão, todos os esforços para evitá-las. Eles conseguiram até aqui, mas sua ineficiência em criar uma atmosfera pacífica foi tão completa que pode-se perguntar se uma tal criação, com a mentalidade atual dos povos da Europa, é possível. Sua realização é cercada de imensas dificuldades, pois os sentimentos coletivos __ descontentamentos, ódios, amor-próprio ferido etc. __ possuem uma terrível força. Vários grandes países da Europa já afirmam sua intenção de reparar pela violência as injustiças das quais eles se acreditam vítimas. A Itália e a Alemanha nem mesmo tentam dissimular seus sentimentos. A Rússia, dominada pelas ilusões políticas cuja força atingiu aquela das ilusões religiosas, está pronto para se associar com os povos que entrarão em guerra.

O grande problema atual é substituir uma paz armada pela paz de concórdia. A solução desse problema ainda não apareceu.

Capítulo III

Os novos senhores do mundo. A hegemonia americana.

Sumário

Na confusão do mundo, uma única região, a América do Norte, possui uma prosperidade um pouco diminuída hoje em dia, mas que durante muito tempo foi crescente. Essa prosperidade é devida sobretudo ao fato de que os Estados Unidos se adaptaram progressivamente a necessidades econômicas que a maior parte dos povos ainda não compreendeu.

A América conheceu as discussões que ameaçam as civilizações europeias. Ela sofreu uma guerra civil onde pereceu a elite de seus cidadãos. Ela conheceu também os conflitos entre o capital e o trabalho, a tirania dos sindicatos e as ameaças socialistas. Definitivamente saído desse período de anarquia e guiado por sábias iniciativas, os Estados Unidos substituíram as rivalidades e os ódios com que o socialismo continua a ameaçar a Europa, por uma colaboração de todas as classes. Essa religião dos inadaptados é quase desconhecida nos Estados Unidos. Longe de fazer as leis, lá os inadaptados são obrigados a obedecê-la.

Se o valor de um regime político deve ser mensurado não pela excelência de suas teorias, mas pelos seus frutos, é preciso reconhe-

cer que os princípios governamentais dos Estados Unidos se mostraram muito mais eficazes do que aqueles dos socialistas europeus.

A associação do trabalho e do capital deu às classes trabalhadoras uma condição de vida que a imensa maioria dos burgueses europeus não possui.

Tendo compreendido bem o papel do ideal no destino de um povo e a lentidão de sua aquisição, os governantes dos Estados Unidos tratam de conservar os ideais já existentes, apesar da parte ilusória que eles contenham. É uma aplicação social da teoria pragmática das universidades americanas, parenta próxima do utilitarismo dos filósofos ingleses. A utilidade tendo se tornado o critério dos valores sociais, o americano tem tanto zelo em guardar suas antigas crenças quanto o racionalismo latino em destruí-las.

Os Estados Unidos não codificaram pomposamente os Direitos do Homem, mas as diferenças de classes mantidas na Europa pelo pesado regime dos concursos mnemônicos, neles são ignorados. O trabalhador, o magistrado, o advogado, o professor, gozam de uma consideração idêntica e, com a maior parte das funções públicas sendo eletivas, passa-se facilmente de uma classe a outra. Simples carregadores se tornaram governadores de Estado e até mesmo presidente da república. Jovens de boa família aceitam, sem perder a estima de ninguém, serem garçons à noite para pagarem seus estudos.

Graças à racionalização do trabalho, os trabalhadores americanos progressivamente se especializaram e produzem cada vez mais. Essa situação é economicamente muito vantajosa até o momento em que ela tiver por consequência a superprodução, gerando o subconsumo e consequentemente o desemprego. Já vemos começar esse período. Ele poderia então resultar em graves descontentamentos populares, que foram, em todas as eras da história, o prelúdio das convulsões políticas.

Atualmente os Estados Unidos são credores da Europa, da qual eles foram outrora devedores e, orgulhosos de seu sucesso, eles se acostumam cada vez mais a lhe falar como senhores, contemplando com algum desdém esse velho continente corroído pelas ameaças de conflitos entre povos e mais ainda pelas lutas de classes no seio de cada povo.

Eles podem manifestar impunemente esse desdém na medida em que os empréstimos após a guerra fizeram passar para os Estados Unidos a maior parte da riqueza europeia e em que, segundo a justa lembrança do presidente Coolidge, foi graças aos empréstimos americanos que a Alemanha pôde pagar uma parte de sua dívida.

Mas o erro dos Estados Unidos foi aumentar as tarifas aduaneiras que acabaram por tornar as exportações quase impossíveis. No entanto, todos sabem que as importações de um povo só podem ser pagas com suas exportações. Fechando suas fronteiras aos produtos

estrangeiros, a América torna muito difícil para a Europa o pagamento das dívidas contraídas com ela.

Os governantes dos Estados Unidos sabem muito bem, aliás, que se o velho mundo não pode passar sem alguns produtos americanos, como o algodão, a América, com uma população de 123 milhões de habitantes, dispensaria, à rigor, as trocas comerciais, pois 92% dos produtos de seu solo e de sua indústria são absorvidos por seus habitantes.

*

* *

A superioridade política, econômica e moral que se atribuem os americanos tem como apoio um poderio militar formidável, que cresce a cada dia apesar de numerosas declarações pacifistas. Antes de deixar o poder o presidente Coolidge registrou nos seguintes termos a força militar de seu país:

> *Nosso país tem os recursos, o caráter e o espírito necessário para treinar, equipar e manter tudo o que precisa um exército e uma marinha que, ao colocar mais de dois milhões*

de homens nos campos de batalha da Europa, contribuiu para a conclusão do armistício de 11 de novembro de 1918.[14]

Por causa de seu poderio militar e naval, consequência da última guerra, os Estados Unidos não têm nada a temer, exceto talvez, num futuro mais ou menos distante, os perigos que podem resultar de um excedente de população ou de uma invasão japonesa.

A descoberta do poder militar dos Estados Unidos foi uma revelação tanto para a Europa quanto para a América, disse o Sr. Coolidge:

Não apenas com relação ao poder, mas também com relação à unidade de nosso povo, nenhum país deu prova de um espírito mais magnífico, nem levou a um grau tão alto o sentimento patriótico. A grande capacidade de organização dos dirigentes de nossa indústria, a potência insuspeitada de nossos recursos financeiros, a contribuição fornecida por todo nosso material humano à lei do serviço militar obrigatório, a agricultura e a indústria, as estradas de ferro e os bancos, quatro milhões de homens em armas e seis na reserva, tudo recebeu um poderoso impulso para a continuação da guerra. Esse conjunto constituiu o maior poderio que qualquer nação do mundo jamais reuniu.

[14] Discurso de Coolidge em 3 de novembro de 1928.

Sem dúvida, como lembra o Sr. Coolidge, as despesas da América com a guerra foram enormes, pois elas representavam "a metade da riqueza total do país no momento de sua entrada no conflito".

Apesar de sua reserva diplomática, o presidente dos Estados Unidos insistiu, no mesmo discurso, sobre as divergências de pontos de vista existentes entre a Europa e a América. As ideias do governo americano sobre o desarmamento são, aliás, muito diferentes daquelas discutidas na Sociedade das Nações.

Diz o Sr. Coolidge:

> *Toda a experiência humana parece provar que um país que prepara racionalmente sua defesa é pouco provável de se tornar, num futuro, objeto de um ataque hostil e igualmente pouco provável de suportar uma violação de seus direitos que possam levá-lo a uma guerra.*
>
> *... A primeira lei do progresso exige do mundo que ele encare a realidade e é igualmente claro que a razão e a consciência não presidiram até o momento os assuntos humanos. O instinto ancestral de egoísmo está muito longe de ter sido eliminado. As forças maléficas são excessivamente poderosas.*

É somente para a Europa que o mesmo orador declara útil a limitação dos armamentos.

Desejamos a paz, não apenas pela mesma razão que todas as outras nações: não porque acreditamos que seja justo, mas porque a guerra prejudicaria nosso progresso. Nossos interesses, em toda parte do mundo, são tais, que a explosão de um conflito, não importa onde, nos prejudicaria enormemente. Se nós não tivéssemos entrado na guerra mundial, a despeito de alguns benefícios para nossas exportações, qualquer que tivesse sido o vencedor final, nossas perdas teriam sido muito grandes...

Essa declaração explica porque, na última guerra, os Estados Unidos se juntaram aos Aliados. Nós havíamos suposto ingenuamente que eles haviam participado do conflito mundial para defender as abstrações latinas qualificadas de direito e liberdade. Na realidade, a América hesitou algum tempo para saber de que lado dos beligerantes ela cerraria fileiras. Se ela se associou, em definitivo, aos Aliados, foi unicamente porque o princípio da utilidade __ ou seja, a defesa de seus próprios interesses __ lhe ditou essa escolha.

A América entrou numa guerra em que __ como reconheceu o próprio presidente Coolidge __ ela foi obrigada a entrar. Mas, o mesmo homem de Estado erra ao assegurar, numa parte de seu discurso, que ela tirou pouco proveito dessa guerra.

Em troca das despesas que não a prejudicam mais hoje em dia, esse povo de industriais e comerciantes, até então mal protegidos por uma insignificante milícia, sempre ameaçado pelo México e sobretudo pelo Japão, que queria despejar sobre ele o excedente de sua população, tornou-se bruscamente, através de sua marinha e seu exército, a primeira potência militar do mundo. O Japão, que ele tanto temia outrora, aparece agora como um minúsculo inimigo. A América só terá que estender a mão para se apoderar das colossais riquezas petrolíferas do México. Ela fala como senhora do universo e não teme mais ninguém, enquanto que todo mundo a teme.

Colocando-se sob o ponto de vista exclusivamente comercial e considerando a supremacia universal como um valor mercantil, os Estados Unidos podem dizer que, pela aquisição de uma supremacia tal, eles obtiveram um lucro tão imenso quanto inesperado.

A Europa, pelo contrário, foi arruinada pela guerra. As províncias mais ricas da França foram devastadas e ela vive hoje de empréstimos. Sua ruína seria bem mais completa ainda se ela precisasse reembolsar à América as somas que, comercialmente, lhe são devidas, mas cujo emprego serviu sobretudo para criar a potência atual daquele grande país.

Um penetrante homem de Estado francês, Sr. Tardieu, destacou justamente, nos seguintes termos, as diferenças que separam hoje os dois continentes:

O velho mundo, sangrado e empobrecido, a procura de um equilíbrio precário, está separado do novo por um abismo de condições contrárias... Tudo o que a Europa perdeu a América ganhou. A guerra lhe foi proveitosa antes que ela entrasse nela, quando ela estava nela e depois que ela saiu dela. Através da guerra ela mais que dobrou seu poderio e criou as bases de um novo império. Através dela, sua prosperidade vangloriada desde os tempos felizes da paz, opôs seu progresso à aflição europeia... A capacidade de produção e a própria produção crescente de um movimento paralelo. A duração semanal do trabalho diminui ao mesmo tempo em que aumentam os salários, cuja alta antecede a dos preços... Entre os dois continentes há um exagero de desproporção... Os temperamentos se ressentem disso. A Europa está inquieta como os fracos, a América imperiosa como os fortes... As lutas sociais se apaziguam. Milhões de trabalhadores confiam nos patrões, cuja capacidade criou seu bem-estar. No momento em que, em toda a Europa, o socialismo ganha terreno, nos Estados Unidos ele só ocupa o último lugar.

Os princípios diretores da política dos Estados Unidos tendo feito da grande república a primeira potência política do mundo, o resultado é essa tendência à hegemonia que o sentimento da força

sempre acaba por produzir. Mas a hegemonia tem como consequência final para uma nação a coalizão contra ela dos povos que são vítimas dela. A Espanha, a Inglaterra, a França, a Alemanha experimentaram isso, uma a uma. Os Estados Unidos experimentarão certamente um dia. Seu imperialismo cada vez mais agressivo contribuirá talvez para a difícil criação dos Estados Unidos da Europa, apesar das rivalidades profundas e os ódios seculares que dividem hoje o velho continente.

*

* *

Os princípios que governam atualmente a política dos Estados Unidos e que são a base de sua grandeza foram muito bem postos em evidência pelo presidente Sr. Hoover numa publicação, cujo extrato retirei do resumo do Sr. Firmin Roz:

> *Os progressos coletivos derivam dos progressos individuais. O erro do socialismo é acreditar que o altruísmo e a tirania do Estado seriam motivadores suficientes da atividade. As tentativas de nacionalização da indústria devem ser repelidas.*
>
> *O princípio da igualdade é desmentido por todas as observações. A possibilidade do progresso depende da desigualdade.*

Uma seleção de capacidades diretoras é necessária à prosperidade de um país.

É através das pessoas de elite que o progresso acontece. A massa não pode nada com o progresso, ela só obedece a impulsos da sensibilidade. Os demagogos só se dirigem a esses impulsos. Eles encorajam os desejos populares que nem mesmo são a expressão de necessidades reais.

As necessidades populares só podem ser compreendidas por dirigentes que tenham espírito construtivo.

O direito de propriedade, que os socialistas gostariam de suprimir, é uma das mais poderosas fontes de atividade dos indivíduos.

As fábricas, cujo desenvolvimento excede as possibilidades individuais, tornam-se forçosamente coletivas. As ações, que representam os capitais necessários para constituí-las, são repartidas em um grande número de mãos, pois alguns negócios possuem 200.000 acionistas.

A cooperação não constitui, de maneira alguma, uma marcha rumo ao socialismo.

Uma elite é necessária. O socialismo e o radicalismo são apenas formas de estatismo. O progresso deve vir não do Estado, mas do constante progresso do indivíduo.

O breve resumo precedente mostra que se o mundo se encontra hoje em dia em presença de problemas mais complicados do que todos aqueles de que fala a história, ele continua dominado por alguns princípios diretores de ordem psicológica. De sua aplicação resulta a grandeza dos povos ou sua decadência.

*

* *

Os livros consagrados à história do século que vemos se desenrolar narrarão sem dúvida muitos problemas. Os mais complicados deles resultarão certamente da dificuldade de governar por causa da crescente interdependência dos povos e das ilusões generalizadas. Com a evolução e a troca rápida de ideias, as formas antigas de governo desaparecem uma a uma. As vontades populares substituíram em toda parte a influência secular das elites. Mas, com as dificuldades da era moderna, a ineficiência dos governos democráticos se manifesta cada vez mais. Não tendo o número conseguido substituir a inteligência, foi preciso buscar os meios de evitar as consequências da incapacidade das massas. Nasceram então, em vários países da Europa, diversas ditaduras destinadas a substituir os governos deficientes. Suas vantagens são, infelizmente, compensadas por inconvenientes tão grandes que isso os impedirá de se manterem por muito tempo.

As grandes nações modernas estão, desta forma, reduzidas a continuar a buscar formas novas de governo. Dos votos populares as capacidades muito raramente surgem e alguns filósofos enciclopedistas já tinham sonhado com areópagos de sábios. Após a especialização crescente, suas visões gerais muito restritas não se mostram muito superiores às visões das multidões. O problema de um governo em relação com as necessidades do mundo moderno continua então a ser resolvido.

Capítulo IV

A evolução das civilizações.

Sumário

Desde o aparecimento da vida na superfície do globo todos os seres sofreram esta lei constante: nascer, crescer, declinar e morrer. As civilizações a sofrem igualmente.

A evolução moderna se caracteriza por sua prodigiosa rapidez, comparada a não menos prodigiosa lentidão das evoluções anteriores.

Para que a matéria inerte se tornasse matéria viva, foi preciso o acúmulo de muitas eras. Para que das primitivas células, pelas quais a vida começou na superfície do globo, saíssem as formas animais que deveriam preceder o aparecimento do ser humano, milhões de

anos foram necessários ainda. Para que o ser humano conseguisse de livrar das barbáries da pré-história e chegasse ao limiar das civilizações, ele não precisou mais do que uma centena de milhar de anos.

Nos 7 a 8.000 anos de civilização que se seguiram, os progressos foram muito lentos ainda.

Foi somente no último século que nasceram o vapor, a eletricidade e todas as descobertas que deveriam transformar completamente a existência dos povos.

Todas as grandes invenções são devidas unicamente ao desenvolvimento da inteligência. Sua evolução não foi seguida de um desenvolvimento paralelo dos sentimentos. Neste ponto de vista o ser humano moderno não ultrapassou notavelmente o nível de seus primitivos ancestrais. O único grande progresso realizado foi adquirir a faculdade de dominar um pouco os impulsos primitivos opondo-lhes a imagem inibidora de suas consequências distantes. Mas os sentimentos guardaram sua força e a inteligência, sempre impotente para dominá-los, lhes fornece meios de destruição capazes de devastar o mundo.

O ser humano de hoje se encontra, desta forma, jogado entre duas categorias de impulsos: uns, contemporâneos da pré-história; outros, de origem recente.

*

* *

As grandes civilizações tiveram uma existência relativamente efêmera.

Após um florescimento mais ou menos durável, elas se enfraqueceram e depois desapareceram. Nínive, Babilônia e muitas outras cidades ainda estão enterradas na poeira.

A rapidez da evolução das civilizações variou naturalmente com as condições de existência. Aos períodos de convulsões profundas sucederam-se às vezes fases de lenta evolução que dava a aparência de estabilidade.

Esses momentos de imobilidade relativa representam frequentemente os períodos culminantes da história dos povos. Tais foram, nós já mencionamos, a Grécia sob Péricles; o império romano, sob Augusto; a Espanha, sob Felipe II; a França, sob Luís XIV.

Os períodos de repouso transitório são, aliás, a finalização de acontecimentos anteriores.

Foi preciso toda uma série de lutas sociais para fazer surgir a ditadura de Augusto e uma longa sucessão de conflitos religiosos e políticos para trazer a monarquia absoluta de Luís XIV.

A Europa moderna atravessa um dos períodos de perturbações várias vezes constatados ao longo de sua história: perturbações nas crenças políticas e religiosas, perturbações nos pensamentos. O enfraquecimento dos antigos ideais diretores e a busca de ideais novos provocaram uma desordem profunda nas almas. A inquietude e o

medo agitam as mentes, as ameaças surgem de todos os lados e a esperança de uma calma relativa ainda não é vislumbrada.

*

* *

Uma das principais causas da decadência das civilizações __ causa observada em todas as eras __ foi o desaparecimento progressivo do princípio da autoridade e do prestígio que decorre dele.

Que essa autoridade seja aquela dos deuses, dos costumes ou dos reis, só ela pode dar a um povo a coesão sem a qual ele não conseguiria durar.

Dada a necessidade universal das pessoas de serem guiadas __ quando elas não pertencem ao número muito restrito de indivíduos capazes de guiar a si mesmos __ pode-se considerar como certo que não é por excesso de absolutismo que desaparecem os regimes políticos, mas por sua fraqueza. Luís XIV foi senhor porque ele soube dominar a nobreza, o clero e os parlamentos. Luís XV e sobretudo Luís XVI deixaram de ser senhores porque eles se deixaram sucessivamente dominar pelos poderes rivais que seus predecessores tinham sabido conter.

Essa ação fundamental do princípio de autoridade resulta do fato de que, sozinho, ele possui a força necessária para criar a unidade de pensamento e de ação que transforma uma poeira de pessoas

em uma coletividade homogênea. Pode-se então considerar o princípio da autoridade, em política, mas também em religião e em moral, como uma das bases fundamentais da existência de um povo.

Uma das origens mais constantes do desaparecimento do princípio da autoridade foi a formação, no seio das sociedades, de partidos diversos, impulsionados por interesses diversos. Assim que esses partidos diversos se sentem suficientemente fortes para entrar em luta, o princípio da autoridade se enfraquece e o declínio começa. Assim pereceu a Grécia, no mundo antigo, quando, após ter brilhado num florescimento que nos deslumbra até hoje, ela perdeu sua independência. Assim pereceu a república romana, quando, após uma série de lutas sem piedade, ela foi reduzida a suportar a ditadura soberana dos imperadores.

Da mesma maneira pereceram na Idade Média as repúblicas italianas __ Florença, particularmente __ após discussões intestinas. Nesta última cidade, as hostilidades entre sindicatos rivais eram cotidianas e a vida havia se transformado num inferno tal que foi um alívio geral quando um Médicis se apoderou do poder e derrubou a república.

Assim pereceu mais tarde a Polônia, repartida entre seus vizinhos, após divisões e conflitos interiores perpétuos.

*

* *

Se a decadência de uma civilização pode ser muito rápida, ela é algumas vezes muito lenta. Foi justamente o caso do império romano. Sem dúvida que a ditadura dos imperadores pôs fim às lutas civis, mas ela só fez atrasar a decadência. Essa decadência tornou-se completa quando a autoridade ficou tão desacreditada a ponto das legiões se arrogarem o direito, outrora reservado ao Senado, de eleger e destituir os imperadores.

A Europa moderna parece condenada a percorrer ciclos análogos. Apesar de sua aparência brilhante, devido aos progressos da ciência, ela atravessa um dos períodos mais complicados de sua história e se afunda numa anarquia profunda. O ódio entre os povos e o ódio entre as classes de um mesmo povo, nela se desenvolvem a cada dia mais.

As desordens tornaram-se tais que, para remediar isso, vários Estados __ Itália, Espanha, Polônia, Grécia etc. __ foram obrigados a sofrer pesadas ditaduras. Os outros países da Europa não se encontram numa situação melhor. Os pequenos países da península dos Bálcãs tentam retomar suas lutas seculares. A Rússia está inteiramente arruinada pela aplicação dos devaneios de fanáticos que querem impor sua religião nova.

Graças a suas antigas estruturas, a França, a Inglaterra e a Alemanha resistem ainda à desordem, mas são progressivamente corroídas por ilusões socialistas, cuja influência cresce a cada dia. A

imensa força da América consiste em possuir algumas ideias precisas para orientar a conduta das pessoas encarregadas de guiar seu destino.

Herdeira da Grécia, de Roma e de vinte séculos de esforços, a Europa parecia que continuaria a ser o centro da civilização. No entanto, bruscamente, ela deixou de ser o polo do mundo e vê crescer, num outro hemisfério, um novo universo, cujos pensamentos, sentimentos e diversos elementos da vida diferem inteiramente dos seus.

*

* *

Após a evolução das condições de existência resultantes das descobertas científicas __ a rapidez dos meios de transporte, particularmente __ o mundo moderno se viu marcado por problemas outrora desconhecidos. Os povos, antes isolados por intransponíveis barreiras, viram seus interesses se fundirem ou entrarem em conflito. Os diversos elementos das velhas sociedades, há muito tempo unificadas pela autoridade dos deuses, dos reis ou simplesmente dos costumes, se desagregam cada vez mais. Organizadas por um passado que mudava pouco, os países mais estabilizados se encontram em presença de condições imprevistas.

Os partidos políticos ainda não souberam se adaptar às necessidades que as transformações do mundo fizeram surgir. Radicais,

socialistas, conservadores etc. buscam inutilmente resolver com suas velhas fórmulas os problemas novos. As ideias simples continuam a dominar a vida política. Sendo a ideia do Estado-Providência a mais acessível à inteligência das massas europeias, o estatismo, sob diversas fórmulas, acabou por se estender. Cada um demanda ao Estado, hoje em dia, a solução de dificuldades que ele não conseguiria resolver.

Sem dúvida, o mundo acabará por se adaptar às condições novas da produção e do comércio. Mas existem profundas divisões entre os Estados da Europa, onde as classes de cada país constituem ameaças de decadência. Para remediar isso, mentes ilustres propõem uma união federalista europeia entre os governos, tendo por objetivo criar um regime de constante solidariedade material e moral. Destacou-se justamente que uma federação tal generalizaria simplesmente uma associação já existente para certos serviços internacionais: correios, telégrafos, telefones, estradas, canais, estradas de ferro, questões monetárias etc.

A dificuldade de realização desse grande programa não seria somente superar as diferenças de mentalidades que separam os povos, mas as divergências de interesses econômicos. No entanto, a necessidade é uma força psicológica tão grande que os povos europeus chegarão possivelmente a compreender que, sob o risco de ver sua civilização desaparecer, eles deverão acabar por se entender.

Dificuldades diversas, mas não insuperáveis, ainda se opõem ao novo projeto de união federal. Assim, por exemplo, a Inglaterra prefere, a uma unidade europeia, uma unidade britânica, que permita associar todos os países das diversas partes do mundo submetidos a sua influência. Ela olha então, com uma simpatia medíocre, um projeto de união que poderia levar ao abandono, por parte de cada Estado, de uma parte de sua autoridade, em prol de um Superestado.

A unificação da Europa não poderá ser o resultado de discussões como aquelas da Sociedade das Nações, mas das associações econômicas espontâneas, que as relações industriais já dão vários exemplos.

Tais resultados seriam completamente diferentes àqueles obtidos, após dez anos de esforços, pelos sessenta representantes da Sociedade das Nações. Perdidos em especulações ilusórias, eles parecem ignorar as necessidades que governam o mundo.

Além dessa união econômica dos povos europeus, os únicos métodos propostos até aqui para manter a paz são constituídos por projetos de desarmamento. Mas, não foi difícil reconhecer que, diante dos perigos que rondam os povos, nenhum deles pode ficar desarmado.

Numerosas conferências sucessivamente reunidas nas diversas capitais só serviram para demonstrar a impossibilidade de um de-

sarmamento material. Elas provaram que primeiramente era nas almas que o desarmamento deveria acontecer.

*

* *

"Não é necessário esperar para agir..." já dizia Guilherme o Taciturno e o sucesso provou a justeza de sua máxima.

É, no entanto, indispensável sonhar em estabelecer uma paz durável na Europa, porque, com os progressos das armas modernas, uma nova guerra levaria à destruição das grandes capitais do velho mundo e marcaria assim o fim de sua civilização.

As guerras de outrora aconteciam com exércitos pouco numerosos, que só interessavam a uma pequena parte da população. As guerras modernas colocam em presença, não alguns milhares, mas alguns milhões de combatentes e logo se estendem, por via de consequência, aos diversos países de um continente.

Todos os esforços feitos pelos diplomatas para obter o desarmamento sobre a terra e sobre o mar e substituir os conflitos armados por arbitragens, não deram até aqui nenhum resultado. Como destacou justamente o presidente da república dos Estados Unidos, um povo desarmado, ou mal armado, teria bem poucas chances de não ser atacado. É evidente, por exemplo, que a Rússia, que sonha com uma guerra mundial a fim de assegurar o triunfo de suas doutri-

nas, seria muito perigosa com seu exército de seiscentos mil homens, para uma Europa desarmada.

No estágio atual de nossos conhecimentos, a única chance de uma paz durável seria a descoberta de um método de destruição tão rápido que nenhum povo gostaria de se expor a sofrer seus efeitos. Tal seria, por exemplo, a descoberta do meio de concentrar as ondas hertzianas sobre um ponto determinado[15].

Numa época já antiga, Montesquieu parecia ter vislumbrado essas perigosas descobertas quando escreveu:

> *Eu sempre temo que um dia se consiga descobrir algum segredo que forneça um meio mais abreviado para fazer perecer as pessoas, destruir os povos e as nações inteiras.*

Tais descobertas estão, aliás, quase realizadas hoje em dia, com certos explosivos. Um ministro inglês já destacou que a destruição das civilizações europeias poderia ser a consequência delas.

[15] Essa ideia me ocorreu há muito tempo e por isso eu realizei, há um tempo atrás, experiências relatadas em meu livro "**L'Évolution des Forces**". Por meio de um aparelho de muito alta tensão eu consegui produzir, a distância, correntes elétricas de indução capazes de se manifestar sob formas de centelhas sobre todos os objetos metálicos, numa câmara com dez metros de largura.
Dado que as ondas hertzianas atravessam facilmente os obstáculos não metálicos, chegar-se-ia assim a fazer explodir por projeção os depósitos de pólvora de uma fortaleza, as munições e, por consequência, todos os soldados de uma unidade de exército.
Esse resultado não é ainda realizável porque seriam necessários espelhos gigantescos para concentrar a grande distância um raio elétrico.

*

* *

No domínio do racional o mundo viu surgir, em menos de meio século, progressos muito maiores do que todos aqueles realizados desde as distantes épocas em que, nas margens do Nilo e nas planícies da Caldeia, se esboçaram as primeiras civilizações.

No domínio dos sentimentos, cujos impulsos continuam a reger as pessoas, os progressos realizados foram muito pequenos. A razão, que deveria guiar os povos, só serve frequentemente para constatar os aspectos irracionais de seu comportamento.

A guerra mundial que devastou a Europa, sob a influência de impulsos estranhos às evidências da razão, mostrou nitidamente o quanto eram incertas ainda as regras de política e de moral que servem para governar.

Dadas as complicações da hora presente, não se conseguiria pressentir as formas futuras de evolução ou de desaparecimento que sofrerão nossas civilizações. É possível que a vida dos povos possa ser um dia eficazmente orientada pelas descobertas da ciência. Mas esta última é muito recente ainda para que sejam previstas suas consequências e sobretudo seus limites. O inconhecível dos antigos filósofos é apenas uma barreira provisória que a ciência afasta a cada dia. Vivemos num mundo de aparências, em que a ilusória interpretação permanece sempre na medida de nossa inteligência.

É inútil, aliás, dissertar sobre um futuro forçosamente ignorado, pois ele se desenrolará sob a influência de razões estranhas à nossa razão. Ele está carregado de desconhecido, mas também de esperanças. Os inumeráveis deuses que povoaram o céu desde a aurora das civilizações pereceram um a um. A esperança é a única divindade que sobreviveu e ela só perecerá, sem dúvida, com o último ser humano. Imortal inspiradora de todas as descobertas, ela passou dos templos aos laboratórios e sustenta os esforços de onde resultam as transformações do mundo que vemos acontecer.

A grandeza das transformações futuras já pode ser pressentida. Quando, após dez anos de pesquisas cotidianas em laboratório, eu consegui provar que a matéria inerte não passava, na verdade, de uma colossal condensação de uma força insuspeitada __ a energia intra-atômica __ suscetível de ser liberada um dia, o grande mestre do socialismo daquela época declarou, do alto da tribuna parlamentar, que as consequências de tais pesquisas levariam, talvez, a uma transformação completa das condições da vida social.

Sem dúvida que a ciência está ainda num período de pesquisas, mas ela vê, cada vez mais, o caminho que ela deve trilhar. Sob a influência de descobertas inesperadas, o mundo evolui com uma rapidez jamais igualada. O pensamento humano sofreu mais transformações em menos de um século que durante os oito mil anos de história que o precedeu. A julgar pelas conquistas já efetuadas, a zona des-

conhecida, onde a ciência penetra um pouco a cada dia, nos revelará mistérios cuja grandeza já é possível vislumbrar.

Podemos então sonhar com uma humanidade futura bem diferente da humanidade atual, tanto quanto esta difere dos seres rudimentares da pré-história. É um sonho, sem dúvida, mas ele tem mais de verossímil do que aqueles que dominaram o mundo até aqui e que não se pode maldizer, já que eles ergueram o homem da barbárie à civilização.

FIM DA OBRA

NOTAS COMPLEMENTARES

I

Extratos da correspondência do autor com diversos personagens políticos e reprodução de suas opiniões sobre algumas questões tratadas neste volume.

As bases reais do direito.

Sumário

Sr. Clemenceau, em seu livro **La France Devant l'Allemagne**, discute nos seguintes termos o aforismo de Gustave Le Bon "o direito é a força que dura":

Quando o Dr. Gustave Le Bon disse que o direito não passa de uma força que dura, ele cruelmente dissecou um de nossos últimos deuses. Sacrilégio, analisar sua divindade!

Esse direito da criatura, não é o deus do evangelho moderno, que Gustave Le Bon reduz à fonte mesma de todas as divindades da terra, identificando-o com a força permanente das coisas, de onde decorre toda subordinação dos seres? Não há na doutrina nova o que não há nas outras teologias, como se possa determinar o indeterminável, tocar o dedo no intangível, atingir e fixar o que nos escapa.

Concepções diversas do termo “democracia”.

Sumário

Com o objetivo de dar uma ideia clara das diferentes concepções possíveis do termo “democracia” eu pedi a eminentes homens de Estado __ Georges Clemenceau, Mussolini Herriot e Jean de Castellane __ a definição que eles davam a este termo.

Eis suas respostas:

Meu caro educador, vós sois um homem admirável, mas vós me fizestes uma pergunta além de minhas capacidades. Vós encontrais o tempo de meditar e de escrever livros onde pude retificar muitas das minhas ideias, o que merece meu reconhecimento.

Vós me solicitastes a definição de democracia. Nada além disso!

Eu quebro a cabeça e eis que o que eu pude encontrar foi o incremento das partes da inteligência superior filtradas pelo incremento da inteligência inferior, para retornar a seu ponto de partida em direções gerais, aceitáveis e praticáveis pelo conjunto da nação.

A vós, com admiração.

Georges Clemenceau.

Ministério da Instrução Pública.

Meu querido Mestre,

Pelo radical que sou, a democracia é o regime que busca integrar na sociedade a ideia de justiça fornecida não pela natureza, mas pela razão. Em outros termos, é o regime que deve buscar se aproximar, até que elas se confundam, a moral e a política.

Respeitosamente vosso,

Herriot.

"Il capo del Governo".

Meu querido mestre

Eu respondo a vossa carta. Democracia é o governo que dá, ou procura dar, ao povo a ilusão de ser soberano. Os instrumentos dessa ilusão foram diversos para as épocas e os povos, mas o fundo e os objetivos jamais mudaram. Eis minha opinião nítida. Isto me dá a agradável oportunidade de vos enviar minhas cordiais saudações.

Mussolini.

Acrescentarei às definições precedentes aquela que me enviou o eminente presidente do Conselho Municipal de Paris, Sr. Jean de Castellane:

A experiência mostrou que a verdadeira "democracia" consistiu muito menos em governar pelo povo __ o que é impossível __ do que para o povo, por meio de elites às quais se juntou o dom da autoridade com a capacidade técnica adquirida.

As democracias do futuro prosperarão na medida em que elas souberam formar essas elites e se deixar dirigir por elas.

Jean de Castellane.

Eu não precisei interrogar bolchevistas para saber que a fórmula ditadura do proletariado, ou seja o governo das classes superiores pelo povo, resume suas concepções do termo democracia.

O princípio das nacionalidades.

Sumário

Em nossos dias, o princípio das nacionalidades, em nome do qual a Áustria foi dividida em pequenos Estados separados, está destinado a produzir consequências desastrosas. Uma das mais ameaçadoras será o crescimento enorme da Alemanha, por meio da anexação fatal da República austríaca, muito enfraquecida por sua mutilação para continuar independente.

Essas consequências do tratado de paz me parecendo evidentes, eu submeti minhas críticas a G. Clemenceau. Eis sua resposta:

Caro mestre e amigo,

Eu admiro, como sempre, sua lucidez maravilhosa.

Mas como podeis vós não se dar conta do poder tão profundo e tão legítimo do espírito de nacionalidade? Ou porque o aceitais para uns e o ignorais para outros?

Sempre vosso,

G. Clemenceau.

Sem dúvida, a Áustria compreendia nacionalidades muito distintas, mas a França contém igualmente bretões, normandos, auverneses, provençais etc. que formam etnias menos separadas talvez do que as diversas nacionalidades do império da Áustria. Mas, no entanto, muito diferentemente, se os alemães vencedores tivessem partilhado a França como foi dividida a Áustria, em nome do princípio das nacionalidades, a obra de mil anos de história teria sido aniquilada.

Utilização dos documentos psicológicos no governo dos povos.

Sumário

A psicologia foi praticada instintivamente por todos os grandes homens de Estado, mas ela continuou um pouco no estado em que estava a química antes de Lavoisier.

Desta forma, por exemplo, a escola das ciências políticas de Paris, que possui um número considerável de disciplinas, não possui nenhuma dedicada ao ensino da psicologia.

Eu pude constatar, no entanto, a importância dada à psicologia por homens de Estado, considerando que eu conto dentre eles com muitos leitores e mesmo de tradutores. Meus diversos livros, particularmente aquele sobre a **Psychologie des Foules** e o **Lois de l'Évolution des Peuples**, foram traduzidos em várias línguas estrangeiras. Em árabe, pelo ministro da justiça no Cairo, Fathy Pacha; em japonês, pelo Sr. Motono, embaixador do Japão em Paris; em turco, pelo diretor do mais importante jornal de Constantinopla; em russo, pelo Grão Duque Constantin, então diretor das escolas militares da Rússia; em hindustão, pelo primeiro ministro de Nyzam, de Hyderabad etc.

Foi o **Psychologie des Foules** sobretudo que foi o mais meditado pelos homens de Estado.

Numa entrevista do Sr. Mussolini, publicada pelos **Horizons de la Science**, encontra-se a seguinte passagem:

Vós tendes na França, no domínio da filosofia e da ciência, homens que muito honram a humanidade. Gustave Le

Bon, por exemplo; eu li toda a obra de Gustave Le Bon. Eu não sei quantas vezes eu reli sua ***Psychologie des Foules****; é uma obra capital a qual eu me reporto frequentemente.*

Numa outra entrevista, publicada pelos **Annales**, de 8 de junho de 1924, o presidente da república do Chile, Don Arturo Alessandri, se expressa da seguinte maneira:

Se um dia vós tiverdes oportunidade de se encontrar com Gustave Le Bon, diga-lhe que o presidente da república do Chile é seu admirador mais fervoroso, que eu me sinto nutrido com suas obras e diga-lhe que em minha carreira política eu constantemente tive oportunidade de constatar a admirável verdade de suas observações...

O Sr. Roosevelt, ex-presidente da república dos Estados Unidos, expressou várias vezes uma opinião análoga sobre os livros de Gustave Le Bon, particularmente **Les Lois de l'Évolution des Peuples**, pequeno volume do qual ele não se separava nunca, dizia ele, em suas viagens e que tinha frequentemente inspirado sua política.

Ele repetiu as mesmas afirmações num almoço que lhe ofereceu o Sr. Hanotaux, quando de sua passagem por Paris.

Os homens de Estado franceses são igualmente leitores certos das obras de psicologia política. As numerosas cartas que eu recebi,

dos mais eminentes dentre eles, mostram isso claramente. Os problemas de psicologia que se colocam a cada dia para os homens de governo são inumeráveis e de sua solução a vida de um povo pode depender. Eu já mencionei em outro lugar que, algum tempo antes da guerra, o grão-vizir do império otomano me solicitou, através de seu embaixador em Paris, que fosse a Constantinopla fazer um certo número de conferências de psicologia política.

Eu lamentei muito que o estado de minha saúde não tenha me permitido aceitar essa proposta. Ela provou, pelo menos, que os turcos não estavam mal dispostos com relação à França.

É infinitamente provável que se, no início da guerra, houvesse na frota francesa um único comandante de navio suficientemente ousado para seguir o Goeben e o Breslau, quando estes dois navios alemães se dirigiram para Constantinopla, os turcos tivessem permanecido neutros e, por consequência, a guerra teria sido muito menos prolongada.

Determinação da evolução social pelo estudo dos diversos povos.

Sumário

Num de seus primeiros livros, ***L'Homme et les Societés. Leurs origines et leur histoire****, o doutor Gustave Le Bon estudou a evolução do homem e das sociedades desde suas origens*

mais distantes até nossos dias. Ele pesquisa como nasceram a indústria e as artes, a família e as sociedades, a ideia do bem e do mal; como se formaram as instituições e as leis e quais foram, no decorrer do tempo, as causas de suas transformações; como, enfim, cada época e cada povo tiveram sua maneira especial de pensar, suas crenças, sua moral e seu direito...

É no estudo das civilizações primitivas que se descobrem as fases antigas de nossas instituições, de nossos costumes e de nossas crenças.

... Num livro sobre a ***Psychologie des Temps Nouveaux****, publicado em 1920, o Dr. Gustave Le Bon lembra que a maior parte das questões políticas, militares, econômicas ou sociais são do campo da psicologia; que os alemães perderam a guerra por tê-las desconhecido e que seus erros sobre a psicologia dos povos armaram contra eles nações que só queriam permanecer neutras.*

(A obra de Gustave Le Bon)
Extrato do relatório do Sr. Delatour, lido
na Academia das Ciências Morais e Políticas
em 16 de maio de 1925.

O socialismo como crença religiosa.

Sumário

Há muitos anos, Gustave Le Bon demonstrou que a grande força do socialismo era devido ao fato de que ele constituía não uma política, mas uma religião nova, muito semelhante ao cristianismo no seu início.

Essa opinião, contestada inicialmente, está completamente vulgarizada hoje em dia. Pode-se avaliar isso através dos seguintes extratos de um artigo publicado pelo **L'Ami du Peuple**:

> *O filho do Sr. Ramsay MacDonald, segundo seu pai, fez uma viagem aos Estados Unidos. Na Universidade de Chicago ele falou diante dos membros do clube socialista e declarou: "Para os socialistas da Inglaterra, sua doutrina e sua ação políticas não são nem um jogo nem um negócio; elas são uma religião". A afirmação não é nova. Gustave Le Bon escreveu há muito tempo: "O socialismo é muito mais uma crença religiosa do que uma teoria racional..." O socialismo e o bolchevismo constituem um perigo grave porque eles se espalham à maneira das religiões, sem argumentos, diz Gustave Le Bon, "através de afirmações, devaneios, promessas quiméricas".*

Impotência da lógica racional contra certas forças coletivas.

Sumário

Dentre as grandes dificuldades da política moderna figuram movimentos de opinião criados pelas suscetibilidades do amor-próprio coletivo.

Um dos mais curiosos exemplos de um conflito tal foi fornecido na conferência naval, reunida em Londres, em janeiro de 1930, para a redução dos armamentos.

Sabe-se que três meses de negociações diárias levaram a um insucesso completo.

Baseando-me na impotência do racional em lutar contra as suscetibilidades e as vaidades coletivas, eu tive oportunidade, logo na abertura da conferência, de predizer, numa carta ao embaixador da Inglaterra na França, que, apesar de todos os esforços dos diplomatas, o fracasso seria total.

Considerando mesmo apenas seu prestígio, a Itália não poderia consentir, em hipótese alguma, que lhe fosse recusado o direito teórico de possuir uma frota igual a da França.

Diante da simples palavra “paridade”, todos os esforços dos principais diplomatas do mundo vieram abaixo.

As concepções possíveis da história.

Sumário

Nossas concepções sobre o mundo e os seres que o habitam são tão fragmentadas e cambiantes que é sempre interessante conhecer as interpretações do universo formuladas por mentes com estruturas diferentes.

As influências racionais e as influências místicas que servem de base a essas interpretações estão bem resumidas nas seguintes cartas trocadas entre o ilustre historiador Gabriel Hanotaux e Gustave Le Bon, após uma questão colocada por este último.

Villula-Roquebrune-Cap Martin (Alpes Marítimos), 14 de fevereiro de 1930.

Meu caro amigo, eu tomo as palavras "providência" e "providencial" no sentido que as davam Bossuet e Pascal.

São garantias!

Eu não tenho nenhuma pretensão de representar os "historiadores atuais". Mas, a história me ensinou que só há civilização nos povos que guardam a fé em um ideal divino, ou seja, em um criador autor da fé moral.

A ciência libertou de suas obscuridades os dois mistérios, o da criação e o da alma?...

Não sendo científico, eu não sei. Mas, como eu avalio acima de tudo a harmonia universal e a moral, eu continuo fiel à escolha de nossos pais e às crenças que construíram as sociedades humanas e que as conservam.

Eu temo Moscou.

Boa saúde. Escave esses problemas! Não tenhais medo! E, acredite-me vosso amigo muito devoto.

Hanotaux.

Esta carta provocou em seu destinatário as seguintes reflexões:

Paris, 17 de fevereiro de 1930.

Caro amigo, vossa concepção da história é muito simples, mas se afasta notavelmente com aquelas admitidas por muitos cientistas.

Para estes últimos, o mundo se complica na medida em que tenta aprofundar nele.

A ideia de criação foi substituída pela de um universo que não teve começo e não pode ter fim.

Setenta milhões de anos nos separam da época em que sobre a nebulosa resfriada, nasceram as microscópicas células que foram os primeiros seres e cujos últimos descendentes são os humildes ancestrais que precederam nossos seis mil anos de civilização, nos cem mil anos de pré-história.

Quanto à lei moral falada por vós, impossível concebê-la como se fazia na época de Kant, mas simplesmente como uma necessidade social observada em todas as sociedades, mesmo nas animais.

Nenhuma sociedade humana conheceu uma moral tão severa quanto aquela que rege algumas sociedades de insetos. Sua moralidade não é simplesmente instintiva, pois ela varia com as necessidades do momento, fenômeno característico da razão.

Vós encontrareis no livro de vosso colega Bouvier, professor no Muséum, páginas muito interessantes sobre a vida social dos insetos; ele até mesmo chegou à conclusão de que os raciocínios dos insetos são idênticos aos dos seres humanos.

Nós estamos muito distantes da divina Providência, caro amigo, mas muito mais distantes ainda das razões primeiras das coisas. Elas parecem se distanciar cada vez mais na medida em que nós as perseguimos.

Muito compreensível no tempo de Bossuet, o mundo está muito complicado hoje em dia.

Nosso desacordo sobre a filosofia da história é muito grande, como vós vedes; ele não é completo, no entanto, pois

estamos de acordo sobre o ponto em que é preciso um ideal para orientar a vida dos povos.

Apesar de seus fundamentos ilusórios, o ideal religioso permaneceu até aqui o mais forte.

A história ensina, com efeito, que, com deuses novos, nascem civilizações novas e que essas civilizações não sobrevivem à morte de seus deuses.

Vosso muito velho amigo,

Gustave Le Bon.

II

Extratos das publicações anteriores do autor concernentes a algumas das questões tratadas neste volume.

Sumário

Mesmo limitada à visão muito superficial das coisas registradas pelos livros, a história implica no conhecimento de diversas ciências, das quais ela é, na realidade, uma síntese.

Investigações mais aprofundadas do que aquelas com a humanidade se contentou em seis mil anos de civilização mostram que o universo é de uma extrema complexidade. Elas conseguiram, portan-

to, criar alguns marcadores luminosos na obscura floresta dos fenômenos.

O conhecimento das interpretações do mundo, saído dos laboratórios, é indispensável para a compreensão da história.

Dentre essas pesquisas, é preciso citar aquelas relativas à psicologia, ou seja, à ciência que permite interpretar a gênese de nossas ações. Por isso nos pareceu útil reproduzir alguns extratos dos volumes que publicamos sobre diversos capítulos dessa ciência.

As forças diretrizes do universo e a explicação dos fenômenos.

Sumário

Muito simples na época em que os deuses regiam seu curso, o universo parece cada vez mais complicado, na medida em que a ciência pesquisa suas razões. Fenômenos tão simples, em aparência, como a queda de uma pedra e a eletrização de um bastão de resina, tornaram-se para o cientista insolúveis problemas.

A ciência moderna desistiu de descobrir um elemento fixo no universo, um marco invariável na ocorrência dos fenômenos. Todos desapareceram um a um e a própria matéria, último elemento sobre o qual se acreditava poder contar, perdeu sua eternidade. A instabilidade sucedeu assim a estabilidade. Flutuações perpétuas de equilíbrio substituíram o repouso.

A razão primeira das coisas recua para um infinito inacessível. Apenas são conhecíveis as relações dos fenômenos.

Abandonando as explicações muito sumárias, a ciência substitui agora as grandes leis gerais pelo acúmulo de causas infinitamente pequenas, mas infinitamente numerosas. Ela ensina que o mundo físico, o mundo biológico e o mundo social, são a obra de mínimas individualidades, sem ação quando ficam isoladas, mas muito poderosas assim que estão associadas. Os infinitamente pequenos fazem surgir os continentes, germinar as colheitas e mantém a vida. Todas as diversas individualidades __ átomos físicos, células vivas, unidades humanas etc. __ permanecem sem efeito, se forças diretrizes não vêm provocar e canalizar suas ações.

Que os elementos considerados pertençam ao círculo físico, biológico ou social, não importa. Agentes diretores são sempre indispensáveis para orientá-los. Assim que eles deixam de sofrer sua influência, os elementos individuais tornam-se uma poeira inútil.

Para as células de um ser organizado, a orientação diretora é a vida, sua interrupção é a morte. Para as unidades do ser social, a lei é a mesma.

No círculo psicológico, vemos as forças diretrizes __ crenças, ideal etc. __ se sucederem sem jamais desaparecerem.

Elas podem mudar de nome, mas sempre persistem. Orientação pela fé, pela espada, pela ciência ou pela ideia, foi necessária em todas as fases da história. Privar uma sociedade de potências diretoras, ou submetê-la a forças caprichosas que oscilam constantemente, seria condená-la a perecer.

(Psychologie Politique)

O imprevisível na história

Sumário

O imprevisível domina a história.

Uma mente bem perspicaz teria podido predizer antes da guerra a desagregação da Áustria, talvez a da Rússia e a da Turquia, mas como teria podido suspeitar do brusco desastre da formidável Alemanha? Ela havia atingido o ápice da potência e o mundo parecia ameaçado de sofrer suas leis. Depois, em algumas semanas, derrotada por todos os lados, ela se desmoronou na vergonha e na desolação.

Essa sucessão de perturbações produzirá, sem dúvida, temíveis consequências. Quais serão essas consequências? O que vai acontecer, por exemplo, na Áustria, com essa poeira de pequenas nações rivais, surgidas da grande potência que as havia aglomerado após séculos de esforços?

Se as lições do passado tivessem que servir de guia, poder-se-ia dizer que a Europa está ameaçada por uma série de guerras que lembrarão aquelas que aconteceram na Idade Média, para constituir, com pequenos Estados, os grandes impérios dissociados de hoje em dia.

Mas o mundo evoluiu tanto que as leis de um passado muito simples não bastam para explicar um futuro muito complicado. Alguns princípios novos nasceram e, em nome desses princípios, as instituições e as crenças vão sofrer, sem dúvida, transformações imprevistas.

(Psychologie des Temps Nouveaux)

As forças psicológicas.

Sumário

Todas as forças exteriores que agem sobre as pessoas __ forças econômicas, históricas, geográficas etc. __ se transformam finalmente em forças psicológicas.

Essas forças são regidas por formas de lógicas diferentes.

Foi por não ter sabido dissociar suas influências respectivas que tantos historiadores interpretaram tão mal certas épocas; o período revolucionário, particularmente.

O elemento racional geralmente invocado, como meio de explicação, exerceu, na realidade, uma ação muito pequena. Ele preparou a Revolução Francesa, mas se manteve apenas no seu início.

A influência do elemento racional desapareceu rapidamente diante dos elementos afetivos e místicos.

O papel das influências místicas tornou-se então considerável, elas fanatizaram os exércitos e propagaram através do mundo a nova crença.

Nenhum período da vida da humanidade apresentou uma série tal de experiências acumuladas em um tempo tão curto.

As assembleias revolucionárias justificam todas as leis conhecidas da psicologia das massas. Impulsivas e temerosas, elas são dominadas por um pequeno número de líderes e agem na maioria das vezes em sentido contrário às vontades individuais de seus membros.

Monarquista, a Constituinte destrói a antiga monarquia; humanitária, a Legislativa deixa acontecer os massacres de setembro; pacifista, ela joga a França em guerras terríveis. Contradições semelhantes durante a Convenção. A imensa maioria de seus membros repele as violências. Filósofos sen-

timentais, eles exaltam a igualdade, a fraternidade, a liberdade e produziram, no entanto, um pavoroso despotismo.

É raro, como disse Bossuet, que o pensamento humano não trabalhe para fins que, não apenas o ultrapassam, mas que são o contrário mesmo de seu desejo.

Apesar de tantas aparências contrárias, as lutas do futuro não serão unicamente conflitos de interesses econômicos, mas também conflitos de ilusões psicológicas.

(Psychologie des Révolutions)

As formas de lógica que regem a história.

Sumário

Contrariamente aos ensinamentos da psicologia clássica, existem formas de lógicas muito distintas da lógica racional; a lógica mística e a lógica afetiva, particularmente.

Elas são tão separadas que jamais se pode passar de uma para a outra e, por consequência, expressar uma usando a linguagem de outra.

Sobre a lógica racional se constroem todas as formas de conhecimento; as ciências exatas, particularmente. Com as lógicas afetivas e místicas se constroem nossas crenças, ou seja, os fatores principais do comportamento dos indivíduos e dos povos.

A lógica racional rege o domínio do consciente, onde se fabricam as interpretações de nossos atos.

É no domínio do subconsciente, governado pelas influências afetivas e místicas, que se elaboram suas verdadeiras causas.

A observação mostra que as sociedades são guiadas sobretudo pelas lógicas afetivas e místicas e que a lógica racional pouco conseguiria influenciá-las e muito menos transformá-las.

(Psychologie Politique)

A vontade consciente e a vontade inconsciente.

Sumário

Os fenômenos percebidos pela consciência são apenas reflexos de uma existência psíquica interior que não conhecemos e onde são elaborados os mais importantes motivadores do comportamento.

Dessa elaboração dos motivos nasce a vontade. Ela se apresenta sob duas formas: a vontade consciente __ única admitida pelos psicólogos __ e a vontade inconsciente.

A vontade consciente implica numa livre deliberação e na discussão de considerações objetivas. Na vontade inconsciente é o inconsciente que delibera por nós. A decisão chega

então totalmente formada ao campo da consciência, que a aceita geralmente, mesmo que possa rejeitá-la.

A vontade inconsciente se manifesta sob a forma de desejos e de impulsos, guias habituais do comportamento. A maior parte das pessoas não possui outro guia além de sua vontade inconsciente e é ela que é preciso influenciar para fazê-las agir.

Suficientemente estabilizada num povo, a vontade inconsciente lhe dá uma grande força. Destacou-se justamente que todos os povos são conduzidos por forças instintivas derivadas de sua etnia.

É criando vontades inconscientes na alma das multidões que os grandes condutores de homens dirigem as massas de acordo com sua vontade.

*(**Enseignements Psychologiques de la Guerre**)*

O papel do inconsciente na vida dos povos.

Sumário

O inconsciente é em grande parte um resíduo ancestral. Seu poder se deve ao fato de que ele representa a herança de uma longa série de gerações, em que cada uma delas lhe acrescentou alguma coisa.

O inconsciente nos guia na imensa maioria dos atos da vida cotidiana. É sobretudo no adestramento do inconsciente que consiste a educação. Ele consiste um verdadeiro capital psíquico.

A intuição, origem das inspirações geniais, sai do inconsciente.

(Les Opinions et les Croyances)

Características fundamentais das massas.

Sumário

Dentre as características das massas, é preciso mencionar sua credulidade, sua sensibilidade exagerada, a imprevidência e a incapacidade de se deixar influenciar por um argumento racional. A afirmação, o contágio, a repetição e o prestígio constituem quase os únicos meios de persuadi-las. Pode-se fazer com que as massas admitam tudo. Nada é impossível a seus olhos.

A pessoa na massa desce muito na escala de civilização. Tornando-se um bárbaro, ela manifesta seus defeitos, suas qualidades e violências momentâneas; mas também entusiasmos e heroísmos.

No domínio intelectual, uma massa é sempre inferior à pessoa isolada. No domínio moral e sentimental, ela pode lhe ser superior.

Uma massa cometerá tão facilmente um crime quanto um ato de abnegação.

A ação das massas é considerável sobre os indivíduos com que elas são formadas. O avaro, nela se tornar pródigo; o cético, crente; o honesto, um criminoso; o covarde, um herói.

Os exemplos de tais transformações abundam na história; principalmente em épocas de revoluções.

A psicologia individual e a psicologia coletiva conduzem a atos muito diferentes. Pelo único fato de sua incorporação a uma massa, o egoísta torna-se altruísta, a ponto de sacrificar sua vida a serviço da causa adotada pela coletividade da qual ele faz parte.

As massas só concebem os governos sob a forma autocrática e é por isso que elas sempre aclamaram os ditadores.

Um governo popular não significa, de maneira alguma aliás, um governo do povo, mas, muito mais um governo de seus líderes.

Longe de serem realmente populares, os governos atuais da maior parte dos países representam simplesmente uma oligarquia de líderes.

O Estado moderno, qualquer que seja seu dirigente, herdou, aos olhos das multidões e de seus líderes, o poder místico atribuído aos antigos reis, quando eles constituíam uma encarnação da vontade divina.

O povo não é o único a possuir essa confiança no poder do governo. Todos os nossos legisladores a possuem igualmente.

Os políticos não conseguem compreender que as instituições, sendo efeitos e não causas, não encerram em si mesmas nenhuma virtude.

(Psychologie des Révolutions)

O manejo das armas psicológicas.

Sumário

As armas psicológicas possuem um poder frequentemente superior ao dos canhões, mas seu manejo é difícil.

O teclado dos fatores psicológicos só pode ser tocado com muita arte.

Na última guerra, a incapacidade dos alemães em manejar as armas psicológicas voltou contra eles os maiores po-

vos. Inicialmente a Inglaterra, cuja neutralidade teria sido tão fácil de obter. Depois a Itália e os Estados Unidos.

Um dos mais grosseiros erros psicológicos cometidos pelos alemães foi acreditar que todas as pessoas obedecem aos mesmos motivadores. As ameaças, o terror e a corrupção, que constituíram suas principais armas psicológicas, não tiveram outros resultados além de fazer brotar do solo inglês três milhões de voluntários e nos Estados Unidos romper uma neutralidade que a Alemanha deveria ter conservado a qualquer preço.

(Psychologie des Temps Nouveaux)

Influência do passado na vida dos povos.

Sumário

As mudanças de instituições políticas têm uma influência muito pequena sobre a vida das nações. E a mentalidade das pessoas __ e não as instituições __ que determina sua história.

Sendo o estado atual de um ser qualquer determinado pela sucessão de seus estados anteriores, as transformações realizáveis por cada geração são sempre mínimas.

As mudanças absolutas com que sonham os partidos políticos jamais são realizáveis.

(Les Incertitudes de l'Heure Presente)

Rigidez e mobilidade dos agregados psicológicos que constituem o caráter.

Sumário

Os agregados constitutivos do caráter podem ser fortemente ou fracamente cimentados.

Aos agregados sólidos correspondem as individualidades fortes que se mantém, apesar das variações do meio e das circunstâncias; como os ingleses, por exemplo.

Aos agregados mal cimentados correspondem as mentalidades moles, incertas e cambiantes; como os eslavos.

Elas se modificariam mesmo a cada instante, sob as influências mais ligeiras, se certas necessidades da vida cotidiana não as orientassem, como as bordas de um rio canalizam seu curso.

Sem rigidez, a personalidade não teria nenhuma estabilidade e sem maleabilidade ela não poderia se adaptar às mudanças do meio, resultantes dos progressos da civilização.

O excesso de maleabilidade da alma nacional leva um povo a revoluções incessantes. O excesso de rigidez impede todo progresso e leva à decadência. As espécies vivas, como os povos humanos, desaparecem quando, muito estabilizadas

por um longo passado, elas se tornam incapazes de adaptação a novas condições de existência.

Poucos povos souberam realizar um justo equilíbrio entre essas duas qualidades contrárias: estabilidade e maleabilidade.

Propagação das crenças e contágio mental.

Sumário

O contágio mental constitui um fenômeno psicológico cujo resultado é a aceitação involuntária de certas opiniões e crenças. Sendo sua origem inconsciente, ele acontece sem que nenhum argumento racional participe dele.

Ele é observado em todos os seres em massa; do animal ao ser humano. Sua imensa ação domina a história. Ele representa, com efeito, o elemento essencial da propagação das opiniões e das crenças.

Sua força é, com frequência, suficientemente grande para fazer o indivíduo agir contra seus interesses mais evidentes.

Ele transforma seres pacíficos em guerreiros corajosos, plácidos burgueses em selvagens sectários.

O contato dos indivíduos não é necessário para produzir o contágio mental. Ele pode se estabelecer através dos livros,

dos jornais, das notícias telegráficas e até mesmo através de simples rumores...

Os sentimentos, bons ou maus, são contagiosos e, por isso, o papel do ambiente na educação oferece tanta importância.

O contágio mental é suficientemente forte para escravizar todas as inteligências...

Quando se conhece bem seu mecanismo, possui-se uma das chaves principais dos fatores fundamentais da história.

(Les Opinions et les Croyances)

O ideal e a razão na vida dos povos.

Sumário

Mudar a concepção de felicidade de um indivíduo ou de um povo, ou seja, seu ideal, é mudar no mesmo golpe sua concepção sobre a vida e, por consequência, seu comportamento.

A história não passa da narração dos esforços realizados pela humanidade para edificar um ideal e depois destruí-lo assim que, ao atingi-lo, descobre-se sua futilidade.

O ceticismo possível em alguns indivíduos é um sentimento que as massas não poderiam conhecer. Elas precisam de um ideal criador de esperanças.

Para que uma sociedade seja solidamente constituída, ela precisa adquirir um ideal comum; religioso, militar ou qualquer outro. Somente então a alma nacional nasceu. Até à sua formação, um povo não passa de uma poeira de bárbaros, capazes apenas de coesões momentâneas, sob a lei de uma liderança, mas sem um laço durável.

A passagem da barbárie à civilização acontece pela aceitação de um ideal comum.

Os povos retornam à barbárie assim que a alma nacional se desagrega. Os romanos pereceram quando desapareceu em seus corações o culto à Roma e às instituições que haviam determinado sua grandeza.

Em nossos dias, os antigos ideais perderam seu poder. Eles foram substituídos pro um ódio invejoso a todas as superioridades. As aspirações populares representam, cada vez mais, uma luta contra as desigualdades de inteligência e de fortuna.

O papel da razão na vida dos povos foi sempre muito inferior ao do ideal. Essa faculdade se colocou constantemente a serviço dos impulsos afetivos e místicos os menos defensáveis.

As opiniões e as crenças que formam um ideal são construídas, não contra a razão, mas independentemente de toda razão.

(Les Opinions et les Croyances)

Fatores modernos da evolução dos povos.

Sumário

As verdadeiras características da era atual são: primeiro, a substituição do poder dos reis e das leis pelo poder dos fatores econômicos; em segundo lugar, o entrecruzamento dos interesses entre povos outrora separados e que não tinham em comum.

Diante da importância crescente dos fatores econômicos, a influência dos governos __ tão preponderante outrora __ torna-se a cada dia mais fraca. Eles obedecem agora às necessidades presentes e não comandam mais.

Com os progressos da ciência, da indústria e das relações internacionais, nasceram todo-poderosos senhores aos quais os povos e até mesmo seus soberanos devem obedecer.

(Psychologie Politique)

As exigências da massa.

Sumário

As mentalidades primitivas não conhecem a injustiça, nem o absurdo, nem o impossível. Como elas formam a maioria, somos obrigados a aturar suas fantasias, interpretadas pelos escravos da massa.

(Psychologie Politique)

Conflitos modernos entre a multidão e a elite.

Sumário

No mundo antigo só se podia enriquecer, como fizeram os romanos, arruinando outros povos.

Nos tempos modernos, é difícil enriquecer sem aumentar ao mesmo tempo a prosperidade geral. Esse enriquecimento coletivo é devido à influência das elites. As civilizações do tipo moderno, criadas pelas elites, só podem viver e evoluir através delas.

Jamais estas últimas foram tão necessárias quanto hoje em dia. Jamais, no entanto, elas foram tão dificilmente suportadas.

Um dos problemas modernos é fazer conviver a elite __ sem a qual um país não pode sobreviver __ e uma massa imensa de trabalhadores que aspiram esmagar essa elite com tanto furor quanto os bárbaros que se dedicaram outrora a saquear Roma...

O antagonismo desaparecerá no dia em que as massas, conscientes de seus verdadeiros interesses, descobrirão que o desaparecimento ou o enfraquecimento das elites produziria rapidamente a pobreza para elas, no início e a ruína em seguida.

(Psychologie Politique)

O papel da opinião pública na vida dos povos.

Sumário

A opinião pública sempre dominou o mundo, mas jamais quanto hoje em dia.

Napoleão já havia constatado sua influência considerável; ela era, segundo ele, uma potência invencível, misteriosa, a qual não resiste.

Quem se torna senhor da opinião pública pode levar um povo aos atos mais heroicos, bem como às mais absurdas aventuras.

Os homens de Estado superiores sempre souberam dirigir a opinião pública; os políticos medíocres se limitam a segui-la.

(Psychologie des Temps Nouveaux)

A influência da mentalidade popular sobre os governos.

Sumário

O povo soberano é tão adulado hoje em dia quanto foram outrora os piores déspotas. Seus apetites insaciáveis e suas mais ininteligíveis aspirações suscitam admiradores e servidores.

Para os políticos, servidores da plebe, os fatos não existem; as realidades não têm nenhum valor; a natureza deve se curvar a todas as fantasias da massa.

(Psychologie Politique)

As mentalidades radical e jacobina.

Sumário

A mentalidade radical moderna é totalmente semelhante à mentalidade jacobina da época revolucionária. O jacobino não é, na realidade, um racionalista, mas um crente. Longe de construir sua crença sobre a razão, ele molda argumentos racionais sobre sua crença e jamais é influenciado por um argumento racional, qualquer que seja sua justeza.

Sua visão das coisas, sempre muito curta, não lhe permite resistir aos impulsos passionais poderosos que o guiam.

O jacobino é, na realidade, um místico que substituiu suas velhas divindades por deuses novos. Imbuído do poder das palavras e das fórmulas, ele lhes atribui um poder misterioso. Para servir essas divindades exigentes, ele não recuará diante das mais violentas medidas.

(Psychologie des Révolutions)

Evolução dos grandes princípios revolucionários. O progresso moderno do despotismo.

Sumário

Não foi numa era de liberdade, nem de fraternidade que a humanidade entrou. Rejeitada pelos socialistas e os partidários do estatismo, a liberdade representa apenas um símbolo incerto. Repelida por todos os defensores das lutas de classe, a fraternidade continua uma ilusão, sem prestígio.

Da tríade revolucionária sempre gravada em nossos muros, apenas a igualdade viu seu poder crescer. Transformada em divindade dos tempos novos, ela continuará sem dúvida a expulsar os reis de seus tronos e os deuses de seus santuários, até o dia em que, não realizando mais as esperanças dos povos, ela perecerá, por sua vez.

Os discursos de todos os oradores políticos, do início da Revolução Francesa até nossos dias, proclamam sem parar o ódio ao despotismo e o amor à liberdade.

A história desse período revela, pelo contrário, o horror profundo à liberdade, sobretudo a dos outros e o gosto pela tirania.

Todas as batalhas políticas giram quase exclusivamente sobre a questão de saber qual partido exercerá essa tirania e quais classes de cidadãos a suportarão.

(Psychologie Politique)

CONCLUSÃO GERAL

Sumário

Com as citações precedentes se encerra este volume, no qual eu tentei mostrar algumas das grandes orientações da história e as necessidades que guiam seu curso.

Desde a época distante em que, confinada nas trevas da pré-história, a humanidade não tinha outro motivador de atividade além das necessidades de se alimentar e de se reproduzir, o mundo foi várias vezes transformado. Às primitivas condições de existência que orientaram a humanidade em sua aurora e que, para a grande maioria das pessoas, continuam a ser as únicas a orientá-las, outros motivadores de ação se acrescentaram progressivamente. Desses motivadores, os mais poderosos foram as ilusões benfazejas ou nocivas, poderosas sempre, que dirigiram os povos durante a sucessão das eras.

*

* *

Apesar das luzes projetadas por numerosas descobertas, a interpretação dos grandes fenômenos históricos continua bastante ineficiente ainda e a maior parte das questões continua sem resposta. Como os grandes alucinados criadores de mitos conseguiram fazer

nascer os deuses diversos que regeram a história? Como o real surge do irreal? Como nascem e se transformam as vontades populares? Porque o papel dos erros coletivos na vida dos povos é superior ao da razão?

Se a história está cheia de obscuridade e de ilusórias interpretações, é porque ela não passa, na realidade, de uma exteriorização de alguns fenômenos misteriosos cujo conjunto constitui a vida. O estudo da vida é indispensável à compreensão da história. Por isso, acreditamos dever falar nesta obra das leis que a regem.

A história __ narração de algumas manifestações da vida __ tem, portanto, suas origens num domínio sempre misterioso, pois todos os fenômenos, desde a formação de uma simples célula até ao desenvolvimento cerebral do pensamento, continuam, neste ponto, tão incompreensíveis que é impossível formular uma hipótese para explicá-los. Compreender a vida do mais modesto organismo está muito acima dos recursos da inteligência.

Não se pode desesperar, no entanto, por algum dia conseguir penetrar nessa região obscura. O compreensível de hoje é formado pelo incompreensível de ontem.

O estudo de uma evolução tal comporta dois estágios diferentes. No primeiro, os fenômenos são simplesmente constatados. No segundo, eles são compreendidos. Estes diferentes graus do conhecimento são observados facilmente no seio do pensamento moderno.

É preciso aceitar bem, com efeito, certas explicações que não se pode ainda compreender. É por isso, por exemplo, que se difunde cada vez mais a ideia de um universo em transformação perpétua, sem começo, sem limites e sem fim. À eternidade colocada diante de nós, de uma concepção relativamente fácil, se acrescenta a eternidade situada por detrás de nós e que a mente parece obrigada a aceitar, mas que não conseguiria conceber. A própria geometria está baseada, como demonstrei há muito tempo atrás, em definições que a inteligência é forçada a admitir sem compreendê-las.

Para aprofundar um pouco o conhecimento da história, não se pode isolar o ser humano de seu meio, mas ligá-lo à longa série dos seres dos quais ele é o coroamento e ao universo, do qual ele representa apenas uma das manifestações.

Desta forma, fomos levados a estudar assuntos que parecem estranhos à história, mesmo que eles sejam seus reais fundamentos.

Paris, 1930.

FIM

SUMÁRIO

BASES CIENTÍFICAS DE UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA 3

INTRODUÇÃO **3**

As novas bases de uma filosofia da história. 3

LIVRO I **16**

Filosofia atual do mundo. A instabilidade do mundo e sua evolução. 16

CAPÍTULO I 16

As forças criadoras. A natureza do ser humano e os limites atuais de nossos conhecimentos. 16

CAPÍTULO II 23

Os fenômenos da vida e as formas ignoradas de inteligência. 23

CAPÍTULO III 30

As origens da atividade dos seres. A vida inconsciente no animal e no ser humano. 30

CAPÍTULO IV 38

A variabilidade das personalidades individuais e coletivas. 38

LIVRO II **47**

As diversas interpretações da história. 47

CAPÍTULO I 47

A variabilidade das personalidades individuais e coletivas. 47

CAPÍTULO II 54

As generalizações históricas. 54

CAPÍTULO III 62

As fontes de erros na história. O previsível e o imprevisível. 62
CAPÍTULO IV 70
O espírito crítico na história. 70
LIVRO III **81**
As reconstituições científicas da história. 81
CAPÍTULO I 81
Formas gerais da evolução social. 81
CAPÍTULO II 89
Determinação dos acontecimentos pelo testemunho. 89
CAPÍTULO III 98
Determinação dos acontecimentos históricos através do estudo dos monumentos, das inscrições e das medalhas. 98
CAPÍTULO IV 105
Determinação de alguns fenômenos sociais através da estatística. 105
CAPÍTULO V 108
Determinação da mentalidade de um povo através do estudo de suas produções literárias. 108
CAPÍTULO VI 117
Determinação do sentido das palavras no estudo da história. 117
LIVRO IV **121**
Os elementos criadores da história. 121
CAPÍTULO I 121
As forças ancestrais. 121
CAPÍTULO II 128

O caráter e a inteligência. 128

CAPÍTULO III 133

As crenças místicas com formato religioso. 133

CAPÍTULO IV 140

As crenças místicas com formato político. 140

CAPÍTULO V 147

Os costumes, a moral e a educação. 147

CAPÍTULO VI 154

As instituições políticas 154

LIVRO V **165**

Os elementos desagregadores da vida dos povos. 165

CAPÍTULO I 165

O declínio das crenças 165

CAPÍTULO II 169

As ilusões políticas. 169

CAPÍTULO III 179

Os conflitos entre as ideias modernas de igualdade e as desigualdades crescentes da inteligência. 179

CAPÍTULO IV 188

O moderno papel das multidões. 188

LIVRO VI **198**

Os novos fatores da história. _____ 198

CAPÍTULO I 198

A evolução econômica do mundo e os elementos modernos da prosperidade. 198
CAPÍTULO II 212
Situação atual dos principais Estados do mundo. 212
CAPÍTULO III 229
Os novos senhores do mundo. A hegemonia americana. 229
CAPÍTULO IV 241
A evolução das civilizações. 241
NOTAS COMPLEMENTARES 255
I 255
As bases reais do direito. 255
Concepções diversas do termo “democracia”. 256
O princípio das nacionalidades. 258
Utilização dos documentos psicológicos no governo dos povos. 259
Determinação da evolução social pelo estudo dos diversos povos. 262
O socialismo como crença religiosa. 264
Impotência da lógica racional contra certas forças coletivas. 265
As concepções possíveis da história. 266
II 269
As forças diretrizes do universo e a explicação dos fenômenos. 270
O imprevisível na história 272
As forças psicológicas. 273
As formas de lógica que regem a história. 275
A vontade consciente e a vontade inconsciente. 276

O papel do inconsciente na vida dos povos. 277
Características fundamentais das massas. 278
O manejo das armas psicológicas. 280
Influência do passado na vida dos povos. 281
Rigidez e mobilidade dos agregados psicológicos que constituem o caráter. 282
Propagação das crenças e contágio mental. 283
O ideal e a razão na vida dos povos. 284
Fatores modernos da evolução dos povos. 286
As exigências da massa. 286
Conflitos modernos entre a multidão e a elite. 287
O papel da opinião pública na vida dos povos. 288
A influência da mentalidade popular sobre os governos. 289
As mentalidades radical e jacobina. 289
Evolução dos grandes princípios revolucionários. O progresso moderno do despotismo. 290
CONCLUSÃO GERAL **292**
SUMÁRIO **295**